



TENTATIVAS DE ANIQUILAMENTO DE SUBJETIVIDADES **LGBTIS**



Conselho
Federal de
Psicologia

Conselhos
Regionais de
Psicologia

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA
CONSELHOS REGIONAIS DE PSICOLOGIA
COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS DO CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA
COMISSÕES DE DIREITOS HUMANOS DOS CONSELHOS REGIONAIS DE PSICOLOGIA

TENTATIVAS DE ANIQUILAMENTO DE SUBJETIVIDADES L G B T I s



BRASÍLIA, junho de 2019
1ª Edição

É permitida a reprodução desta publicação, desde que sem alterações e citada a fonte. Disponível em www.cfp.org.br. Distribuição gratuita.

Direitos para esta edição – Conselho Federal de Psicologia: SAF/SUL
Quadra 2. Bloco B, Edifício Via Office, térreo, sala 104, 70070-600,
Brasília-DF. (61) 2109-0100/ www.cfp.org.br
Impresso no Brasil – Junho de 2019

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2019.

316.647.8 Conselho Federal de Psicologia.
C766t Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs /
Conselho Federal de Psicologia. – Brasília, DF : CFP, 2019.
220 p.

ISBN: 978-85-89208-93-2

1. Subjetividades. 2. LGBTIs. 3. Identidade de gênero.
4. Orientação sexual. 5. Aniquilamento. I. Título.

Sistema de Bibliotecas da Universidade São Francisco - USF
Ficha catalográfica elaborada por: Tatiana Santana Matias - CRB-08/8303

1ª Edição - 2019

ORGANIZAÇÃO:

Conselho Federal de Psicologia

Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia

REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS:

Conselhos Regionais de Psicologia

Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia

Projeto Gráfico

Agência Movimento

Diagramação

Agência Movimento

Revisão

Nita Queiroz

Coordenação/CFP

Miraci Mendes Astun – Coordenadora-geral

Cibele Tavares – Coordenadora-adjunta

Gerência de Comunicação

Luana Spinillo - Gerente

Gêrencia de Relações Institucionais

Daniel Arruda Martins – Gerente

Marília Mendes de Almeida – Assessora I

Plenário responsável pela publicação

Conselho Federal de Psicologia

XVII Plenário – Gestão 2017-2019

DIRETORIA

Rogério Giannini – Presidente

Ana Sandra Fernandes Arcoverde Nóbrega – Vice Presidenta

Pedro Paulo Gastalho de Bicalho – Conselheiro Secretário

Norma Celiane Cosmo – Tesoureira

CONSELHEIROS EFETIVOS

Iolete Ribeiro da Silva – Secretária Região Norte

Clarissa Paranhos Guedes – Secretária Região Nordeste

Marisa Helena Alves – Secretária Região Centro-Oeste

Júnia Maria Campos Lara – Secretária Região Sudeste

Rosane Lorena Granzotto – Secretária Região Sul

Fabian Javier Marin Rueda – Conselheiro 1

Célia Zenaide da Silva – Conselheira 2

CONSELHEIROS SUPLENTES

Maria Márcia Badaró Bandeira – Suplente

Daniela Sacramento Zanini – Suplente

Paulo Roberto Martins Maldos – Suplente

Fabiana Itaci Corrêa de Araujo – Suplente

Jureuda Duarte Guerra – Suplente Região Norte

Andréa Esmeraldo Câmara – Suplente Região Nordeste

Regina Lúcia Sucupira Pedroza – Suplente Região Centro Oeste

Sandra Elena Sposito – Suplente Região Sudeste

Cleia Oliveira Cunha – Suplente Região Sul (*in memorian*)

Elizabeth de Lacerda Barbosa – Conselheira Suplente 1

Paulo José Barroso de Aguiar Pessoa – Conselheiro Suplente 2

Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia

Coordenadora

Ana Luiza de Souza Castro (RS)

Integrantes

Carla Pinheiro França (BA)

Ematuir Teles de Sousa (SC)

Flávia Cristina Silveira Lemos (PA)

Francisco Theofilo de Oliveira Gravinis (CE)

Gabriel Medina de Toledo (SP)

Maria de Jesus Moura (PE)

Maria Orlene Daré (SP)

Marina de Pol Poniwas (PR)

Paulo Roberto Martins Maldos (SP)

Roberta Brasilino Barbosa (RJ)

Rosemeire Aparecida da Silva (*in memorian*)

Psicólogo Convidado

Héder Lemos Bello

O Conselho Federal de Psicologia agradece todas as pessoas envolvidas na realização das entrevistas, processo sem o qual seria impossível alcançarmos as histórias de vida aqui relatadas.

O Conselho Federal de Psicologia agradece, também, todas as pessoas que se disponibilizaram a responder as entrevistas expondo suas vivências, histórias, sentimentos, afetos e sofrimentos. Vivências estas, imprescindíveis para gerar as reflexões necessárias à construção de uma sociedade em que a diversidade é possível, acolhida e valorizada.

Eles não me entendem.
Minha raiz é a mesma da deles,
Mas sou gay num “lar” evangélico,
Duas coisas que eles não deixam conviver.
Eu fui jogado para fora pela doutrina.
Tentaram me curar do que eles chamam doença.
Fiz oração chorando todas as manhãs às 8h:
“Deus, tira de mim isso. Não quero ser gay.”
Um dia desmaiei depois de um jejum de três dias, sem água e sem comida e
me disseram que era demônio.
Renunciei, pedi perdão, fiz penitência,
Mas meu coração não mudou.
Segui anos de cabeça baixa e nem aperto de mão eu me permitia dar em outro
homem.
Olhos fechados, corpo disciplinado, pernas que jamais podiam se cruzar.
Joguei futebol porque é isso que homem faz.
“Tenho que aprender a ser homem para gostar de mulher”, meditei.
Seu problema é que seu pai não foi presente e
sua mãe tomou toda cena.
Eles te estragaram.
E a condenação só aumentou.
“Eu não sou gay, isso é mentira do diabo”, o pastor pediu para eu repetir.
Repeti todo dia. Repeti todo dia que eu sou uma mentira do diabo.
O medo do inferno começou a se tornar uma certeza.
Eu falei com a doutora que meu comportamento andava bem, que eu nem
chegava perto de homem já fazia cinco anos.
Mas não posso receber alta porque meu desejo não mudou.
Pedi um remédio verdadeiro e ela não soube responder.
Ficou quieta e falou em me dar choques.
Me dizia que eu aprendi a ser gay.
Sou doente por doutrinação.
Mas como, se a doutrina me jogou para fora de casa? Se a doutrina me man-
dava para o inferno e me dizia que eu ficaria sozinho?
“Doutora, eu tô aqui porque eu não quero sofrer mais”, eu disse.
“Mas ser gay é sofrer”, eles ficaram me afirmando.
Sofra, porque seu sofrimento esconde o meu, foi o que sentia.
Eu não escolhi ser gay, mas me castigam, me espancam, me matam porque
dizem que sou um perverso.
“Doutora, eu sou virgem, nasci evangélico, nunca nem vi um gay na vida.”
Minha mãe não deixava eu ver TV e eu só ia à igreja, não ia em nenhum ou-
tro lugar.
“Será que eu fiz essa escolha?”
“Doutora, me tira da dor que você diz que eu me dei?”
Só ouvi silêncio.

(Hugo B. Martins, 2019)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	13
O simples fato de ser LGBTI fez com que eu sofresse tudo isso	19
Em nome da família, a minha vida se tornou uma grande aflição.....	36
Negam quem eu sou ao inventarem origens para a minha orientação sexual e expressão/identidade de gênero	56
Foi assim que os processos de busca para tentar deixar de ser quem sou se iniciaram.....	73
Tentaram fazer com que eu deixasse de ser LGBTI por meio de procedimentos e programas	88
As experiências de preconceito, violência, ódio e exclusão me fizeram sofrer intensamente	125
Nas intervenções “psicológicas” reproduziram seus preconceitos e moralismos	161
Foi assim que eu consegui enfrentar e resistir	168
Encontrei profissionais que me acolheram como eu sou.....	193
Considerações Finais	204
Anexo 1 - RESOLUÇÃO CFP N° 1, DE 22 DE MARÇO DE 1999	208
Anexo 2 - RESOLUÇÃO CFP N° 1, DE 29 DE JANEIRO DE 2018	211
Anexo 3 - RESOLUÇÃO N° 10, DE 27 DE MARÇO DE 2018	216

APRESENTAÇÃO

O livro “Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs”, organizado pelo Conselho Federal de Psicologia, por meio de sua Comissão de Direitos Humanos, apresenta um mosaico de histórias de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTIs¹) que retratam os intensos sofrimentos ético-políticos² e os processos de resistência decorrentes de diversas formas de violências, preconceitos, injúrias e exclusão.

Em março de 2017, um grupo de psicólogas(os) acionou a Justiça Federal da Seção do Distrito Federal para suspender os efeitos da Resolução CFP nº 01/1999, que estabelece normas de atuação para psicólogas(os) em relação à questão da orientação sexual³. Na ocasião, a Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia recebeu denúncia de uma pessoa que havia sido

1 Nesta obra, o uso das denominações lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais e da sigla LGBTI refere-se a autodeterminação escolhida pelas pessoas entrevistadas, considerando que a autodeterminação se constitui em um processo que garante a autonomia de cada sujeito para determinar sua identidade de gênero.

2 A expressão sofrimentos ético-políticos “abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. Qualifica-se pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade, face a face ou anônima, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social. Portanto, o sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto” (SAWAIA, 2001, p. 104).

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2 ed, 2001

3 Refere-se ao desejo afetivo e/ou sexual por outra pessoa (homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade, pansexualidade, entre outros).

submetida a uma tentativa de “reversão” de orientação sexual. Reunida com as Comissões de Direitos Humanos do Sistema Conselhos de Psicologia, a Comissão de Direitos Humanos do CFP tomou ciência de outras tentativas de “reversão”, que abarcavam também expressões/identidades de gênero⁴. Fatos esses que ocorreram quase 20 anos após o início de vigência Resolução CFP nº 01/1999, o que causa bastante preocupação. Isso evidencia a existência de práticas de patologização dos comportamentos e práticas não hetero/cis⁵, bem como atos excludentes e geradores da violação dos direitos.

Reafirmando o compromisso com os direitos humanos e o respeito à diversidade sexual, em 12 de setembro de 2018, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) ingressou no Supremo Tribunal Federal (STF), com Reclamação Constitucional solicitando concessão de liminar para suspender os efeitos da sentença proferida por um juiz da 14ª Vara Federal do Distrito Federal em favor da ação popular que trata da Resolução do CFP nº 01/99. Apesar de manter a integralidade do texto da referida resolução, a sentença determinava que o CFP a interpretasse de modo a não proibir que profissionais da Psicologia atendessem pessoas com o objetivo de “reorientar” a sexualidade. No dia 24 de abril de 2019, a ministra Cármen Lúcia, do STF, suspendeu a decisão do referido juiz, afirmando: “Sem prejuízo da reapreciação da matéria no julgamento do mérito, defiro a medida liminar requerida para suspender a tramitação da Ação Popular [...] e todos os efeitos de atos judiciais nela praticados, mantendo-se íntegra e eficaz a Resolução nº 1 do Conselho Federal de Psicologia”. Tal decisão configurou-se uma vitória importante para a Psicologia brasileira e a sociedade como um todo, no que se refere ao respeito aos direitos fundamentais e à autonomia do CFP em normatizar a profissão de psicólogo(o).

4 Expressão de gênero refere-se à forma como cada sujeito apresenta-se a partir do que a cultura estabelece como sendo da ordem do feminino, do masculino ou de outros gêneros. Identidade de gênero refere-se à experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo e outras expressões de gênero.

5 Identidade/expressões de gênero concordante com aquela designada no nascimento.

Em janeiro de 2018, o Conselho Federal de Psicologia publicou a Resolução CFP nº 01/2018, que estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis. Essa resolução amplia o compromisso ético-político das(os) psicólogas(os) em relação ao enfrentamento do preconceito e do ódio à população de travestis e transexuais, bem como afirma a despatologização das travestilidades e transexualidades, apostando em um modelo de saúde integral alicerçada pela autonomia e autodeterminação das pessoas em relação ao seu gênero e corpo.

Em consonância com o Código de Ética Profissional do Psicólogo e com as referidas resoluções, pautados pela defesa dos direitos humanos e preocupados com o desrespeito à qualidade e à ética do exercício profissional, os Conselhos Regionais de Psicologia realizaram as escutas que resultaram nos relatos presentes neste livro. Importante ressaltar que nesse processo foram adotados todos os cuidados éticos necessários.

Cotidianamente, no Brasil, seres humanos são vítimas de discriminação, violências e assassinatos apenas por manifestarem orientações sexuais e expressões de gênero não heterocis. Com esta publicação, esperamos contribuir com a reflexão a respeito do tema e, ao mesmo tempo, combater preconceitos que trazem sofrimento, violência e exclusão.

Desejamos a todas(os) boa leitura!

XVII Plenário do Conselho Federal de Psicologia
Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia

INTRODUÇÃO

Neste livro, o termo aniquilamento desperta no mínimo curiosidade. A sua etimologia, do latim *annihilare*, remete ao sentido de redução. Reduzir alguma coisa ao nada até tornar-se algo nulo. A combinação da palavra “aniquilamento” com o vocábulo “subjetividade” aponta para práticas de anulação de formas diversas e plurais de existir e de ser no mundo. A expressão “aniquilamento de subjetividades” refere-se, então, aos processos de destruição, de dilaceramento e de extermínio que tratam os sujeitos como se não tivessem valor.

Vale ressaltar que há em curso diversos processos de resistência face aos mecanismos de aniquilamento. A liberdade das diferentes formas de ser e existir da população LGBTI passa por tentativas de aniquilamento sempre que essas pessoas são submetidas a processos de “reorientação/reversão” da orientação sexual e identidade/expressões de gênero. No entanto, tais tentativas de anulação, ainda que recorrentes, não extinguem a possibilidade de que a constituição subjetiva seja ressignificada e opere por outros registros.

Esta obra busca contribuir com o debate a respeito das diferentes formas de opressão e vulnerabilidades a que lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais estão submetidas no contexto social, resultando em violações de direitos humanos. A função da Psicologia, enquanto ciência e profissão, não está apartada do compromisso ético e político com a dignidade de vida de qualquer pessoa, sendo necessário denunciar as negligências sociais e contribuir para o enfrentamento a quaisquer práticas que aniquilem subjetividades.

Dados produzidos por organizações governamentais e não governamentais demonstram um cenário de violência e ódio em relação às existências de subjetividades LGBTs no Brasil. Em 2016, o Ministério dos Direitos Humanos elaborou o relatório Violência LGTBfóbicas no Brasil⁶, em que consta o registro de 1.876 violações denunciadas por meio do Disque 100 somente naquele ano. O Disque 100 é um dos canais do governo federal para acolhimento de denúncias desse tipo de violência. Em 2018, Associação Nacional de Pessoas Travestis e Transexuais (Antra) divulgou um dossiê⁷ destacando a ocorrência de 163 assassinatos de travestis, mulheres transexuais, homens trans e pessoas não binárias⁸. Do mesmo modo, o Grupo Gay da Bahia divulgou relatório⁹ de 2018, registrando 420 mortes de pessoas LGBTs.

O Conselho Federal de Psicologia (CFP), por meio de sua Comissão de Direitos Humanos, e as Comissões de Direitos Humanos dos Conselhos Regionais de Psicologia se propuseram a ouvir narrativas de pessoas LGBTIs, que passaram por procedimentos e programas de tentativas de mudança de orientação sexual e identidade/expressões de gênero, realizadas por diferentes setores do campo psicológico, médico/psiquiátrico, religioso, entre outros.

Como parte da metodologia de trabalho, organizou-se um instrumento de entrevista semiestruturada que foi pactuado entre membros das Comissões de Direitos Humanos do

6 Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/lgbt/violencia-lgbtfobicas-no-brasil-dados-da-violencia/view>

7 Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf>

8 Pessoas que não se identificam com o sistema sexo-gênero imposto, que reforça os binarismos: masculino *versus* feminino, macho *versus* fêmea, homem *versus* mulher.

9 Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf>

Sistema Conselhos de Psicologia. Ao todo, foram realizadas 32 entrevistas, nas cinco regiões do Brasil: 31% no Nordeste; 28% no Sudeste; 22% no Norte; 13% no Centro-Oeste; e 6% no Sul.

O projeto de pesquisa que deu origem ao presente livro foi submetido, via Plataforma Brasil, ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Após cumprir os requisitos éticos constantes nas resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), o trabalho recebeu parecer favorável. Isso significa que a apuração, o registro e a compilação que resultaram nesta publicação foram pautados em um projeto que respeitou rigorosamente os princípios éticos basilares às pesquisas realizadas com seres humanos ¹⁰.

As entrevistas aconteceram entre dezembro de 2017 e março de 2018. Quanto à identidade de gênero declarada pelas 32 pessoas entrevistadas, a amostra é composta por: 19 homens cisgênero; seis mulheres cisgênero; dois homens transexuais; dois não binárie intersexual; uma travesti; uma mulher transexual; e uma mulher intersexual. Já em relação à orientação sexual, 56% se autodeclararam gays, 16% lésbicas, 13% heterossexuais, 6% bissexuais, 6% pansexuais e 3% não identificados. Metade (50%) dos sujeitos entrevistados se autodeclararam brancos, 25% pardos, 16% negros, 3% amarelos, 3% indígenas e 3% não declararam. No que tange à escolaridade, 25% concluíram a pós-graduação, 6% possuem pós-graduação incompleta, 28% têm ensino superior completo, 31% têm ensino superior incompleto e 10% concluíram o ensino médio. Dentre as pessoas entrevistadas, 19 possuíam entre 19 e 29 anos de idade; dez estavam na faixa etária de 30 a 59 anos; uma das entrevistadas tinha mais de 60 anos e outra não informou a idade.

10 O Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) desta pesquisa está registrado com o número 8496366187.0000.582.

O resultado da escuta foi sistematizado em categorias e está apresentado nos dez capítulos desta obra. As narrativas da realidade concreta vivenciada pelas pessoas entrevistadas têm o propósito de contribuir para uma leitura crítica do fenômeno e dos processos de violência vivenciados pela população LGBTI.

Os dois primeiros capítulos – *O simples fato de ser LGBTI fez com que eu sofresse tudo* e *Em nome da família, a minha vida se tornou uma grande aflição* – apontam para aspectos sociais, culturais e familiares, ao apresentar narrativas de opressões cotidianas, por meio da violência física, verbal e psicológica, pelo preconceito e pela negligência social. Nos relatos descritos nesses capítulos, observa-se um verdadeiro campo de batalha em que, na opressão do dia a dia, socialmente se constroem silenciamentos da população LGBTI, na tentativa de apagá-los dos espaços públicos, familiares e institucionais.

Na sequência, o terceiro capítulo – *Negam quem eu sou ao inventarem origens para a minha orientação sexual e identidade/ expressão de gênero* – exemplifica explicações inventadas para a origem e a causa da existência de pessoas LGBTI. Observam-se relatos permeados por mitos de distúrbios, de perversões, de psicopatologias. Verificamos nas narrativas que as existências LGBTI são atribuídas a maldições, pecados, desvios morais e falta de estrutura familiar.

No quarto capítulo – *Foi assim que os processos de busca para deixar de ser quem sou se iniciaram* –, fica evidenciado que a procura pelos programas e procedimentos para a modificação da orientação sexual e/ou identidade de gênero é, em grande medida, uma imposição da família, de grupos religiosos, da rede de relacionamentos interpessoais. Mesmo que a decisão seja aparentemente autônoma/pessoal, ela objetiva minimizar o sofrimento experimentado em contextos LGBTIfóbicos.

O quinto capítulo – *Tentaram fazer com que eu deixasse de ser LGBTI por meio de procedimentos e programas* – apresenta as diferentes práticas e ofertas de “tratamento” experimentadas por pessoas LGBTIs que “buscaram” e/ou foram submetidas a programas de modificação da orientação sexual e identidade/expressão de gênero. Nele é possível notar, a partir das diferenças entre as narrativas, a existência de especificidades nas tentativas de aniquilamento da sexualidade e das identidades e expressões de gênero. Enquanto pessoas trans e intersexuais estão mais propensas a serem submetidas a tratamentos medicamentosos e a internações de ordem médica e/ou psiquiátrica – evidenciando a lógica da patologização das travestilidades, transexualidades e intersexualidades –, a grande maioria das pessoas lésbicas, gays e bissexuais são submetidas a procedimentos de cunho moral, religioso e espiritual.

No capítulo sexto – *As experiências de preconceito, violência, ódio e exclusão me fizeram sofrer intensamente* é possível visualizar os efeitos e o sofrimento ético-político em decorrência das tentativas de aniquilamento das subjetividades LGBTIs. As narrativas contidas nesse capítulo demonstram práticas que produziram marcas físicas, materiais e simbólicas, sejam em virtude de opressões cotidianas não formalizadas em programas de “tratamento” (capítulo seis), sejam a partir de experiências formalizadas de “reversão” (capítulo sete).

Nesse cenário, estão presentes indícios de faltas éticas cometidas por profissionais psicólogas(os), apresentadas no sétimo capítulo: *Nas intervenções “psicológicas” reproduziram seus preconceitos e moralismos*. Tais indícios respaldam-se tanto a partir das orientações contidas no Código de Ética Profissional da(o) Psicóloga(o), quanto nas Resoluções CFP nº 01/1999 (Anexo 01) e CFP nº 01/2018 (Anexo 02), que orientam o exercício profissional da Psicologia, no que tange ao atendimento psicológico às pessoas

que manifestam diferentes orientações sexuais e expressões/identidades de gênero.

E, por fim, no oitavo e nono capítulos – *Foi assim que eu consegui enfrentar e resistir e Encontrei profissionais que me acolheram como eu sou* –, estão reunidos relatos de enfrentamentos ao cenário de violência apresentado. Observa-se que esses enfrentamentos se deram tanto no campo do engajamento em movimentos sociais diversos, autoafirmação e orgulho LGBTI, entre outros (capítulo oitavo), quanto a partir de experiências de acolhimento por parte de diversos profissionais, tais como: psicólogas(os), médicos, assistentes sociais, lideranças religiosas, coordenadores de curso (capítulo nono).

O SIMPLES FATO DE SER
LGBTI FEZ COM QUE EU
SOFRESSE TUDO ISSO

Neste capítulo, foram distribuídos trechos de narrativas de experiências que retratam violências sociais e cotidianas a que estão submetidas pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTIs). Tais relatos demonstram a exclusão, o ódio, o preconceito, a discriminação e a naturalização da LGBTIfobia em espaços públicos e institucionais. Essas violências fazem parte da forma de organização social, que se estrutura por meio da negação da diversidade de orientação sexual e expressões de gênero. Denunciam, portanto, um modelo de sociedade opressor em que a base para ditar quais vidas são dignas de direitos é a cisheteronorma¹¹, cujas práticas vão desde violências simbólicas até mecanismos complexos como a patologização e normalização de algumas experiências. O simples fato de serem LGBTIs fez com que tais pessoas vivenciassem na pele as marcas da violência.

11 Regramento social que reduz a divisão das pessoas apenas a homens e mulheres, com papéis sociais estabelecidos como naturais. Postula a heterossexualidade como única orientação sexual e considera a conjugalidade apenas entre homens e mulheres cisgêneros.

Sou gay, homem cis, negro e tenho 23 anos de idade

Eu estava na parada de ônibus e chegou uma família: uma mãe, uma filha e o pai. E eu estava sentado, eu acho que eles não perceberam que eu era homossexual, e eles tavam falando de Deus e tal. Quando eu me levantei, a mãe – que estava com uma Bíblia na mão – percebeu e aí começou a falar que Deus não colocou gay no mundo, Deus colocou o homem e a mulher, que isso era pecado.

Sou não binária, pansexual, indígena e tenho 23 anos de idade

As vezes que eu sofri (preconceito) foi mais na rua, não foi muito dentro de casa, ou dentro de uma religião específica que alguém me forçou a isso. Eram mais pessoas desconhecidas, no meio da rua. Acontece frequentemente de me pararem em um canto e começarem às vezes a orar, a me obrigar, tipo: “Deus tem um caminho, uma obra na tua vida e ele quer te ver vestido como menino. Você não vai se vestir desse jeito porque tu não pensa em fazer isso. Tu acha que Deus está nesse caminho.” O que acontece comigo nessa intervenção é mais intolerância religiosa do que, de fato, a pessoa me empurrar como se eu não existisse. Era mais intolerância religiosa.

Tinha dias que era muito pesado para mim. Com essa aparência mais afeminada eu entrei muito no campo do fetiche. É por isso que eu costumo dizer que eu sei o que uma mulher (cis) passa no meio da rua porque eu sou como uma mulher também. É mão na bunda! É cantada! Teve uma vez que um cara passou a mão no meio das minhas pernas para saber de que sexo eu era. Isso

(aconteceu) no centro da cidade. Foi o que mais me marcou. Estava andando normal, conversando com a minha mãe e o cara: “Poxa quem é esse aí?” O cara falou: “Isso aí não é uma mulher, isso é um homem.” E eu fiquei surpreso.

As pessoas no meio da rua me agrediam com palavras, tirando piadinhas, era “viadinho”, “mulherzinha”, “entra no meu carro para eu poder te comer”. Eram essas coisas. Eu estava saturado nesse dia, e na escola eu tinha tirado nota baixa, eu estava muito mal, muito mal mesmo, e eu lembro que um caminhão passou e o cara falou: “Ei, gostosa. Vixe, não é gostosa não. É uma mulher com tromba.” Eu estava com a farda da escola. Olhei e deu vontade de chorar, e comecei a chorar e fui para a minha casa.

(Hoje) eu falo de uma maneira normal, para mim acabou naturalizado essas agressões, as palavras, xingamentos... Tenho que estar atento ao meu redor, porque pode vir, como já aconteceu, de jogarem garrafa. Então, ou você anda 24 horas em alerta, ou você não sobrevive, ainda mais da forma que eu me visto e que eu me comporto na sociedade. Eu tenho esse carão, mostro para as pessoas que eu sou muito empoderada, aquela coisa toda, mas por dentro eu também tenho aquele sentimento que você chega em casa e: “Caraca, eu queria não ter passado por isso hoje. Hoje eu não estou com psicológico para isso.”

E é frequente: dentro do ônibus, no comércio quando eu chego, às vezes, andando no meio da rua, na empresa de transporte por aplicativos já aconteceu. Em qualquer local é natural acontecer isso, soltar uma piadinha, ou então começar aquele velho negócio do fetiche, como eu já falei. Eu sou muito “fetichado”. Então, a pessoa muitas vezes tenta se maquiar em um discurso “Não quero entender você, eu quero saber o que você é, eu quero saber o que é o movimento (LGBTI)”, aquela coisa toda, para no final só querer brincar comigo. Ou me agredir, caso não queira: “Ah, não queria mesmo deitar com viado.”, e começa a xingar, aquela coisa toda.

Sou travesti, heterossexual, branca e tenho 21 anos de idade

Então, tu imagina o que é um “baque” para uma pessoa que não está acostumada com isso. Tipo, é a porta do carro se abrir e tu ver que todo mundo ao teu redor parou para olhar para ti, uns te achando bonita, que é normal na sociedade, outros achando “nossa, que aberração”, entendeu?

Eu sou uma pessoa culta que detém conhecimento, mas porque sou travesti eu sou muito rotulada. As pessoas me veem como objeto infelizmente. Não adianta nada, eu passo por situações que eu não queria passar na rua. Eu não posso ficar em uma esquina que as pessoas se acham no direito de parar e perguntar se eu faço programa. Nas minhas redes sociais, as pessoas se acham no direito de vir até o meu privado e dizer: “Olha, você faz programa?” Sempre é assim.

Sou mulher intersexual, heterossexual, branca e tenho 28 anos de idade

Então, daí começou a repercutir na minha vida, tipo, de as pessoas ficarem me agredindo na rua, me apedrejarem. Tentaram até atacar a minha mãe. Depois disso, quatro anos nesse bairro, foi só piorando, piorando cada vez mais. E daí as pessoas parecem que elas usam a religião para colocar o de pior que elas têm. Porque, se Deus faz isso, permite esse tipo de atitude agressiva contra o diferente, eu também posso; se ele que é o grandioso pode, eu também posso então. E daí começaram a usar esse tipo de violência, assim, violência física, verbal, psicológica, perseguindo a mim e a minha mãe.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 31 anos de idade

Depois que eu mudei de uma escola pública para outra, isso na antiga 5ª série do ensino fundamental, ou no 6º ano do ensino fundamental, eu comecei a sofrer bullying. Os garotos começaram a falar que eu era bichinha, que eu era boiolinha e tal e foi a primeira vez que eu comecei a ter contato com essas palavras na minha vida. A energia que vinha, a forma como eu era afetado por aquilo é que me fez perceber que aquilo era ruim. Depois que eu fui juntar que bicha e boiola era gostar de menino. Então, eu entendi que realmente aquilo que aqueles meninos estavam dizendo era alguma coisa completamente negativa e que eu precisava me livrar.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 32 anos de idade

Então, eu acho que a minha infância foi bem complicada por conta disso tudo, a quantidade de bullying. Na escola eu era um aluno incrível, um menino inteligente, dedicado e tal, e ao mesmo tempo eu era o cara de quem os meninos tinham raiva, não gostavam de mim, viviam me ameaçando gratuitamente. Então, eles ficavam parados na frente da escola esperando eu sair para poder bater em mim, por quê? Por nada, só porque eu era diferente deles, entendeu? E isso incomodava muito eles. Eu, realmente, tenho lembranças péssimas, muito ruins da minha infância nesse sentido.

Chorei muito, só que eu não sabia que isso ia piorar mais ainda. Foi quando eu entrei na adolescência porque aí, eu entendo, que realmente fiquei muito traumatizado. Porque aí você vai virando homenzinho e os meninos vão tentando... E aí você vai tentando perder aqueles trejeitos que todo mundo fala que você tem e tal, enfim. Isso se intensificou ainda mais no início da minha adolescência e até pela questão de também ter uma condição melhor de ir compreendendo mais as questões de todo o ensino religioso que eu recebia. Então, você vai assimilando a lógica deles, daquilo que está sendo te passado, porque tem lógica dentro... Eu não sei como que explica isso. Dentro do mundo deles, tem uma lógica, você entendeu? Então, você assimila isso, você traz, você puxa isso para você.

Sou mulher trans, branca e tenho 66 anos de idade

Na escola era pior ainda. Dentro da escola era aquele bullying danado, entendeu? Era terrível. Uma das piores coisas que eu passei, foi quando eu estava, eu acho, na sexta série e nos primeiros dias de aula invadiram a minha sala os alunos começaram a jogar papel em mim, jogar lixo em cima de mim, e fazer aquela algazarra e terminou chamando a gente para ir para a sala de diretoria. E quando nós chegamos lá na sala da diretoria, o que aconteceu? Aconteceu que o diretor, ele mandou a gente entrar e em momento nenhum falou nada contra aos que estavam xingando a gente, ficou por conta nossa. “Vocês são isso (viado)”, disse o diretor da escola. Eu falei: “Não, isso para mim é um animal, mas eu não sou um animal, eu sou um ser humano.”

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 21 anos de idade

“Você mudou o nome, você é trans?”, perguntaram. Eu disse: “Sim”. Aí, começaram: “Como foi o processo?” Assim, foi difícil até agora, e eu sei que não vai ser fácil. Eu ficava pensando: “Como que eu vou contar isso para a minha mãe? Como que eu vou conseguir fazer alteração nos registros da faculdade?” Porque, infelizmente, a faculdade, ela ainda é um pouco, digamos que, normativa para esse tipo de coisa.

Sou não binária, intersexual, pansexual e tenho 26 anos de idade (raça não declarada)

E para completar, por exemplo, lá no Hospital Espírita Kardecista – eu já tinha me empoderado da minha identidade de gênero – também não aceitavam isso, tanto que eu fiquei em um pavilhão feminino. Eu acho que eram 30 ou 40, não sei, mulheres no pavilhão que eu estava, e eu lá, sendo tratada o tempo inteiro por nome de registro. E isso também me humilhava, sabe? Me fazia ficar mal. Essas coisas é que me deixavam mal, na verdade, eu não tinha problema nenhum comigo.

Sou mulher intersexual, heterossexual, branca e tenho 28 anos de idade

Eu mantinha meu cabelo originalmente assim, longo, e prendia e tal. E daí, nessa época, esse zelador entrou na sala e falou que o meu cabelo estava comprido. Ele disse: “Eu conheço (gente) assim que é que nem você, que é afrescalhado, mas você não pode ser assim na escola, você está muito novo ainda para ser assim, esconde isso, assume quando você sair da escola.”

Elas administravam alguns setores da igreja e começaram a me cercar, sabe? Diziam que estava acontecendo alguma coisa comigo, porque eu estava com 14 anos e, ao invés de eu estar parecendo com um menino, eu estava parecendo uma menina. O que estava acontecendo? Aquilo não podia, que Deus não ia permitir aquilo, sabe? E se quisesse elas me apresentariam uma psicóloga, que também ajudaria fazendo atendimento individual.

Foi caçando a gente, foi expulsando um a um, e eu fui a primeira. Porque eu quebrava o padrão de gênero lá. Ele (padre) me expulsou no meio da missa. Ele falou que Deus não aceitava essas aberrações, olhando para mim. Aí, assim, eu saí.

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 21 anos de idade

Quando chegou a consulta com o psiquiatra, ele viu um homem, me tratou pelo nome que estava na ficha e tal. Aí eu fui explicar para ele: “Bom, o motivo real de eu ter vindo procurar você é que, na verdade, eu sou uma pessoa trans e eu não me identifico com o gênero que eu nasci e o que eu quero fazer é trabalhar isso, no caso aqui, porque eu já faço acompanhamento psicológico e quero trabalhar com você em relação a transição de gênero”. Aí ele me questionou porque eu queria isso. Eu falei: “Porque eu não me identifico com esse gênero e desde criança eu sempre fui percebendo vários e vários comportamentos ditos para menino, digamos assim. E eu percebi que realmente a insatisfação maior que eu tinha era em relação ao meu corpo e eu queria de alguma forma, modificar isso.”

Ele ficou meio assim e disse: “Mas eu acho que não é isso, eu acho que você está inseguro em relação a isso.” Aí eu fiquei tipo: “Não, mas eu estou realmente seguro dessa decisão.” E ele falou: “Você sabe que é uma mudança drástica e que você já conseguiu ultrapassar até mesmo a faixa de...” – agora eu não me lembro mais. Aí eu disse: “Eu sei que, infelizmente, acontece isso.” Ele disse: “Pois é, então, nesses 21 anos você já tem uma vida com esse nome, você já tem uma vida nesse gênero e você sabe que se você mudar ele, você vai mudar sua vida completamente.” Eu disse: “Eu sei e é isso que eu quero, eu quero fazer essa mudança.”

Aí ele ficou questionando, e já bateu aquele arrependimento de ter procurado porque eu sei que não é algo fácil, mas que pelo menos ele tentasse conversar para tentar entender melhor a minha situação, não que ele fosse fazendo esse tipo de questionamento como se eu tivesse sempre errado na história. Aí ele foi e falou coisas desse tipo: “Vou receitar esse medicamento aqui para você e daqui um mês você me

procura que a gente vai ver como é que vai ficar essa situação.” Pelo o que eu vi, pelo o que eu pesquisei era um antidepressivo. Então, aí veio aquele questionamento do tipo: “Mas ele acha que é por causa da depressão que eu estou tentando começar a transição de gênero? Ele acha que eu tomando esse medicamento daqui um mês eu vou chegar e falar para ele que realmente era isso, eu não quero mais mudar de gênero?”

Sou mulher intersexual, heterossexual, branca e tenho 28 anos de idade

Eu tinha que fazer o que o médico estava falando, porque ele sabia o que era bom para mim e Deus que estava por trás daquilo. Dava para ver que ele tinha uma fé e que aquela fé foi colocada no diagnóstico dele.

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 21 anos de idade

Só que o que complica um pouco é porque uma das coisas principais, digamos assim, que é o endocrinologista – quem receita (a medicação) para quem quer começar o tratamento hormonal – infelizmente não tem lá e também é difícil encontrar algum endocrinologista na rede particular que ajude nesse tipo de tratamento. Alguns fazem as coisas mais básicas, digamos assim, mas quando é algo mais complexo, no caso, para fazer receita para começar um tratamento para a transição de gênero, é mais complicado. Alguns não querem fazer o processo porque não têm essa experiência e, para não acabar prejudicando a pessoa e até eles mesmos, eles optam por não fazer. Então, quando eu fui procurar a assistência, foi bem complicado.

Sou não binária, pansexual, indígena e tenho 23 anos de idade

Frustração foi quando eu tentei doar sangue. Porque eu queria doar sangue e quando eu descobri que LGBTI não pode doar sangue eu fiquei frustrado. “Por que não? Qual o motivo de eu não poder doar sangue?” Eles respondiam: “Você tem tatuagem.” Eu dizia: “Mas já faz tempo que eu fiz.” Foi quando eu descobri que tinha esse pequeno detalhe, que eu tinha que mentir para as pessoas, dizer que eu sou heterossexual para poder me esquivar de várias outras questões. Eu tinha amigas lésbicas que também mentiam para poder doar sangue e até hoje elas doam. Só que elas se passam de heterossexual. Eu não consigo ter que esconder, sendo que é o mesmo sangue. Eu poderia estar salvando uma vida, mas eu não posso por causa de um detalhe, e isso foi frustrante para mim, demais, ainda me causa revolta.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 38 anos de idade

Por mais que, no caso, eu soubesse que era diferente, assim, eu era gay e tinha uma orientação, sempre houve condutas impostas o tempo todo. Eu lembro que na minha adolescência eram coisas muito veladas. A sexualidade, assim, ela foi meio que, como é que eu posso te dizer? Ela foi meio que escondida. A minha sexualidade foi meio escondida, foi meio que uma coisa, como é que eu posso arrumar uma palavra para falar agora? Foi uma coisa que eu sabia, mas pela imposição que me foi colocada o tempo todo, a minha orientação (sexual) foi silenciada. A palavra certa é silenciada.

Sou mulher trans, branca e tenho 66 anos de idade

O fato de eu ter feito 18 anos não foi um marco assim: “Agora eu sou homossexual.” Não, mas coincidiu para eu me sentir confortável em falar sobre isso com alguém. Aí eu mandei para a minha melhor amiga na época e ela também não aceitou. Ela falou: “Mas você não é viado, você não é gay, você é hétero. É só uma fase que você está passando.”, todo aquele clichê hipócrita. É porque, na realidade, eu tinha namorado com uma menina durante três meses. No ambiente que eu estava inserido, eu só podia ficar com mulheres. Então, por mais que eu sentisse algo por homens, eu só poderia ficar com mulheres.

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 21 anos de idade

Vem todo aquele processo ainda de aceitação. Você sabe que você é daquele jeito, mas você não quer se aceitar daquele jeito por toda a pressão que a sociedade coloca de que você tem que ser de tal maneira.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 19 anos de idade

Porque eu sempre achei muito estranho. Eu sempre vivi em um meio muito machista, então eu achava que aquilo ali era errado. Eu vivi durante algum tempo achando que aquilo ali não era certo, sempre procurava namorar com meninas, sempre tentava, como diz o meu pai, “ter jeito de homem”. Eu acho que eu descobri mesmo do que eu realmente gostava, quando eu ganhei um celular, baixei um aplicativo e conheci uma pessoa pelo celular, e tive um relacionamento com ela.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 43 anos de idade

Hoje compreendo que eu me conformei com a situação (relacionamento conjugal heterossexual), resolvi ir adiante, mantive até onde deu para manter, e aí vi o grande problema que foi a busca na igreja para fortalecer as bases desse casamento falido. Então, a igreja surge nesse processo como uma espécie de, sei lá, uma garantia, ou um “elastecimento” de que fosse eternizado, através de uma cura, ou através de um procedimento, que eu seria uma pessoa que só teria interesse por mulheres. Vamos ser bem diretos: não consegui ter ereção com as mulheres.

Sou bissexual, mulher cis, branca e tenho 26 anos de idade

“Meu Deus, agora que preciso achar um homem para eu namorar, porque não é possível, não existe isso de perder a virgindade com uma mulher. Eu preciso de um cara ao meu lado.” Sei lá, eu entrei em uma paranoia, e eu tinha uma amiga crente também que falou: “Não, amiga, isso aí está errado.” Enfim, o primeiro homem que passou na minha frente eu já dei moral para ele e já comecei a namorar.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 31 anos de idade

Eu tinha entre 14 e 16 anos nessa época e aí com 16 anos eu consegui falar pela primeira vez que eu era gay com um pastor. Em um momento de certa comoção, eu virei para esse pastor, que também não era da minha igreja local, e disse para ele que eu era gay e aí ele olhou para mim – eu lembro até hoje –, ele olhou dentro dos meus olhos e falou assim: “Você não é gay, isso é uma mentira do diabo.”. Então, a primeira vez que eu assumi, falei para alguém que eu era gay, eu recebi uma resposta negativa, dizendo que a homossexualidade era uma coisa que não existia, ou seja, que eu não era gay. Eu lembro que eu fiquei confuso com isso. Ao mesmo tempo em que eu fiquei confuso, isso também me trouxe certo conforto na hora. Pensei: “Então, isso deve ser, sei lá, uma coisa da minha cabeça e eu não tenho que pensar muito nisso.”

Sou não binária, pansexual, indígena e tenho 23 anos de idade

Eu lembro que quando eu entrei na crisma, o padre dizia assim: “Isso aqui é tudo o que... lista de pecados.”. Quando eu olhei e entreguei para ele eu disse: “Fiz tudo.” Tanto que ele falou: “Até a homossexualidade?” Aí eu pensei: “Não, esse item não.” Eu menti para ele na hora. Eu fiquei pensando não de reorientar, mas teve processo na minha vida que eu tentei mudar isso, me forçar a fazer coisas que eram ditas como normais à sociedade.

EM NOME DA FAMÍLIA, A
MINHA VIDA SE TORNOU
UMA GRANDE AFLIÇÃO

Neste capítulo, foram distribuídos trechos de narrativas de experiências de preconceito e exclusão vivenciadas por pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTI) em contextos familiares. As falas expressas retratam um cenário de negligência familiar que reproduz as lógicas opressoras e aniquiladoras de nossa sociedade. As tentativas de negação e aniquilamento das subjetividades LGBTIs são manifestadas das mais diversas formas: invasão de privacidade; inquirição sobre o desejo da outra pessoa; vigilância e normatização constante sobre o comportamento expresso; exigências de prestação de contas sobre a orientação sexual e identidade de gênero; quebra de vínculos; violências verbais, físicas e psicológicas; olhar de condenação; e destituição do outro de sua humanidade. São histórias de violências calcadas na ideia de que a heterossexualidade é a única forma possível de manifestação do desejo, afeto, carinho e organização familiar, bem como a cisgeneridade a única possibilidade de regulação de gênero e corpo.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 19 anos de idade

A minha mãe estava um dia mexendo no (meu) celular. Já namorava há seis meses com um menino, e a minha mãe pegou o meu celular e viu as conversas, e meio que ela tirou isso de mim. Então, eu não tive a opção de me assumir, ou de saber se era aquilo ali o que eu... Quando a minha mãe descobriu, eu estava indo para a escola pela manhã. Ela não falou nada, passou a madrugada inteira olhando as minhas conversas junto com o meu padrasto. Acredito que ela não tinha essa mentalidade para poder olhar tudo, tomar uma decisão. Como mãe, ela deveria conversar, mas a reação dela foi totalmente diferente. Ela simplesmente me olhou, uma olhada que eu nunca vou esquecer. Ela me olhou, saiu para trabalhar e eu já sabia que ela já sabia de alguma coisa.

Meu padrasto ficou falando que as minhas escolhas mostravam quem eu era de verdade. Durante o período que ele começou a morar comigo e com a minha mãe, ele sempre me alfinetou para poder tirar alguma coisa de mim. Eu tinha vergonha do meu corpo, sempre tomava banho de cueca porque eu tinha medo de alguém (entrar) no banheiro, ou de alguém estar me olhando. Aí, quando a minha mãe descobriu, eu fugi de casa, fui para uma chácara bem escondida e passei lá alguns dias. Meu padrasto ligou para o menino que eu namorava e falou que se ele não me levasse ele ia denunciar, como eu era menor de idade. Aí a minha mãe falou que eu iria para o inferno, que aquilo ali não era certo. Ela contou para toda minha família. A reação dela foi contar para todo mundo, sem ao menos falar comigo, o que estava se passando. Quando eu voltei, os pais do menino que eu namorava me trouxeram para a casa da minha mãe. Só que eles não sabiam que o filho era gay e que eu era namorado dele.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 25 anos de idade

Quando eu me assumi, tinha 17 anos e eu acabei não me assumindo. Minha mãe que acabou descobrindo, porque ela pegou algumas conversas no (aplicativo de mensagens) Messenger, na época, que era o MSN. E aí ela copiou essas conversas e jogou para o e-mail dela. Leu as conversas, acabou descobrindo e daquele dia em diante a minha vida mudou completamente. Ela acabou se desesperando, chorava muito e me batia também. Eu lembro que, no primeiro mês, eu me mantive mais calado porque todo mundo me falava: “Porque é difícil mãe aceitar isso.” Eu me mantive mais na minha tentando entender tudo aquilo, e chocado ainda por cima.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 29 anos de idade

E aí a gente começou a ficar e, um dia, ele me ligou em casa. A gente conversando, a minha mãe estava em casa e eu achava que não tinha ninguém. E ela ouviu toda a nossa conversa por telefone, e aí foi que ela descobriu: “Meu filho é homossexual.” Então, eu não contei para ela. Nesse dia, ela chamou o meu pai, conversou com ele. Quando ele chegou em casa, a gente se fechou no quarto e aí ele veio conversar comigo: “Está acontecendo alguma coisa?” “Não, não está”, respondi. “E a conversa que sua mãe ouviu no telefone?” Na mesma hora que ele falou isso, eu falei: “Bom, eu não ia falar nada disso para vocês, mas já que aconteceu, é isso, eu sou gay, eu gosto de homens.” Foi desesperador, dali para frente, foram dois anos, um inferno, a minha vida virou um inferno. A minha mãe fez a minha vida um inferno por conta disso, porque ela não aceitava de jeito nenhum.

Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 20 anos de idade

Bom, a minha mãe descobriu, não descobriu, ela me perguntou se eu realmente gostava de meninos e eu disse que não. Depois disso, na hora ela me falou que tudo bem, que ela é minha mãe, me adora independentemente de qualquer coisa. Isso era à noite e ela foi dormir. Na hora, eu fiquei surpresa com a reação dela e tal, porque eu tinha muito medo, porque ela é religiosa e tudo mais. Dormi tranquila, só que no outro dia, quando eu acordei – o quarto dela fica em frente ao meu –, ela me chamou no quarto dela. Quando eu entrei lá, ela estava com uma Bíblia em cima da cama e ela começou a falar coisas, buscar textos da Bíblia. Falou sobre isso e meu padrasto estava junto também. Ele não comentou nada, mas ficou ali olhando. Ela pediu para orar também comigo.

Daí a gente orou e, a partir de então, ficou um clima, assim, ruim em casa e tal, a gente jogada pelo canto, uma em cada canto. Eu ainda, na época, era muito vulnerável para esses argumentos. Então, eu me culpei muito, me sentia muito mal e ficava pensando nisso o tempo todo. Até porque eu não decidi contar para ela, ela me perguntou. Então, eu não tinha me preparado e me fortalecido quanto a isso ainda, porque era uma questão pessoal minha e eu vinha tentando trabalhar e ponderar isso dentro de mim para eu me sentir confortável comigo.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 26 anos de idade

Eu tinha essa ideia que precisava escrever os meus sentimentos e aí, nessa, eu refletia sobre os rapazes que eu via na internet, ou que eu convivia e gostava e tudo mais. Aí ela (a mãe) acabou encontrando (as anotações) na minha gaveta, leu e veio me questionar. Eles (os pais) vasculharam minhas coisas e descobriram essas anotações que geraram essa dúvida. E aí minha mãe resolveu perguntar e eu já consegui ver a frustração no olhar deles e resolvi falar que eu tinha dúvida porque fiquei com medo da reação deles. Eu já vi que ela não ia encarar de uma maneira tranquila o que ela tinha acabado de ler. Então, eu tentei atenuar aquela informação falando que eu tinha dúvida, que era só para ver se dava uma freada no baque que eles tinham sofrido. E aí eu lembro que meu pai quis me bater.

Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 46 anos de idade

A minha mãe mudou comigo depois disso, porque eu tinha certeza que eu estava sendo vigiada, pelos meus irmãos, pela minhas irmãs, pela minha mãe, pelos meus vizinhos. Tanto que isso era verdade, que uma vez a minha mãe saiu para uma reunião da igreja do nosso bairro, e eu e a minha irmã ficamos em casa. Eu fui na casa de uma namorada minha que era próxima, aliás, não era nem na casa dela, era a casa de um amigo nosso em comum, e eu me surpreendi quando a minha mãe chegou na porta dessa casa, fez um escândalo, porque a minha irmã tinha ido avisar a minha mãe na igreja.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 25 anos de idade

Minha mãe estava desesperada (após saber da orientação sexual do filho). Ela me pegou no colégio e aí no caminho eu fui apanhando. Ela dirigindo o carro e metendo o cinto, e chorando, desesperada, metendo o cinto e tudo mais, foi horrível. Foi dentro do carro e eu não tinha para onde correr, porque o carro estava em movimento. Eu estava com medo do carro bater e acontecer alguma coisa, minha mãe estava louca.

Sou gay, sou homem cis, branco e tenho 29 anos de idade

Aí, voltando, eu tinha 13 anos, meus pais descobriram, e daí eles não aceitaram. O meu pai sentou para conversar comigo e falou assim: “Você é muito novo, eu tenho certeza que você não é gay.” Aí eu falei bem assim: “Ah pai eu sou muito novo mesmo, talvez eu não seja, talvez eu esteja errado, eu acho que eu vou ser, eu acho que eu sou, mas e se eu não for?”

Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 46 anos de idade

Uma surra que, assim, não foi a primeira, mas foi a última surra que a minha mãe me deu, por conta desse motivo. Eu lembro que a minha mãe me forçou a falar na frente de duas vizinhas nossas, que ela mandou chamar. Estava muito chateada comigo, e minhas irmãs, a minha irmã mais velha, e eu disse para ela que não era nada disso que ela estava pensando, que eu estava com medo que ela me batesse. Mas, de repente, eu fui tomada por uma coragem. Não sei nem como eu consegui dizer para ela: “A partir de hoje, a senhora vai me ver, sim, de mãos dadas com outra mulher e, se vierem lhe contar, a senhora pode acreditar que é verdade.” Ela me bateu muito por causa disso, uma surra que não acabava nunca. Fiquei muito machucada, levei quase cinco dias para poder me recuperar, porque tudo o que ela tinha na mão, que ela viu pela frente, ela atirou em mim.

Sou mulher intersexual, heterossexual, branca e tenho 28 anos de idade

O mais radical foi com 10 anos, quando meu pai cortou o meu cabelo (de qualquer jeito) para que eu cortasse. Ele fez isso porque um pastor da igreja falou para ele fazer, porque era uma forma de me doutrinar. Daí eu fiquei muito mal, fiquei doente e ele não fez mais, mas ele ficava sempre falando: “Você está parecendo com uma mulherzinha com esse cabelo, menino. Você precisa cortar esse cabelo.”

Eu me lembro com três anos de idade já afirmando a minha identidade de gênero feminina. Então, a primeira vez que eu falei com o meu pai que eu não era o menino que ele achava, mas sim uma menina, ele brigou muito comigo. Ele não me bateu agressivamente, mas me bateu e proibiu que eu tivesse acesso a brinquedos de meninas.

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 24 anos de idade

Ele (o pai) me esmurrava em casa. Eu tinha 12 anos, quando falei, no carro, para a minha mãe: “Eu gosto de uma menina do colégio.” E eu achei que, como estava no carro, meu irmão de um lado e minha irmã do outro, meu pai e minha mãe na frente, eu achei que seria normal. A gente descendo para a minha avó, minha mãe para o carro e já fala: “Onde que essa guria mora?”, querendo ir tirar satisfação. Eu nunca nem falei para a menina que eu gostava dela. Mas foi tão espontâneo que eu, com 12 anos, estava na quinta série, gostava da menina lá do colégio e fui contar para a minha mãe. Eu não sabia que depois disso a minha vida se tornaria um inferno, que foi o que começou.

Sou bissexual, mulher cis, branca e tenho 26 anos de idade

Eu estava para fazer 18, tinha uma vizinha do condomínio que falou para minha mãe: “Olha, cuidado, a sua filha está andando muito com aquela menina e ela é sapatão. Eu vejo elas para lá e para cá, ela tem fama de sapatão.” Minha mãe encucou com isso. Como sempre dormiam amigas minhas lá em casa, um dia a gente saiu da balada e eu falei para a minha amiga: “Dorme aqui em casa, dorme aí.” Aí ela dormiu. Na hora que acordou, minha mãe falou: “Quem que está dormindo aí?”. Aí eu falei: “É uma amiga minha.” Aí ela abriu a porta com tudo e gritou: “Aquele sapatão?” Nisso ela tocou a menina: “Sai da minha casa, sua sapatão!” E minha mãe gritava no condomínio, e me batia, e gritava, e falava assim: “Você não é sapatão.” Mas ela gritava de um jeito que o condomínio inteiro descobriu quem eu era nesse dia. Aí, enfim, ela tocou a minha amiga lá de casa e (a partir daí) qualquer menina, qualquer amizade que eu tivesse ela já achava que era uma sapatão, que era uma pessoa que eu não podia estar perto, que aquela pessoa ia me levar para a perdição lésbica satânica.

Minha mãe ficou na cola, em cima de tudo. Ela ficava contando a quilometragem do carro para eu ir para a faculdade e voltar, e me perseguia. No final de 2008 ou 2009, eu arranjei uma namoradinha que era um pouquinho mais nova que eu, e que também estava conhecendo as experiências assim. Eu gostei muito, muito, muito, muito mesmo dela. E aí a minha mãe descobriu novamente e ficou louca, e queria me matar, ela era bem agressiva. A minha mãe invadiu minhas contas das redes sociais, escreveu um discurso de ódio para todas as pessoas que eu andava junto. Minha mãe me perseguia, ia atrás, conversou com a menina, ameaçou, se passou por mim nas redes sociais, xingou a menina como se fosse eu, respondia as coisas como se fosse eu xingando todo mundo que se aproximasse. Aí eu fui me afastando, fui tentando levar a minha vida ainda com esse sentimento de dúvida.

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 24 anos de idade

A gente não é muito próximo, porque até quando eu falava que ele (irmão) era gay, ele se revoltava e me batia, dentro de casa. Ele é um ano mais novo que eu, mas tem um 1,80 m, é forte. Ele só se assumiu mesmo depois dos 18. Enquanto isso ele me batia porque ele queria se fazer o homem lá em casa, que não era o gay que eu dizia que ele era realmente. Então, ele queria que só eu sofresse. Ele me agredia porque queria passar para o meu pai e para minha mãe a imagem de “eu não sou igual a ela”, “eu não sou isso que ela é”. E ganhou o lucro, o apoio da minha mãe para jogar basquete. Ela pagou escola para ele, ele entrou na faculdade, ela tirou a habilitação para ele.

Sou mulher trans, branca e tenho 66 anos de idade (orientação sexual não declarada)

A família já não dava apoio, na época era aquela recusa toda. Então, a gente ficava de uma forma sem encontrar o apoio da família. Imagina a insegurança para enfrentar o mundo lá fora, entendeu? O medo, às vezes, comigo mesma, eu sentia a rejeição das pessoas, a humilhação de não poder contar nada em casa, porque se fosse contar alguma coisa em casa eu ia ouvir muito mais ainda, porque eu já não tinha apoio. Foi terrível, era isso que me fazia perder o sono, a minha agitação, precisava de apoio. Foi terrível nessa época porque eu não tinha apoio de ninguém, só da minha mãe. Meus irmãos me recriminavam. Eram ameaças, ameaças terríveis que eu sofria, foi quando eu falei: “Eu vou enlouquecer.”

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 21 anos de idade

Até mesmo o estilo de roupa sempre foi algo questionado pelo meu pai. Têve o divórcio entre os meus pais e parece que, quando isso aconteceu, o meu pai piorou cada vez mais em relação a essa pressão de que eu fosse uma pessoa “normal”. Então, foi daí que acabaram vindo problemas psicológicos, principalmente a depressão. Eu procurei ajuda dessa psicóloga, minha mãe foi junto comigo. Minha mãe que tentou mudar a ideia dele sobre procurar ajuda psicológica porque para ele o que estava acontecendo comigo não era nenhum tipo de transtorno, nem nada, era só falta de surra.

Ele chegou a falar para ela que o que eu estava fazendo era frescura e que ela me desse uma surra que tudo iria ficar bem, porque isso estava me atrapalhando de modo geral, a vida social, a vida acadêmica, na escola eu estava tendo problemas. Foi uma mudança drástica, porque eu não conseguia ser mais a pessoa de antes. Então, estava indo com notas baixas, estava dando trabalho na escola, digamos assim, e começou todo aquele furacão. Ele falava: “Não. A única coisa que você tem que fazer é dar uma surra que pronto, resolve o problema.” Minha mãe falou para ele: “Não, não é assim. Você tem que conversar porque tem algum problema aí e ela precisa de ajuda.” Aí ele disse: “Não, ela não precisa de ajuda. Ela só precisa de uma surra e pronto.”

Sou não binária, intersexual, pansexual e tenho 26 anos de idade (raça não declarada)

E ele (pai), quando rompeu comigo, falou com essas palavras, mais ou menos, que a minha irmã nunca ia saber que eu existia, porque ele ia queimar as minhas fotos, que eu era uma vergonha, que ele tinha nojo de mim, e que a minha irmã pequena não ia crescer com uma aberração dessas sendo irmã dela. E aí a minha avó contou que, no aniversário de 4 anos da minha irmã, ela se recusou a cantar parabéns porque eu não tinha chegado, e ela começou a chorar, e não quis mais o aniversário. Isso foi bem difícil. Hoje, acho que a minha irmã está com sete anos, exatamente, e aí eu não posso ver ela, só quando ela tiver voz também, se ela quiser me procurar, porque eu não posso fazer nada, infelizmente. Realmente é uma coisa que eu não posso fazer nada.

Sou bissexual, mulher cis, branca e tenho 26 anos de idade

Eu sou a filha gay, artista plástica. Por maiores (que sejam) as coisas que eu posso conquistar, isso sempre vem de alguma forma na frente para a minha mãe, assim, como uma coisa ruim. “Ela fez isso e isso, ela expôs em Paris, no Louvre. Ah, mas ela é sapatao.” Isso é muito duro. Você tenta ser a melhor versão de si e parece que nunca nada está bom o suficiente porque você não está dentro de um padrão.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 19 anos de idade

Eu tenho uma tia que entrou em depressão por descobrir que eu era gay e começou a entender. Mas era assim: “Você pode ser gay, mas você não precisa ser aquele gay que tem o cabelo grande, que corta o cabelo de lado. Eu quero que você seja comportado.” As desculpas eram sempre que “o preconceito é muito grande”. Só que o preconceito maior é o de dentro de casa. Minha tia entrou em depressão quando o meu pai contou porque a minha família é uma família muito machista, em ambas as partes. Tanto parte de pai quanto parte de mãe, são supermachistas, tanto as mulheres quanto os homens, são todos machistas. Então, eu, o menino mais velho, poderia estar influenciando os meus primos, poderia estar influenciando as minhas irmãs, minhas primas a também serem aquilo, porque na cabeça deles era como se aquilo fosse uma doença.

Quando a minha mãe contou para todo mundo, tiveram dois tios meus que são irmãos da minha mãe que pararam de falar comigo. E eles eram os tios que sempre estiveram presentes antes de saberem que eu era gay. Um tio meu, que até queria me adotar quando eu era menor, porque tinha uma paixão muito grande por mim – minha mãe relatou isso para mim –, cortou o contato comigo. Depois que virou evangélico, eu tinha pedido um emprego para ele porque ele tinha uma fábrica, uma fábrica e uma loja de colocar película e de banco de couro, eu pedi um emprego, ele falou assim: “Eu posso arrumar, mas se eu arrumar é para você limpar o chão. Só que aqui não é um trabalho para você.”, desfazendo da minha capacidade por conta da minha sexualidade.

O meu outro tio não falou comigo, nunca falou no assunto, também nunca falou mais comigo, e até hoje nunca fala. A minha (mãe) demorou algum tempo para entender toda essa história, até ela ver que eu sempre bati na mesma tecla, que eu não iria mudar. Ela sempre falava: “Você vai para o inferno.” Tudo o que dava de errado e eu falava assim “eu não consegui tal coisa”, aí, o meu padrasto sempre falava “é a sua escolha de vida”. Eu terminava um relacionamento: “É a sua escolha de vida, isso é o preço que você paga por gostar de homem. Arruma uma mulher, casa com uma mulher.” Ele sempre fala isso, até hoje.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 19 anos de idade

Eu falei: “Gosto de meninos.” Aí eles começaram a chorar minha mãe levantou, falou que sempre desconfiou disso e meu pai falou que preferia morrer a ouvir uma informação como essa. Durante tudo isso, eu falei: “Eu sempre dei tudo que vocês queriam.” Eu sempre fui o filhinho perfeito deles, eles não precisavam ir para a escola resolver nada, sempre fazia tudo, sempre fazia tudo que eles pediam, filho obediente. Eu falei: “Eu sempre dei tudo que vocês queriam, tudo que vocês precisavam. Agora eu estou precisando de vocês, vocês estão me recusando.” Falavam: “Isso não é de Deus, isso não é você, você não é assim, você não é essa coisa.”

Minha mãe falou que ela sempre desconfiou e tal, mas que ela não aceitava e tudo se baseou nisso, o fato de eles falarem que preferiam morrer sem ter acesso a essa informação. No dia seguinte, eu não sabia o que esperar, mas continuou do mesmo jeito. Eu estava na sala, depois meu pai chegou chorando, meu pai não chora e chorou muito. Então, eu fiquei muito acabado. Acabei de falar para os meus pais e eles não reagiram bem. Minha mãe mandava foto dela chorando, falando que ela ia vim para na minha cidade fazer escândalo, que não sei o quê, que ela ia no meu trabalho, que ela ia na universidade. Ela ligava para mim gritando, chorando. Eu discuti uma vez com ela no telefone, mas ela estava tomando remédio para se matar. Meu pai me ligava chorando, falando que eu estava acabando com a vida deles, acabando com a vida da minha mãe. Ele, trabalhador rural, falava que gritava sozinho no meio da roça.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 26 anos de idade

Eu nunca fui um adolescente muito rebelde, sempre fui muito educado, muito amoroso com meus pais e nessa época todo o discurso deles era voltado para o sentido de que eles nunca seriam felizes (por eu ser gay), que eu nunca seria feliz, que as pessoas são muito preconceituosas, que o restante da família nunca iria aceitar, que eu seria a vergonha da família. Então, era um discurso que tinha uma carga temática muito pesada, fora a parte religiosa da coisa, que eu iria para o inferno... Talvez não que eu fosse para o inferno, mas que Jesus não aceita, não é isso que Deus quer para a tua vida, esse tipo de coisa.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 29 anos de idade

Uma vez eu entrei em uma loja, com meu pai, no shopping e tinha três homens gays. Eles estavam comprando um ursinho de pelúcia e aquilo causou um incômodo muito grande no meu pai porque homem comprar urso de pelúcia não é visto na sociedade como algo masculino. Meu pai ficou muito incomodado com aquilo. Estávamos só eu e ele, e o filho se dizendo gay. Você imagina a situação não é, do filho encontrar gays na rua, sempre foi um clima... Aí ele olhou para mim e falou assim: “Nossa, você percebeu aqueles homens?” E eu me fiz de idiota: “Não, não percebi.” Ele falou assim: “Eles são gays e olha o jeito deles, coitados, uma vida muito triste.”

Sou gay, homem cis, branco e tenho 29 anos de idade

Eles tentaram me levar, acho que eu fui a um padre. Nessa época, já com 18 anos eu fui a um padre. Depois eu quase saí de casa, inclusive, eu falei assim: “Olha pai, quando eu tinha 13 anos eu tinha dúvida, eu era uma criança e tal. Agora eu tenho 18, eu sou ainda novo, mas não tanto. Se você não concordar, eu posso sair de casa, eu tenho namorado e tal.” Ele falou assim: “Eu vou pensar.” Aí, ele me chamou depois e falou: “Eu pensei, eu acho melhor você ficar, porque aqui você tem suas coisas e tal, mas você tem condições para ficar.” Aí, eu falei: “Quais são?” E ele falou: “Você não pode trazer nenhum homossexual aqui dentro de casa. Você não pode usar o telefone para falar com homossexual. Você não pode usar internet para falar com homossexual.” Ou seja, no final, uma prisão, eu não posso existir.

Sou bissexual, mulher cis, branca e tenho 26 anos de idade

Eu andava de skate, eu queria fazer as coisas e minha mãe sempre tentava dificultar com que eu tivesse acesso as coisas. Se eu quisesse um skate, ela tentava me dar um patins; eu queria jogar bola e ela me colocava na aula de tênis para eu usar saia. Então, quando eu tinha uns 13 anos, assim, 14, eu comecei a ver umas meninas na escola, eu sentia uma coisa e eu não sabia o que era. Eu tinha muito medo de talvez ser sapatão, lá no fundo, porque aquilo sempre foi uma coisa tão proibida para mim, que eu não poderia ser, e que era horrível. A minha mãe falava assim: “É porque lésbicas só fazem orgias e ficam enfiando vibradores umas nas outras.” Eu não sabia nem o que era isso, mas eu imaginava que era muito ruim.

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 24 anos de idade

Eu costumava ir na casa dela (da avó) e, quando alguém perguntava de mim, ela já me apresentava assim: “É filha da fulana, ela tem cabelo curto porque ela trabalha na cozinha.” Hoje em dia ela mudou isso, porque ela viu que não é. Eu também fechava a cara e até saía do lugar, porque ela me apresentava já arrumando uma desculpa para a pessoa me olhar de algum outro jeito: “Ela trabalha na cozinha, por isso ela tem o cabelo curto, mas as roupa que ela veste é...” Qual a lógica dela dizer isso?

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 19 anos de idade

Quando eu era criança, tive dois episódios. Em um deles, eu era bem criança. Assim, eu acho que eu tinha uns 8 anos, e eu sonhei com homens. Não era nada demais, mas eu, uma criança, não sabia de nada, não tinha tido contato com nada para ter um sonho um pouquinho mais aprofundado. Tive um sonho, falei para a minha mãe, minha mãe já repudiou aquilo, meio que me condenou por aquilo e falou que meninos não deviam sonhar com outros homens. Foi superbizarro porque eu nem vi o que estava acontecendo. Eu só fiz um comentário com a minha mãe. Beleza, a partir daquele momento eu já sentia que eu não tinha abertura para falar sobre nada relacionado àquilo. Aí, depois, a gente estava assistindo uma novela na sala, eu já era um pouquinho mais velho, e falei: “Que homem feio.” Novamente: “Homem não deve achar outro homem bonito ou feio. Isso não é para você. Você só deve se direcionar a mulheres.”

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 21 anos de idade

Aí ele (pai) disse: “Se ela mudar o jeito de se vestir, eu mudo o meu jeito de falar com ela.” Aí, eu falei que eu não tinha muito o que fazer porque eu não podia. Ele sempre deixou claro para mim que eu não era dona de mim e, por eu ser uma criança, ele mandava em mim. Então, eu ia ter que fazer as coisas como ele queria, mesmo ele não morando comigo. Eu só concordei.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 26 anos de idade

Então, eu nunca tive problemas em me identificar como gay. Isso nunca foi um problema para mim. Eu sabia que era um problema para os meus pais, mas eu não achava que seria um problema tão grande assim. Eu pensei que eles só se preocupariam com o que os outros iam pensar, mas que me amariam acima de tudo e respeitariam, mas não foi o que aconteceu. Durante toda a adolescência foi cheio de pontos baixos. Na verdade, não pontos altos e baixos, foram só pontos baixos em relação a essa relação com os meus pais porque periodicamente tinha uma conversa no sentido de: “E aí, não vai procurar se tratar para ajeitar a situação, para virar homem de verdade?”

Se hoje eu tenho alguma ansiedade, a maior parte dela provém dessa fase da adolescência, porque nessa fase qualquer sinal de que fosse ter uma conversa com os meus pais em relação a isso eu já ficava com o coração acelerado, como se tivesse quase para ser assaltado, sabe? Eu acho que só se encerrou aos 20 anos, quando eles mudaram de centro espírita e receberam uma resposta negativa. Na verdade, ela (mãe) levou a questão querendo que eu mudasse, só que ela recebeu uma resposta contrária do que acreditava. Então, foi com os 20 anos que minha mãe parou de tentar me mudar. Hoje em dia, eles só querem, dizem pelo menos, que querem que eu seja feliz, mas também não têm muito interesse em saber se eu estou namorando, com quem eu estou namorando.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 26 anos de idade

A pior fase foi dos 15 aos 17 (anos), quando eu era menor. Depois eu estive na faculdade e ganhei alguma autonomia, virei um juvenzinho, um pouco mais de respeito. Então, eu tinha receio porque eles, às vezes, vinham me jogar na parede e é sempre uma situação desagradável, mas não tanto quanto nessa fase dos 15 aos 17, que era bem pior, que eu tinha que conviver mais com eles nessa ida e volta do colégio, essas coisas. Dos 17 aos 20 foi uma transição. Eles queriam que eu mudasse, mas também não vinham impondo mais para eu frequentar o centro espírita, nem nada, porque eu já era maior. Eu poderia me rebelar um pouco mais, mas sempre vinha algum comentário de: “Quando é que tu vai mudar? Quando é que tu vai nos apresentar uma namorada, ou tu vai tomar jeito de homem, ou tu vai tomar tento na tua vida?” Como se eu tivesse superperdido.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 43 anos de idade

Com um ano e meio já de casamento — uma situação que claramente consigo ver hoje — eu era, vamos assim dizer, passivo em relação heterossexual. Casado com uma pessoa e eu me vi em uma encruzilhada morando em uma capital e sendo ameaçado por ela de ser exposto, se eu não fosse para um seminário de cura e libertação. “Ou vai ou eu me divorcio e a cidade inteira vai saber de você, porque eu vou anular esse casamento. É um absurdo e tal.” Então eu fui. Chegando lá fiquei 30 dias. Eu não tenho nenhum problema em dizer que eu fui coagido pela minha ex-mulher, sob pena de ser exposto na sociedade e no trabalho.

NEGAM QUEM EU SOU
AO INVENTAREM ORIGENS
PARA A MINHA ORIENTAÇÃO
SEXUAL E EXPRESSÃO/
IDENTIDADE DE GÊNERO

Neste capítulo, foram distribuídos trechos das narrativas de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTI) que retratam os mitos sobre origem e causa para as homossexualidades, bissexualidades, travestilidades, transexualidades e intersexualidades. Os mitos inventam explicações de que as orientações sexuais não heterossexuais, as expressões de gênero não cisgêneras e intersexualidades são fases, anomalias, doenças, oriundas de maldição familiar, causas espirituais, origem demoníaca; desordens do desenvolvimento, frutos de conflitos com o pai e/ou mãe; decorrentes de abuso sexual, traumas de infância, falta de “estrutura” familiar; sofrimento psíquico; influência de amigos, entre outras explicações que apenas produzem mais exclusão, preconceito e ódio.

Muitos desses mitos são utilizados para justificar o encaminhamento de pessoas LGBTIs a determinados tratamentos de “reorientação” da orientação sexual e identidade de gênero. Nota-se, com isso, o reforçamento de um padrão cis/hétero como a regra fundamental para ditar quais subjetividades são passíveis de práticas de coerção, de correção, de aniquilamento e de normalização, excluindo, assim, todas as outras formas de orientações sexuais e de expressões de gênero que compõem a subjetividade humana.

Sou gay, homem cis, negro e tenho 24 anos de idade

Ele (o psicólogo) dizia que a minha homossexualidade teria advindo de uma relação inadequada com o meu pai. Segundo ele, quando a criança do sexo masculino deixava de se identificar com pai, ou se o relacionamento da criança com pai fosse um relacionamento ruim, ele não iria conseguir se identificar com o masculino e, portanto, ia passar a buscar esse masculino em outros homens. À medida que isso não acontecesse, se tornaria um desejo sexualizado, e daí (surgiam) os desejos homossexuais. Então, era uma sensação de insuficiência na minha masculinidade, na visão dele, que causaria essa busca, esses desejos homossexuais.

Sou Gay, Homem Cis, Branco e tenho 19 anos de idade

Eles (psicólogos) não explicavam o que estava acontecendo comigo, eles já deram um diagnóstico que aquilo ali se tratava de uma doença, e que era uma ilusão, que eu estava vivendo uma ilusão, que aquilo ali foi só uma coisa do demônio, que aquilo ali iria passar, que elas conseguiriam tirar aquilo ali de mim, era sempre isso.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 46 anos de idade

Até um tempo desses – posso até procurar, não sei se tenho mais –, eu tinha uma apostila dela (psicóloga). Na época, ela tinha uma apostila de como a gente se libertar. Então, a intervenção dela era de que aquilo ali tinha sido colocado na minha cabeça, devia ter sido influência do meu pai ausente, da mãe mandona, essas coisas. Primeiro, nem o meu pai era ausente, nem a minha mãe era mandona. Aí, ela colocava coisa na cabeça da gente para a gente chegar à nossa própria conclusão, mas na realidade ela induzia você a chegar àquela conclusão de que aquilo ali era por conta de alguma coisa que aconteceu na família.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 26 anos de idade

No centro (espírita), nunca disseram nada, mas eu lembro da minha mãe, em uma das conversas que teve comigo, ela se perguntando e me perguntando o que eles (os pais) fizeram de errado para eu estar fazendo aquilo com eles, como se eu estivesse punindo eles com minha orientação sexual, mas não foram muitos episódios. Eles sabem que o tratamento que eles deram para mim, eles deram para o meu irmão. Então, não tinha uma disparidade tão grande no tratamento para ter como resultado uma sexualidade diversa, porque o meu irmão é hétero. Eu falava que eles não tinham feito nada de errado, que na verdade eles tinham feito tudo certo, tinham me amado muito, me tratado com muito afeto, muito carinho. Mas isso não adiantava muito para quem procurava justificativas para ter um filho homossexual, como se isso fosse como um projeto que tivesse dado errado.

Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 20 anos de idade

Como psicanalista, ela falava: “Sua mãe disse que, quando você era pequena, você falava que o seu nome era um nome masculino e que quando estava grávida de você pensava que era um menino. Isso pode ter influenciado em alguma coisa, que não foi trabalhado no seu crescimento, no seu desenvolvimento e que, por isso, talvez, pode ter influenciado, mas são coisas que a gente pode tratar agora.”

Sou gay, homem cis, branco e tenho 31 anos de idade

Eu nasci em um lar evangélico. Minha mãe, meu pai e toda minha família por parte de pai e de mãe são superevangélicos até hoje. Eu cresci em um ambiente em que a heterossexualidade era colocada como a verdade, como o natural, como a única possibilidade de sexualidade. Então, qualquer outro tipo de sexualidade, sem ser a heterossexualidade, era considerado um pecado, um desvio, um problema. Assim que eu comecei a perceber que eu não era heterossexual como meus tios, meus primos, meu pai, pensei que eu precisava resolver aquilo. Aí, uma das primeiras coisas que eu fiz na adolescência, já com uns 11, 12 anos, foi começar a orar, eu comecei a orar muito para que Deus me livrasse disso. Às vezes, à noite, eu fechava os olhos, orava e achava que quando eu acordasse de manhã, iria acordar sem ser gay, sem sentir todas aquelas coisas que eu sentia pelos meninos e não aconteceu.

Depois, quando procurei ajuda, a primeira coisa que me falaram é que eu era gay porque eu tinha tido uma mãe superprotetora e um pai ausente. E a minha mãe superprotetora e superpresente acabou fazendo com que eu me identificasse com ela e não com o meu pai, porque o meu pai era um pai ausente. (Para a psicóloga) eu estava identificado com a minha mãe, logo, eu sentia atração por homens porque a minha mãe sente atração por homens, porque ela é mulher. Eu não estava identificado com o meu pai que sente atração por mulher, por isso que eu era gay.

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 24 anos de idade

A pessoa é induzida a acreditar que ela tem aquele problema psicológico e, por isso, ela se sente daquela forma. Ela não é homossexual, ela tem essa conduta porque tem distúrbio psicológico. É dessa forma que é tratado: “Ah, você é gay só que a gente vai te formar uma pessoa hétero, tá?” Mas eles (os profissionais do Centro de Atenção Psicossocial) te induzem, desde as terapias, a acreditar que aquele sentimento que você sente de não pertencer a lugar nenhum, de se sentir confuso, de não ter lugar no mundo, é decorrente de um distúrbio psicológico.

(Eles diziam) que aquilo que eu estava sentindo era decorrente das minhas variações, que daí me dava essa confusão de não saber discernir o que eu estava sentindo, de achar que era ilusão. “É porque você está deprimida, e aí você não consegue ver a vida de outra forma. Você está vendo desse jeito porque você está com depressão. No momento em que você tratar essa depressão, você vai ver as coisas de outra forma.” Tudo se justificava, quando eu ia comentar que eu não me sentia igual todo mundo, porque eu tinha um tal distúrbio. Depois de ser tratado aquilo, eu ia me adequar, eu ia achar meu lugar e eu ia me sentir diferente.

Sou não binária, intersexual, pansexual e tenho 26 anos de idade (Raça não declarada)

Como eu já estava indo contra a minha vontade ao consultório de uma psiquiatra e ela falava que eu tinha esquizofrenia, então a minha família, que é muito tradicional, conservadora, já ficou com uma ideia também muito difícil de quebrar, de que eu tinha uma doença e que eu estava precisando tomar muito remédio. Isso também ia me deixando com muita raiva, porque eu não tinha diálogo. Tudo o que eu falava era deslegitimado porque eu sempre era a louca da história. Então, tipo, ninguém precisava prestar atenção no que eu estava falando ou levar aquilo em consideração.

Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 25 anos de idade

No primeiro momento, quando eu trouxe isso para ela (a psicóloga), ela explicou que era uma fase, que eu era menina. Era uma fase que ia passar e que para isso eu precisava de ajuda, que eu estava no lugar certo, que ela ia me ajudar a passar por essa fase. Ela começou dizendo que era uma fase, depois ela teve um discurso do pecado, ou da doença.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 38 anos de idade

Um primo, uma vez, me falou que eu tinha problemas espirituais. A minha prima não falou de forma explícita isso, mas é a mesma coisa. A minha mãe falava: “Não, é fase, isso vai passar.”

Sou não binária, pansexual, indígena e tenho 23 anos de idade

As minhas tias não falavam tão direto, mas elas diziam que era uma fase, que eu deveria procurar ajuda, mas que ia passar, até porque nesse tempo eu tentava mascarar, eu usava aquele termo “que eu era incubado”. Eu tentei também. Entrei na igreja, me crismei, pensando que isso podia ser uma anomalia. Teve uma mulher que me viu crescer e a justificativa dela foi o que me marcou. Ela disse: “Por que você gosta disso?” “É um desejo e tal”, tentei explicar para ela o que era, tentando desconstruir também. Aí, ela disse: “Você sabia que tem uma maldição do teu pai?” Aí, eu (perguntei): “Uma maldição do meu pai?” Como eles se conhecem, a justificativa dela foi que meu pai não gostava de crer muito nessas coisas também, ele fazia coisas que “não eram da Bíblia”, que não eram certo. Ela disse que eu era uma maldição dele e que essa maldição perpetuava durante sete reencarnações, sete gerações. Eu estava carregando esse fardo e, por isso, que eu era isso, que o demônio estava perto de mim e que ele fazia isso na minha cabeça com que eu quisesse ser uma mulher, sendo que eu não era uma mulher, e que se eu encontrasse os caminhos de Deus eu me tornaria um homem.

Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 36 anos de idade

A explicação dele (professor de ioga e guru espiritual) era baseada em uma crença espírita. Ele explicava como se fosse uma reencarnação, como se eu tivesse vindo várias vezes homem e tivesse encarnado nessa vida como mulher. Aí, como se tivesse dado um defeito neste momento, e eu estava em um corpo de mulher, mas com o desejo que corresponderia ao masculino.

Sou não binária, intersexual, pansexual e tenho 26 anos de idade (raça não declarada)

A sexualidade principalmente falam que, não, a identidade de gênero, fala é porque eu vim muitas vezes homem para a terra, e aí eu reencarnei agora com um corpo de mulher, então, eu ainda estou preso naqueles corpos passados e, por isso, que eu acho que eu sou homem ainda. Já falaram isso comigo, um psiquiatra mesmo, que era espírita. E a sexualidade eles também falam que tem total relação com isso porque aí eles usam da heteronormatividade. Se eu sou homem, então eu só posso gostar de mulher também. Eu só fico com mulher porque eu também estou presa naquele corpo passado e eu me relacionava no passado com outras mulheres. Então, tudo é justificado nessa ideia.

Sou mulher intersexual, heterossexual, branca e tenho 28 anos de idade

Quando eu era criança, assim, eu era uma criança diferente. Tipo, eu nasci lá, fui identificada como menino, então se esperava que eu tivesse uma identidade de gênero masculina. Na cabeça deles, eles confundem muito identidade de gênero com orientação sexual. Eles (pais) achavam que por me comportar enquanto menina, quando criança, já era gay. Começou mais pelo lado do meu pai. A minha mãe sempre me aceitou do jeito que eu era. Como meu pai era da Congregação Cristã, começou com a questão da religião, de ter terapia, de exorcizar mesmo. Na cabeça deles, eu estava tendo tipo influência do demônio, de espíritos ruins. Então, me expunham a situações de exorcismo mesmo, de xingar, de falar que não era eu, que era o capeta, que o demônio estava no meu corpo, que era para expulsar isso, para poder reverter, ainda quando criança mesmo. “É escolha, sim. Você está dando abertura para o demônio, por isso que está acontecendo isso. Não é você, é a sua mente que você está dando abertura.”

Sempre ouvia do pastor que isso não era coisa de Deus, que era do demônio, que Deus faz tudo certo, faz homem e mulher, aquela conversa de sempre. Fugir disso era do demônio, não era da natureza. Todo mundo falava que era demônio, que eu não podia manifestar aquilo, que aquilo era uma questão que foi introduzida em mim, não era natural. Começaram a falar que era culpa da

minha mãe porque ela tinha pedido para Nossa Senhora Aparecida que, na verdade, era o demônio que, daí, fez o menino virar uma menina. Em uma conversa com o médico, ele falou que eu tinha que ser homem porque era o natural. Eu só tinha um problema e para esse problema a medicina tinha solução, que era tomar testosterona. Então, eu tinha que ser homem porque é o natural, porque Deus fez assim. Na época, ele falando disso, de que não ia fazer (terapia hormonal) porque não era de Deus fazer isso. Tudo bem, era um problema, uma anomalia, que hoje tem cura, mas a gente estaria indo contra a vontade de Deus. Eu ouvi isso, eu ouvi.

Sou gay, homem cis, pardo, 21 anos de idade

Diabo. Diziam que era o diabo que botava isso na cabeça da gente, que isso era uma escolha e que eu poderia sair daquilo ali. Eu acho que até mudou um pouquinho essa ideia, mas na época era essa, de que era o diabo que botava isso na gente, mas que a gente poderia se libertar sim daquilo ali.

Sou bissexual, mulher cis, branca e tenho 26 anos de idade

E aí vem a teoria que ela acredita. Minha mãe acredita que nós somos espíritos que, sei lá, ficam dentro de um pote de espíritos. Eles vêm descendo para a terra, mas o espírito escolhe o corpo em que ele vai descer, e o sexo daquele bebê, e a vivência que ele vai ter, e que aquilo é necessário para ele. Eu, por não estar vivendo de acordo com o sexo que eu mesmo, como espírito, escolhi para vir à terra, estou traindo a minha essência espiritual. Sendo assim, eu nunca vou alcançar a evolução desse plano, dentro da terra, porque eu estaria me distanciando da essência da minha missão, por me deixar levar pelos desejos e tentações da carne. Dizem que o homossexual ele é indefinido, porque veio no corpo de um determinado gênero e não age conforme aquele gênero que ele veio. Então, ele trai a escolha do espírito, que seria uma escolha do universo, e que isso seria, enfim, a vida.

Sou lésbica, mulher cis, amarela e tenho 34 anos de idade

Eles (os pais) não queriam acreditar que eu estava gostando de mulher. Então, eu fui contar, compartilhar que eu estava sentindo isso. Daí, eles – pelas questões deles – acharam que eu deveria procurar terapia com psicólogo e frequentar algum centro espírita, porque podia ter algum encosto comigo.

Sou gay, homem cis, branco, 46 anos de idade

Na linguagem deles (líderes religiosos), era como se tivesse acontecido alguma coisa comigo que abriu uma brecha no mundo espiritual. Aí, eu recebi algum demônio, alguma coisa nesse sentido, que me ensinou e me colocou dentro dessa condição.

Sou não binária, intersexual, pansexual e tenho 26 anos de idade (raça não declarada)

O centro espírita em que eu internei das duas, três últimas vezes, era um hospital espírita. Então, às vezes o médico psiquiatra também era médium. Às vezes, ele legitimava o parecer médico dele com uma ideia cristã ali também. Tipo, ele tinha alguma entidade que tinha falado com ele que eu estava cercada de seres que estavam sem encontrar o caminho de luz. Eu estava daquele jeito porque, sei lá, quando eu me drogava o meu corpo ficava aberto para essas pessoas que não encontraram o caminho de luz se aproximassem de mim, porque elas também queriam usar drogas, queriam também beber. Então, elas ficavam do meu lado, falavam comigo, ou seja, ele argumentava tanto pela Medicina quanto pelo espiritismo kardecista.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 32 anos de idade

O entendimento que se tem nisso é unânime em todas as igrejas e denominações evangélicas. O entendimento que se tem a respeito da homossexualidade é que isso é algo que acontece por influência de espíritos malignos, diabo, demônio, essas coisas todas e que a gente precisa lutar contra isso. É algo que você teria capacidade, ou seja, com armas espirituais você combate espíritos. Eles entendem a homossexualidade como um problema de ordem espiritual. Então, aí, começa todo um trabalho de tentar te condicionar, em primeiro lugar, a entender que isso é um pecado, que isso vai contra as leis de Deus e tal.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 46 anos de idade

Essa era a explicação, que era o espiritual mesmo, que o diabo ficava atentando a gente, mas que a gente poderia sim se libertar daquilo ali. Na época, era essa a explicação, não sei como é hoje. Eu vi o vídeo de um rapaz, um depoimento de um “ex-gay” no Facebook dizendo que não tem cura. Eles mudaram (a explicação) um pouquinho, quer dizer, pelo menos eu vi o depoimento desse rapaz. Ele disse que realmente não tem cura, mas é como se você colocasse um fardo em você e você tinha que levar aquele fardo, mas sem cair na tentação. Só que, na época, não era essa a explicação. Na época, eles diziam que tinha, sim, cura, que era muito possível ser curado, que aquilo era o diabo colocando coisa na mente da gente e que, se a gente orasse bastante, jejuasse, se a gente realmente quisesse, a gente poderia ser libertado.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 31 anos de idade

A homossexualidade é um desvio. Não é dito dessa maneira, mas é tomado como isso. Por que é um desvio? Porque eu não fui educado e não vivi os valores familiares cristãos da forma correta, logo, a homossexualidade é um efeito disso para a minha concepção.

Sou gay, homem cis, branco, 46 anos de idade

Eu fui para um encontro.. No primeiro dia, tinha várias palestras e uma das palestras era com um “ex-gay” Aí, eles dividiam em grupo. Antes de toda a ministração, eles elencavam onde esse espírito (maligno) podia ter entrado, sempre em (situação de) abuso. Faziam aquele ritual todo para você ficar zen, fechar o olho para o espírito (santo) tentar trazer à sua memória a situação de abuso, e eu não me lembrei de nada. A única coisa que eu compartilhei lá foi que eu lembrava de uma vez, quando eu era criança, que a gente voltando da roça eu fui tirar umas coisas da caminhonete e meu pai pediu para eu ajudar e eu não quis ajudar porque eu estava com preguiça. Ele disse: “Então, chama o seu primo que é mais homem do que você para tirar as coisas daqui.” Como eu me lembrei disso, eu comentei isso lá, eu acho que, de tanto eu ser estimulado, eles falaram: “Então, foi aí que começou. Pode ter sido isso aí já que você não se lembra de abuso, deve ter sido aí que foi jogada essa palavra em cima de você, de que você não era homem, e esse espírito (“maligno”) entrou aí.” Eu fiquei três dias lá pensando nisso e eles fazendo o trabalho de ministração, de tirar os demônios todos lá, em cima disso.

Sou gay, homem cis, branco e também tenho 46 anos de idade

Ela (psicóloga) perguntava se tinha passado algum trauma, ou se eu tinha sido estuprado, se alguém tinha me violentado sexualmente, só que nunca ninguém me violentou sexualmente. E, aí, eu lembro – essa história, realmente, nunca sai da minha cabeça –, eu lembro que tinha acabado a festa e a gente estava limpando lá em casa, quando a gente ouviu um barulho no portão de uma pessoa sendo espancada, com chutes, pedradas, pessoas jogando pedra nela e chutando. Aí, a minha irmã dava um grito dizendo que ia chamar a polícia. Eu lembro que as pessoas que estavam lá saíram, correram e a gente abriu o portão, quando a gente abriu o portão tinha uma travesti caída no chão.

Eu, na época, não sabia o que era travesti. Ela toda ensanguentada porque levou pedrada, chute. Eu acho que, se a gente não tivesse aberto o portão, ela teria ido a óbito mesmo. Quando pegaram ela, eu tinha 15 anos na época, e 15 anos na época não é 15 anos de hoje não. Eu era uma criança praticamente, não sabia de nada. Eu fiquei só olhando aquilo e ela toda vestida de mulher, toda maquiada e, aí, pegaram ela, chega estava irreconhecível de tanto sangue que descia da cabeça. Botaram ela sentada em uma cadeira, ela quase virou desmaiada, o sangue descendo aqui pela cabeça e eu fiquei só olhando para aquela cena e fiquei imaginando que eu ia terminar daquele jeito. Ficava só imaginando, olhando para ela, porque eu sabia dentro de mim, mesmo tendo 15 anos, eu não conseguia explicar, mas sabia. Tinha 15 anos e aí ela (a psicóloga) me disse que poderia ter sido por isso que eu desencadeei a minha homossexualidade.

Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 25 anos de idade

Ela (a psicóloga) falava que eu tinha que passar por essa fase, que eu tinha que construir família, que eu tinha que sair mais com pessoas evangélicas. Ela chegou a dizer que talvez fosse o meu convívio, as pessoas com quem eu estava convivendo que estavam me trazendo isso, que eu tinha que mudar de amigos.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 21 anos de idade

Eles (membros da igreja) falam mais que isso é dado pela influência, influência de TV, dos amigos, pais, etc., que é uma coisa que eles veem que pode ser... Eu não sei se eu posso usar a palavra “revertida” porque eles nunca falaram, mas eu posso pensar que eles podem ver como uma coisa que pode ser... Eu acho que “reprimida” também não se encaixa, mas, tipo, (uma coisa que pode ser) “guardada no baú”. É isso.

FOI ASSIM QUE OS PROCESSOS
DE BUSCA PARA TENTAR DEIXAR
DE SER QUEM SOU SE INICIARAM

Neste capítulo, foram distribuídos trechos das narrativas de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTI) sobre o processo de busca por ações, orientações e intervenções diversas com enfoque na tentativa de modificar o desejo sexual e a forma de expressar o gênero. Os relatos demonstram a existência de ofertas de “tratamentos” de ordem psicológica, médica e religiosa em torno da promessa de cura, reversão e reorientação da sexualidade e do gênero. Entretanto, as narrativas expressas pelas interlocutoras demonstram que a gênese do sofrimento ético-político que motiva as tentativas para deixar de ser LGBTI é justamente a dimensão sociocultural e histórica que nega e exclui as suas vidas como existências possíveis e legítimas. É possível afirmar isso mesmo nos casos em que, aparentemente, houve uma decisão espontânea pela busca de intervenções específicas para este fim, pois o que orientou a tomada de decisão não foi a vontade de deixar de ser LGBTI, mas sim o desejo expresso de não continuar sofrendo. Em muitos casos, como será possível verificar, houve imposições e coações de familiares, amigos, grupos religiosos, entre outros. Imposições estas que produziam conflitos de ordem emocional e faziam com que as pessoas se submetessem a essas tentativas de aniquilamento de si em prol de diminuir a rejeição, o sofrimento, a ansiedade.

Sou gay, homem cis, branco (idade não informada)

Eu fui nessa determinada psicóloga porque eu tinha tido uma crise de ansiedade muito forte e estava com pensamentos suicidas. Daí, quando eu cheguei lá, foi que ela falou (que essas) coisas são dignas de um tratamento de intervenção.

Sou gay, homem cis, negro e tenho 24 anos de idade

Eu procurei ajuda, na verdade, porque naquela época eu sofria por ter desejos sexuais por pessoas do mesmo sexo, o que eu não conseguia aceitar em mim por causa da minha criação em um lar evangélico, por causa dos dogmas religiosos, do preconceito que eu tinha de achar que isso era errado, de que havia alguma coisa errada comigo, por causa da minha sexualidade.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 25 anos de idade

Ela (a mãe) tinha amigas cristãs. A minha mãe é cristã, a minha família é cristã, eu nasci em um lar cristão, eles são adventistas. E aí essa amiga dela falou: “Olha, eu tenho uma amiga psicóloga que a gente pode estar encaminhando ele para fazer terapia, para ver se realmente é isso o que ele quer, pode ser que ele esteja confuso e tal.”

Sou não binária, intersexual, pansexual e tenho 26 anos de idade (raça não declarada)

Foi a minha família, não é? Especificamente, nesse momento, foi o meu pai que falou. Ele sempre falava que eu era louca, ele usava no feminino, sempre usou. E, aí, comecei a ter que ir em psicólogas, passei por vários tipos de análise, psicanálise, comportamental, yin yang, vários tipos, psiquiatras. Comecei a frequentar vários consultórios, e isso também ia me deixando mais nervoso ainda, porque eu não queria ser obrigado a falar com aquelas pessoas, sei lá. Aí, o meu pai, em um episódio que ele achou que eu tinha passado do limite, ele foi e me internou sem o meu consentimento.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 29 anos de idade

Eu achava que eu ia apanhar no dia que eu descobri. Quando meu pai me chamou para conversar, a gente saiu de casa, a gente foi conversar em uma praça. Aí, eu falei: “Nossa, agora eu vou apanhar!” Porque é o que se espera. Mas, aí, não apanhei, foi até tranquilo. Eu até pensei: “Meus pais vão aceitar.” Saí tranquilo, feliz, só que depois eu vi que não e aí era o início de tentar me levar para a religião, para me curar, ou tentar me levar para algum tipo de profissional, terapeuta para me curar.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 32 anos de idade

Eu queria sair daqui da minha cidade, eu queria fugir e, aí, os tios que moram na cidade vizinha me convidaram para ficar com eles lá. Ele tinha um escritório, podia ir trabalhar com ele, fazer um estágio, e eu fui. Eles também eram da igreja e eu acabei indo para igreja deles e acabei entrando em contato com a pastora. Na verdade, ela me abordou porque eu acho que ela já percebeu que tinha alguma coisa diferente. Nisso, a gente começou a ter um relacionamento muito próximo e foi onde ela começou a querer saber o que estava acontecendo comigo e tal. Eu acabei abrindo tudo e, aí, começou, foi o primeiro contato que eu tive com alguém dentro da igreja tentando, realmente, fazer algo para mudar, no sentido de tentar reverter, a minha sexualidade.

Então, comecei, fui para essa igreja. Adorei o primeiro mês. Já no segundo mês, eu comecei a ouvir lá as ministrações e vira e mexe: “Você que precisa ser curado, drogado, você que não sei o quê, que é homossexual.” Aquilo começou a suscitar dentro de mim o conflito novamente. Por conta desse conflito, uma vez eu cheguei na igreja apavorado. Nossa, foi um dia que eu nunca vou esquecer. Eu cheguei lá quase que tombando, quase que caindo, chorando, aos prantos, porque eu não conseguia lidar com essa questão e, aí, alguém, uma pessoa veio, conversou comigo, falou: “Cara, o que está acontecendo?” Eu abri mais uma vez, contei. “Cara, mas tudo só por causa disso?”, perguntou. E eu respondi: “Como assim? Só por causa disso?” E ela disse: “Estou falando só por causa disso, porque é algo muito simples.” E eu perguntei de novo: “Como algo muito simples?” E aí tratou mais uma vez que era “uma coisa muito simples de a gente resolver”. Argumentou, explicou e mais uma vez eu acabei permitindo me submeter àquilo. Já fazia quatro meses que eu estava na cidade e há dois meses eu já estava namorando com um cara de lá e eu era apaixonado por ele, louco.

Sou mulher trans, branca e tenho 66 anos de idade (orientação sexual não informada)

Nessa época, na minha pré-adolescência, que eu comecei a entrar em conflitos justamente com os problemas familiares, da não aceitação. Também achavam que era problema psicológico. Então, me mandaram fazer tratamento. A minha infância era assim: tratamento ou psiquiatra. No caso, eu mesma procurei porque eu estava tão sufocada com a família, a rejeição, aquela coisa toda e eu não me sentia muito bem. Eu sentia muita dor de cabeça, muito estresse, muita coisa, e a minha mãe me mandava ir no médico para ver o que era.

Sou lésbica, mulher cis, amarela e tenho 34 anos de idade

Eu acabei achando que era mais fácil, no momento, fazer o que estavam (os pais) me pedindo para fazer, até para provar que não era porque eu estava indo atrás de alguma opinião, que eu estava sendo “Maria-vai-com-as-outras”. Então, era para mostrar que não era porque eu ia deixar de ir para uma terapia ou para um centro espírita que ia provar ou não que eu era. Então, eu acabei aceitando porque se não aceitasse ia ser pior. Jam dizer: “Você não está indo porque tu não quer ver as outras possibilidades, se tu é ou não.” Eu não sei se está dando para entender. Eu meio que estava aceitando a situação para não piorar, e para dizer: “Olha, eu estou indo, vocês estão vendo que não vai dar em nada, mas eu estou indo para provar que não vai dar em nada, porque eu sei que é isso o que eu gosto agora.” Fui, aceitei ir para agradecer meus pais, para não estar batendo tanto de frente nessa situação, para ver se amenizava, mas foi só pior para eles, porque não mudou nada, tanto que até hoje eu estou assim, não estou curada.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 19 anos de idade

Foram somando todas essas coisas. Eu estava só, tinha acabado de chegar na cidade, não tinha muitos amigos e era uma realidade completamente diferente. Eu sempre soube que eu queria ficar com homens, só que eu parei ali com aquele terceiro carinha. Ele terminou comigo e meus pais não me aceitavam. Aí, no final de semana, eu ia para cidade dos meus pais e ficava naquele clima superchato.

Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 20 anos de idade

Ela (a mãe) me propôs fazer uma semana de jejum, oração e madrugada em relação a isso para Deus dar uma resposta no final. Daí, ela contou para o pastor porque, segundo ela, não sabia o que fazer e ele propôs essa coisa de jejuar, orar e madrugada. Como estava perdida e queria também ter uma resposta de por que eu era assim, eu aceitei e fiz com muita má vontade porque, no fundo, eu tinha medo do que eu ia ouvir, óbvio. Pela minha vulnerabilidade, pelas dúvidas que eu tinha, talvez eu tivesse esperança. E também para agradar a minha mãe, talvez, porque ela me falou coisas muito ruins. Ela dizia que preferia morrer, que se soubesse que, quando eu entrasse na universidade, isso ia acontecer, ela comeria pão e água, mas pagaria uma particular para mim. Ela dizia que só estava conseguindo passar por isso por causa da misericórdia de Deus, que se não fosse isso ela já teria se matado. Eu não queria isso. Então, eu fui lá.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 21 anos de idade

Eu vejo que tem muita influência de familiares e amigos na questão de se submeter a esse tipo de terapia. Eu não vejo assim, como uma coisa livre, tanto da questão da família como da questão da terapia, que eu já eu vejo como uma terapia bem tendenciosa.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 46 anos de idade

Chegou lá no outro estado, eu estava com muita vontade de que desse certo (reatar com a ex-esposa), mas o desejo me acompanhava para onde eu fosse. Eu estava um pouco mais amadurecido, então eu consegui sublimar um pouco a minha orientação sexual. Não que eu tivesse sido curado, mas eu consegui sublimar. E eu disse: “Eu preciso procurar uma ajuda, eu preciso me livrar disso.” Eles (o pessoal da igreja) falaram que tinha um local aqui no Brasil, eles me deram um panfleto. O pastor tinha um panfleto e me entregou e aí eu fui procurar esse local e, assim, na época, eu não sei como é que está hoje, mas na época a cura era através da oração. O que era ruim na época é porque eles atribuem a não cura a você. Se você não é curado, é porque você não quer ser curado. Se realmente você quiser ser curado, você vai ser curado, mas isso se você realmente quiser.

Foi nessa época que eu soube de um Ministério Internacional aqui no Brasil, não sei se ainda existe. Na época, a psicóloga – essa aí da cura gay – ainda é ela que está à frente desse movimento e, na época, era ela também que estava à frente. Eu soube que existia essa missão aqui no Brasil, só que ela funcionava em outra cidade e eu disse: “Eu preciso conhecer esse pessoal, eu preciso ver pessoas iguais a mim que se curaram, preciso ver.” E foi o que eu falei com minha esposa, disse para ela que eu precisava realmente ir para esse encontro e fui para o encontro.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 26 anos de idade

Minha mãe frequentava um centro espírita e resolveu levar essa questão para a pessoa que atendia no centro. A pessoa que atendeu no centro espírita falou que seria possível realizar um tratamento espiritual para provocar uma reorientação sexual, ou pelo menos para que essa energia sexual fosse canalizada em outra coisa: nos estudos ou na fé, de uma maneira que eu virasse mais ou menos assexuado. Mais ou menos, não, que eu virasse assexuado. Então, levaram essa questão ao centro espírita, mais ou menos, quando eu tinha uns 15, 16 anos. Eu não tinha muita opção, fui obrigado a fazer o tratamento espiritual. Não me sobrou nenhuma opção, até porque, se eu não fosse fazer o tal tratamento, eu não poderia mais sair com meus amigos. Eles (os pais) não me dariam mais nada, teria também essa chantagem financeira. Eu não tinha autonomia, eu tinha 15 ou 16 anos.

Eles [os pais] nunca me agrediram fisicamente. Meu pai já quis me agredir, só que minha mãe nunca deixou que ele fizesse isso. Mas eu já tive que escutar dos meus pais, nessa fase ruim, mais para frente minha mãe falou: “Não, ele deveria ter te batido mesmo.” Falavam esse tipo de coisa ignorante, mas acabaram não agredindo. Eu acho que demorou uns meses para eles me levarem no psicólogo. Depois de uns meses vieram conversar comigo de novo para saber se eu tinha mudado, ou não; e aí minha mãe falou: “Eu tenho uma psicóloga, eu quero te levar nela.” Eu fui, mas não lembro exatamente quantos meses, se foram quatro, cinco meses.

Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 25 anos de idade

Bem, primeiro que não teve um processo de decisão. Isso foi submetido a mim. A psicóloga foi uma indicação. A minha mãe participa de um grupo religioso e a indicação veio de dentro da igreja. A psicóloga, como eu falei, foi indicação de alguém da igreja. A minha mãe que agendou e eu fui, no dia na consulta, no consultório dela.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 43 anos de idade

Eu não fui amarrado, mas eu fui (para um retiro de “tratamento”). Hoje eu tenho uma convicção de que eu fui moralmente coagido (pela esposa), porque fui realmente ameaçado com um escândalo. Poderia ter consequências no meu trabalho, na minha vida com familiares e tudo.

Sou bissexual, mulher cis, branca e tenho 26 anos de idade

“Eu vou fazer esse último tratamento, se você quer que eu faça, para você não ficar dizendo que eu não tentei. Eu te digo, de coração, eu tentei e eu estou tentando, mas não é assim”. E aí minha mãe me levou para esse tratamento, que chama “neurotron”, que é um tratamento de regressão.

Sou bissexual, mulher cis, branca e tenho 26 anos de idade

No começo, eu fui forçada porque eu não tinha outra opção. Eu fui internada, fui para a “casa de recuperação” porque eu fui retirada da clínica, que também era forçada. Quando eu cheguei lá, não tinha outra opção, eu não podia fazer nada. Eu só podia ir na igreja e ficar em casa com um enfermeiro e um segurança. Eu não tinha outra opção. Era a única coisa que eu podia fazer. Então, assim, não foi espontâneo. Eu cheguei a um ponto que eu falei: “Eu não tenho o que fazer, eu estou sendo vigiada 24 horas. Ou me rendo e tento viver essa loucura de meu Deus, ou eu vou ter que vir aqui com a cara amarrada.” Foi quando eu tentei viver.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 31 anos de idade

Eu vou contextualizar para poder dizer por que eu decidi deixar a homossexualidade. Eu nasci em um lar evangélico. Minha mãe, meu pai e toda minha família por parte de pai e de mãe são superevangélicos até hoje. Eu cresci em um ambiente em que a heterossexualidade era colocada como a verdade, como o natural, como a única possibilidade de sexualidade. Então, qualquer outro tipo de sexualidade, sem ser a heterossexualidade era considerado um pecado, um desvio, um problema. Assim que eu comecei a perceber que eu não era heterossexual como meus tios, meus primos, meu pai, pensei que eu precisava resolver aquilo. Aí, uma das primeiras coisas que eu fiz na adolescência, já com uns 11, 12 anos, foi começar a orar muito para que Deus me livrasse disso. Às vezes, à noite, eu fechava os olhos, orava e achava que, quando eu acordasse de manhã, eu iria acordar sem ser gay, sem sentir todas aquelas coisas que eu sentia pelos meninos e não aconteceu. Nesse processo, dos 14 aos 16 anos eu tentei fazer com que a homossexualidade saísse de mim através de oração, através de jejum. Eu tomei uma vez a decisão de fazer um jejum de três dias direto para poder deixar de ser gay. Eu me lembro que no terceiro dia eu acabei caindo desmaiado, assim, porque eu fiquei sem comer durante três dias, especificamente para que Deus tirasse a homossexualidade de mim. Então, assim, foram alguns anos orando, estudando, vendo o que eu podia fazer para deixar de ser gay. E, olha, nessa época eu era virgem. Eu não tinha nem tocado e abraçado um garoto com qualquer tipo de intenção ou desejo sexual.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 19 anos de idade

Aí a minha mãe chamou ele (o pai) para conversar. Não passou um dia. No outro, o meu pai foi me buscar com a minha tia e eu não sabia para onde estava indo. Eu não sabia o que eles sabiam. Eu tinha 14 anos de idade e estava perdido. Aí, eu entrei dentro do carro com todas as minhas coisas e achei que eu ia para a casa dele. Só que a gente foi para outro estado, onde tem uma amiga da minha tia que indicou uma clínica. Isso eu fiquei sabendo quando cheguei lá. Ele falou que eu estava sujando o nome da família dele, que eu estava doente e que eu precisava de uma cura, que isso não existe, que eu estava sendo aliciado por um cara maior de idade.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 29 anos de idade

Meu pai encontrou um psiquiatra religioso na cidade, que era psiquiatra e também acho que era psicoterapeuta. É possível isso, não é? E ele dizia que fazia o tratamento de “cura gay”. Não falava exatamente dessa maneira. O que ele falava é que tinha alguns pacientes que chegavam ao consultório dele e que se diziam gays, mas não se sentiam confortáveis com essa situação e queriam mudar isso na vida deles – como se fosse algo que partisse da vontade individual dessas pessoas. Ele dizia que tinha tido resultados positivos com essas pessoas, que elas tinham entendido que aquilo era algo errado, algo que não era bom para a vida e elas tinham se recomposto e seguido a vida de uma maneira melhor.

Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 46 anos de idade

Eu era aluna de uma escola evangélica, na minha cidade natal, e eu nem sabia que ia para uma sessão. Dentro da escola onde eu estudava tinha uma psicóloga. Também não tinha conhecimento que tinha uma psicóloga, até a minha família e a escola decidirem que eu deveria ir a uma psicóloga. Então, eu acho que é importante narrar que um dia eu cheguei em casa e a minha mãe falou que ia me acompanhar na escola, porque a diretora queria falar comigo. Antes dessa minha ida à psicóloga pela primeira vez, a diretora havia encontrado um caderno meu, escrito à mão, aqueles cadernos que você faz várias perguntas para as colegas, elas respondem e você guarda como recordação. Não era um diário, mas era um caderno de questionamentos e lá, naquele caderno, falava de orientação sexual.

Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 20 anos de idade

Na minha cabeça, algumas coisas não faziam sentido, porque eu acreditava que Deus me amava, independentemente disso e tal. Daí ele (o pastor) me ouviu, falou algumas coisas, que eu não lembro muito bem, e disse: “Deus te ama assim, mas ele abomina o pecado e isso é um pecado.” E me mostrou textos da Bíblia, porque eu disse que não tinha textos muito objetivos e claros em relação à orientação sexual na Bíblia. Daí, ele me mostrou os textos que todo mundo mostra, clássicos, que Deus fez o homem e a mulher, que homem deitar com homem é abominação, sei lá o quê. Depois disso, ele orou comigo. No final da semana de jejum, oração e madrugada, a gente consultou a Bíblia e aí saiu um texto que falava, mais ou menos, sobre uma pessoa que esqueceu do que Deus fez por ela e que, por isso, estava exaltando os deuses errados, os deuses do mundo e dando importância para o que não tinha importância e que estava perdendo a benção de Deus. Eu achei que essa era a resposta que eu precisava e na hora eu fiquei feliz porque eu falei: “Então, agora eu sei o que fazer, porque antes eu não sabia.” Eu falei: “Então, é fácil, é só eu ser hétero.”

Sou gay, homem cis, branco e tenho 31 anos de idade

Depois que eu comecei a ter acesso à internet, eu comecei a pesquisar pessoas, grupos, formas de tentar deixar a homossexualidade. E, aí, eu encontrei um ministério no meu estado que tinha uma certa ligação com outro ministério mais antigo, que tinha ligação com uma psicóloga. O ministério que eu participei era com essa intenção, com essas intervenções para reversão da sexualidade. Eles usam essa expressão: deixar voluntariamente a homossexualidade.

TENTARAM FAZER COM QUE
EU DEIXASSE DE SER LGBTI
POR MEIO DE PROCEDIMENTOS
E PROGRAMAS

Neste capítulo, foram distribuídos trechos das narrativas de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTI) sobre os procedimentos que pretendem modificar a orientação sexual e/ou a identidade de gênero. Muitos trechos envolvem profissionais da Psicologia, caracterizando possíveis falhas éticas justamente pelas evidências de contraposição ao Código de Ética Profissional da(o) Psicóloga(o) e a resoluções do CFP, principalmente no que tange aos princípios que fundamentam essas normativas. Percebe-se que os procedimentos adotados para travestis, transexuais e intersexuais são em sua maior parte diferentes daqueles adotados para gays, lésbicas e bissexuais. Esta diferença é marcada principalmente porque as pessoas trans e intersexuais estão mais propensas a serem submetidas a tratamentos medicamentosos e a internações de ordem médica e/ou psiquiátrica, evidenciando a lógica, que ainda persiste, da patologização das travestilidades, transexualidades e intersexualidades. Em contraposição, a grande maioria das pessoas LGBs são submetidas a procedimentos de cunho moral, religioso e espiritual. Entretanto, podemos afirmar algo que esses procedimentos têm em comum: o viés da aniquilação das subjetividades LGBTIs, por meio da reafirmação da cisgeneridade e heterossexualidade como as únicas formas possíveis e legítimas de experiências da sexualidade e do gênero.

Dentre as práticas que envolvem tais procedimentos, estão imposição de isolamento social; quebra de vínculos afetivos; reafirmação constante de valores morais; estigmatização de pessoas LGBTIs; ridicularização, exposição, humilhação, desqualificação e julgamentos. Também são constantes as tentativas de disciplinamento e regramento de comportamentos considerados heterossexuais, femininos ou masculinos; práticas punitivas, de tortura física e psicológica; vigilância, acompanhamento e conversas constantes com pessoas que promovem práticas de “reorientação/reversão” da orientação sexual e identidade de gênero; práticas de depreciação e culpabilização; medicalização e internação; exorcismos espirituais, entre outras. Sejam quais forem, todas violam direitos, sobretudo pelos efeitos que produzem, como será possível verificar no próximo capítulo.

Sou heterossexual, mulher intersexual, branca e tenho 28 anos de idade

Eu lembro que teve uma vez que elas ficaram para conversar. Daí, desceram para o sacrário. Tinha essa psicóloga, tinha essa pedagoga, tinha a mulher da igreja lá. Fizeram uma roda comigo, começaram a rezar, davam as mãos: “Jesus vai te libertar disso.” Eu dizia: “Gente, eu não preciso de libertação, eu estou aqui na igreja porque eu quero me sentir bem, isso me faz bem. Vocês estão me deixando como se eu fosse uma aberração e essa sou eu.” E, às vezes, eu falava “essa”. Confundia os pronomes. Para mim era um sacrifício me referir a mim mesma como ele. Às vezes escapava, sempre escapava. Isso sempre escapou, só que eu queria esconder. Eu queria ser aceita porque eu me escondi durante uma época.

Então, na minha pré-adolescência, 10, 11 anos, eu comecei a frequentar a igreja católica por causa da minha mãe. Eu até cheguei a ser coroinha da igreja. Ali tinha psicólogas que diziam ser psicólogas cristãs e elas queriam reverter isso. Conversavam comigo, falavam que eu tinha que mudar o meu jeito, porque homem não agia daquele jeito. Eu estava dentro da igreja, eu tinha que mudar as minhas atitudes. Então, eu podia fazer o quê? Sair com as meninas, beijar meninas. A psicóloga falava: “Eu estou como psicóloga para te ajudar, eu vou oferecer maneiras de você lidar com isso, de você gostar de meninas, de você se comportar como homem. A gente tem como construir isso com você. Eu vou te propor coisas e você vai fazer, e você vai ver que você vai mudar.”

Ela foi falando várias passagens da Bíblia, falando que eu ia para o inferno, durante a sessão, se eu continuasse com aquilo, que não era de Deus. Eu ia prejudicar toda a minha família, sendo aquilo que eu estava parecendo porque eu era uma aberração. Imagina como que é para um pai ter uma aberração na família! Eu ia deixar os meus pais tristes, a minha família triste, meus parentes tristes, meus amigos não queriam ficar perto de mim. A pedagoga da escola já me procurava para conversar: “Olha, eu estou vendo que você está com o comportamento errado.” Eu perguntava: “Mas por que errado?” Ela respondia: “Porque é uma coisa que não é de Deus.”

Sou mulher trans, branca e tenho 66 anos de idade (orientação sexual não informada)

Depois eu fui para uma psiquiatra que me chocou bastante. Ela colocou na minha cabeça que eu tinha que ser homem, que eu era homem e tinha que continuar sendo homem porque senão eu ia sofrer muito, que eu não era uma mulher. Eu falava para ela que não, que eu era como eu estava me sentindo, uma mulher, e não homem. Eu nunca me senti dessa forma. Essa psiquiatra, eu entrei em choque com ela justamente por isso, porque ela ia contra as minhas ideias. Tudo aquilo do meu íntimo ela era contra, entendeu? Então, eu sentia que, de certa forma, havia um pouco de preconceito por ela não aceitar, entendeu? Tudo bem, até assim, ninguém é obrigado a aceitar ninguém, então, ela teria que respeitar as minhas ideias, respeitar o que eu era, o que eu sou, mas ela não queria de maneira nenhuma. A ideia dela era totalmente contra as minhas porque ela queria colocar na minha cabeça que não porque eu tinha que ser homem, porque eu era homem. Eu tinha que mudar a minha maneira de ser, teria que mudar os meus gestos, muito afeminados, que assim eu não ia conseguir ser ninguém. Era isso que ela falava para mim.

Ela passava para mim – eu era muito estressada por causa desse problema todo – alguns remédios tranquilizantes, ansiolíticos, antidepressivos. Ela queria modificar os meus hábitos, modificar a minha maneira de ser. Ela queria que eu me tornasse um menino com gestos masculinos. Eu estava sendo agredido, justamente, por ter gestos femininos. Então, eu me comportava como menina e ela falava que era errado, que era para eu me comportar da forma do meu sexo, e não do meu gênero.

Sou não binária, intersexual, pansexual e tenho 26 anos de idade (raça não declarada)

Quando eu tinha 17 anos, primeira vez que eu fui internado em um manicômio, disseram que eu estava com surtos esquizofrênicos; porém, depois de passar por várias coisas na vida, e tendo uma visão da minha história, eu entendo que aqueles episódios que eu tive de perder um pouco o controle emocional eram decorrentes exatamente de eu estar sendo preso à normativa cis, hetero. Aquilo me causava um sofrimento que julgavam ser esquizofrenia, mas eu não concordo. Então, a partir daí, comecei a sofrer abusos, violações mesmo, mas eu nem sabia que era por isso. No hospital psiquiátrico espírita, foi lá que eu tomei choque, foi lá que eu fui amarrado com camisa de força. Já me privaram até de tomar água, porque eu estava preso na camisa de força, pedindo água, os profissionais passando do meu lado e não me davam: “Quando você acalmar aí, eu te dou.” É muito desumano mesmo. E ainda ficar com esse reconhecimento, como se fosse um lugar de tratamento, com uma doutrina cristã por trás, fazendo procedimento de tortura. Para mim, eletroconvulsoterapia não é tratamento nenhum, é choque do mesmo jeito.

Era a primeira vez que eu estava ali, e todo mundo olhava meio assim, sei lá, meio com pena, mas eu estava bonzinho. Só me medicavam mesmo e ok. Por estar no hospital psiquiátrico espírita, já tem o peso forte de ser essa coisa cristã envolvida, isso traz muitas outras questões para o “tratamento”. Quando eu voltei, já olharam para mim: “Você de novo, já tem prontuário.” Já fala assim: “Essa paciente já tem prontuário.” Então, as pessoas já te tratam com dureza, com mais frieza também. Eu acho que elas exageram mais nos medicamentos, colocam mais peso. Eu lembro que a minha mãe, até hoje a gente ri disso, ela fala que eu comecei tomando dois comprimidos na primeira internação e na última eu tomava mais de 30 por dia, e fora isso o choque também foi na última.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 19 anos de idade

Eles (os psicólogos) liam muitos versículos da Bíblia que diziam que homem casa com mulher e que tem filhos, essas coisas. Falavam que era uma ilusão, que eu estava sendo incentivado por uma pessoa maldosa, que aquilo ali não existia, que Deus fez o homem para casar com mulher. Eram sempre essas técnicas que eles usavam. Eles liam para mim o que estava escrito na Bíblia que homem não pode se relacionar, não pode ter relação, se deitar com outro homem. Eu sentia como se, realmente, eu tivesse que mudar, e aquilo ali era só um erro e que iria acabar. Como eu passei um tempo lá (na clínica), eu estava começando a acreditar que aquilo ali realmente era uma coisa certa que eles estavam falando. Eu comecei a entender que eu deveria fazer aquilo e falava que eu iria mudar, que eu queria ser diferente, que não iria fazer mais. Até, então, que simplesmente falaram que eu não precisava mais ir, que eu ia mudar e era para eu continuar indo para a igreja.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 46 anos de idade

A estrutura da igreja funcionava da seguinte maneira: a gente participava de uma célula, que é uma reunião pequena, que acontecia nas casas. A célula que eu fazia parte, o dirigente dela se nomeava “ex-gay”. E ele era uma pessoa que acompanhava os integrantes, os novatos nessa célula, e era uma pessoa que frequentava a minha casa, via que eu tinha um relacionamento já com o meu marido. Morávamos eu, meu marido e a minha sogra, já há 7 anos nessa época. Lógico que isso disseminava ali entre eles. Da célula a gente participava de um outro encontro chamado “Encontro com Deus”, e era dividido em: encontro com homens e encontro com mulheres. Nesse encontro, havia sensibilização da questão da sexualidade. Não só em relação à homossexualidade. Eles colocavam tudo um saco só: pedofilia, estupro, sexo antes do casamento, e por aí vai. Por exemplo, nesse encontro, já tinha um processo em que a gente recebia uma lista e fazia um “X” nos nossos pecados. É uma pressão muito grande! Depois de cinco horas de música tocando, eu fiquei tão angustiado que eu marquei a lista inteira, para eu ficar livre daquilo logo.

Em outro encontro, uma das palestras iniciou com uma mãe dando um testemunho – sempre era assim, tinha um testemunho – de que ela estava muito feliz, porque o filho dela agora passou no vestibular e ela deu um carro para ele, e ele está namorando uma menina, mas que antes não era assim, antes a vida deles era um inferno. Não sei se ele era trans, ou travesti, ou gay. Eu lembro de uma fala dela, ela disse uma passagem da Bíblia que está em Apocalipse: “Seja quente, ou seja frio, porque se fores morno te vomitarei.” E ela falava que disse isso para o filho dela: ou ele virava hétero, se ele ficasse no meio termo Deus vomitava ele, ou

ele assumia lá. Eu sei que o menino se vestia de mulher e ela disse que, depois que ele resolveu ser quente e não frio e morno, a vida dele mudou. Ele passou no vestibular, ela estava muito feliz, e aí foi a namorada e ele também. Lembro que ele falava assim: “Hoje eu estou em processo. Eu sou, tipo assim, 80% hétero e 20% gay.” Eu não sei como ele dividia, mas dizia assim: “Eu ainda vou chegar em 100%.”

Nesse encontro, eu não sei explicar o que foi, mas eu saí muito incomodado. Eu saí me sentindo assim que o processo meu de caminhada espiritual ali dentro, que eu estava achando bem prazeroso, pacífico, começou a ficar complicado devido à questão da sexualidade. Eu não queria me esconder de ninguém e eu queria estar na igreja, eu queria trabalhar ali. Ao mesmo tempo, isso ia ser um impeditivo. Isso para mim estava evidente. Eu entrei em um processo de reflexão muito grande.

Tive o meu primeiro adoecimento. Eu, realmente, tento resolver, buscar ler, buscar informações e tudo mais. Eu acho que eu tive um desgaste, um estresse, fiquei uns três dias de cama, foi um pouco complicado, sempre compartilhando com essa pessoa que me acompanhava, esse “ex-gay”. Aí, tiraram essa pessoa que estava me acompanhando e colocaram outra. Não sei por quê, mas me comunicaram que quem ia me acompanhar era um casal agora, não seria mais essa pessoa. Depois desse encontro, ele me sugeriu dar sequência, que eu participasse primeiro de uma entrevista em que eu pudesse colocar (o que estava sentindo). Eu coloquei para ele que eu fiquei muito angustiado, que eu me entristeci, que parecia que as coisas tinham perdido o rumo. Eu não sabia se eu queria continuar lá dentro (da igreja), porque tinha a questão da minha sexualidade e ao mesmo tempo eu estava me sentindo mal com ela, uma coisa que eu nunca tinha sentido. Aí, ele me encaminhou para um ministério, que era uma casa onde haviam vários atendimentos. Era atendimento individual. Posteriormente,

ao pesquisar pelos nomes das pessoas, eu descobri que eram todos psicólogos. Esse ministério existe até hoje. Eles não se apresentavam como psicólogos. E eu também não entendia nada disso, se existia resolução da Psicologia naquela época, isso não passava no meu entendimento, nem questão de militância, nada.

Eu descobri que o pessoal era psicólogo porque eu pesquisei, porque como eu vivenciei essa questão do psicodrama e eu sou da área de saúde, eu falei assim: “Tem alguma coisa aqui. Essas reuniões em grupo, essa maneira como as coisas estão acontecendo, parece que tem uma condução por trás. Primeiro dá um testemunho, elenca as coisas, depois te dá um tempo para você ficar interiorizando, buscando quando você foi abusado, ou onde aconteceu alguma coisa, para a partir dali fazer o teatrinho e depois as sessões. Tem um método na realidade.” Quando caiu essa ficha, foi que eu fui pesquisar os nomes das pessoas do ministério.

Tudo que eles me falavam eu achava que era aquilo. Então, eles pegavam aquelas passagens, aquelas passagens de terror, Romanos, trabalhavam o extremo aí. Eu tinha um lado crítico, mas a gente acaba entrando dentro do processo, não é? Aí, nesse lugar uma pessoa que me atendeu a primeira vez, ela fazia uma espécie de um mapeamento para tentar descobrir quando que a homossexualidade entrou na minha vida. Geralmente, eram duas horas que ela ficava. Foram várias sessões de duas horas, em que eu contava sobre a infância, e tudo mais.

Sou gay, homem cis, negro e tenho 24 anos de idade

E ele (o psicólogo) afirmava que, através de uma “terapia reparatória”, poderia acontecer, eu poderia vencer, superar os desejos por pessoas do mesmo sexo e a gente passou a se encontrar semanalmente via Skype. A gente se falava pela webcam, mas era tudo a distância. Nessas sessões, eu era orientado, basicamente, a praticar coisas, esportes e outras atividades que fossem culturalmente vistas como atividades masculinas. O fato de eu me sentir mal veio antes da terapia e foi o que motivou a buscar essa “ajuda”, mas durante eu acho que foi reforçado, sabe? Embora o terapeuta dissesse que eu devia aceitar o que estava sentindo e deixar meu corpo sentir, para que eu pudesse entender, a frustração foi ficando cada vez maior. Essa sensação de desesperança foi ficando cada vez maior, com o passar do tempo.

Na verdade, ele era de um Ministério Cristão e durante as sessões, por exemplo, eu lembro que ele fazia menções a Jesus e coisas do tipo. Eu lembro que uma vez ele me pediu para pensar em uma situação de desconforto, uma situação de estresse, que eu tinha mencionado, levado para a sessão naquele dia. Ele me pediu para fechar os olhos e reviver aquilo, reviver tudo o que eu tinha sentido e me colocar de volta naquele lugar. Aí, eu lembro que ele falava para eu entregar a Jesus aquilo que eu estava sentindo naquele momento. Ele perguntava: “Você pode entregar isso a Jesus?” Então, era uma terapia que tinha um embasamento científico, segundo ele mostrava. Essa teoria que ele mostrava da falta de paternidade e tudo mais, mas também tinha um lado religioso, tinha um lado religioso muito claro.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 25 anos de idade

E aí ela (a psicóloga) pegou e falou: “Ah porque você é cristão, a sua família é toda cristã, você acredita que Deus pode mudar a sua vida?” Aí eu falei: “Mas eu sou gay, desde quando eu me entendo por gente, desde lá atrás, quando eu tinha seis anos de idade.” Aí, ela pegou e continuou a minha terapia, entrevista, e perguntava o que eu sentia. Perguntou, inclusive, se eu fui abusado. Eu falei que não porque ela poderia associar (a orientação sexual) ao abuso. E eu lembro que eu ficava em uma cadeira e ela um pouco mais afastada, em outra, só analisando. E, aí, ela falava que seria bom eu participar de algum retiro espiritual, de algo semelhante. Até, então, eu não topava. Uma semana depois, minha mãe já me colocou em um encontro com Deus. Eu não sei se você conhece, é o retiro espiritual feito pelas igrejas evangélicas. Eu fiquei até de noite. Teve um negócio de uma fogueira à noite, com um monte de pedido, e, por fim, queimava nessa fogueira. Eu sei que nesse dia me deu insônia, eu não consegui dormir e fiquei do lado de fora do quarto. Aí, um rapaz, que sempre me observava, veio até mim, um dos líderes lá, e aí começou a conversar comigo para saber porque que eu estava ali, por que eu era o mais recatado, não sei o quê. De tanto ele insistir, eu acho que ele percebeu que eu era gay. Eu falei: “Olha, eu estou aqui porque eu sou gay. Eu sou viado desde sempre e mainha não quer que eu seja, e eu estou aqui por isso.” Esse cara chegou para mim e pegou e disse assim: “Na sua idade, eu também já fui gay.” Eu me assustei: “Como assim já foi gay?” “Eu tinha troca-troca com os amigos.” Ele falou de uma forma tão vulgar que eu fiquei horrorizado. “Mas Jesus cura essas coisas, você tem que se entregar a Deus e tal.” E eu falava: “É, moço, mas não está gerando não. Eu sou crente desde sempre e, inclusive, tentei dois suicídios, um aos 11 e outro aos 17, 18 anos.”

Sou gay, homem cis, branco e tenho 32 anos de idade

Quando eu falo estudo da Bíblia, é o seguinte: ele ia fazendo uma série de abordagens de vários textos bíblicos e não só textos bíblicos são normalmente usados para atacar a homossexualidade, a Bíblia em um contexto em geral, enfim, aquilo tudo, uma doutrinação. Eu sempre via eles, em primeiro lugar, tentando colocar na minha cabeça, na cabeça de todos os outros que passaram por isso, a questão de você entender e aceitar que homossexualidade é um pecado, é algo abominável por Deus, é algo que tem que ser deixado, entendeu? Algo que não pode ser vivido porque, se você fizer, você está em pecado. Isso quer dizer que você não está salvo e não estar salvo significa ir para o inferno. Simples assim. Então, quando a gente está lidando com isso, a gente está lidando com uma ameaça muito grande, que no final das contas é perder a nossa salvação, entendeu?

Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 36 anos de idade

Os meus pais tinham um professor de yoga, só que não era só um professor de yoga, era meio que um guru espiritual. Era assim para o próprio grupo que fazia parte da yoga. Todo tipo de problemática levavam para ele e, teoricamente, ele dizia que tinha uma cura, ou um tratamento, ou um procedimento. Era um procedimento bem estranho para mim. Ele pedia para eu descrever primeiro como eu imaginava que seria um ato sexual com uma mulher, o que me dava o desejo – eu nunca tinha saído com mulheres. Aí, ele pediu para eu contar como é que era isso. Ele falava que a gente ia ter que fazer assim, como se fosse transpor aos poucos esse desejo, essa cena, para uma cena heterossexual. Só que primeiro tinha que ocorrer uma frustração. Então, ele falava que eu tinha que me masturbar na minha casa, pensando em uma mulher, e depois ir até o espelho e ver que eu não tinha um pênis. Esse era o primeiro procedimento. O segundo procedimento era comprar uma revista para ver homens nus e começar a me imaginar então tendo essa cena sexual, mas com um homem. Eu nunca comprei a revista porque eu não queria ver pintos, não tinha vontade, me causava extrema frustração essa técnica de perceber que “Olha, eu não tenho um pênis; então, eu nunca vou conseguir ter prazer sexual com uma mulher.” Mas ele me explicava que ao fazer isso eu estaria fazendo a minha psique compreender que eu não era um homem, que eu era uma mulher.

Sou gay, homem cis, branco (idade não informada)

As técnicas que eu consigo identificar, assim, ela (psicóloga) confrontava as minhas vivências com algo que ela julgava normal. Então, quando eu falava “eu não sinto atração por meninas”, ela falava: “Tá, mas como que você não sente atração por menina, se você nunca transou com uma menina? Quem sabe você tem que transar com uma menina para saber.” Você é confrontado com base em uma normalidade que é irreal, uma normalidade que não existe. E ela fazia muito isso. Então, quando eu falava dos meus círculos de amigos, sabe? Pensa, um menino de 15 anos. Eu falava: “Eu gosto de andar mais com meninas.” Aí, ela falava: “Mas está faltando referência masculina, o que você gosta de fazer que é do universo masculino?” Era mais isso.

Ela em nenhum momento chegou para mim e falou “é errado”. Mas ela confrontava a minha vida, colocava a minha vida como ilegítima. “Mas você gosta de fazer isso porque você não fez a coisa certa.” “Como que você não gosta de futebol?” Então, quando ela tinha esse tipo de abordagem para cima de mim, ela estava querendo me dizer: “Estamos aqui para te mostrar o que é correto.” Estamos aqui eu, você e seu pai, aliás, eu, sua mãe, e seu pai, em um círculo de vigilância, de alinhamento que eu não tinha muita escolha. Eu morava com eles, não podia falar “não” para a terapia. Então, por um tempo, eu realmente me afastei de meninos, me afastei das amizades que eu tinha, e tudo isso foi muito traumático. Tem uma coisa muito doida, porque quando ela começou a notar que eu não seria revertido, ela começou, por vontade própria, um encaminhamento de uma coisa meio vocacional. Tudo bem, que estava em época de vestibular, e aquela coisa toda, mas eu noto que ela foi encaminhando profissões para mim, em que eu obrigatoriamente viveria longe dos meus pais.

Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 46 anos de idade

A psicóloga começou invocar alguns trechos da Bíblia, falando sobre o mito da criação, sobre o papel da mulher, sobre as convicções. Na época, eu não tinha esse conhecimento do que de fato ela estava querendo dizer, mas eu só sei que aquela minha ida foi muito contrariada. Eu não queria ir e eu lembro que elas (a mãe, a diretora da escola e a psicóloga da escola) enumeraram, assim, mais ou menos, que eu deveria passar por lá umas sete vezes. Da primeira que eu fui, ela tocou nesse assunto. Eu comecei a juntar os fatos e, de fato, quando eu tinha 15 anos de idade foi quando comecei a me identificar com as meninas. O meu afeto, ele estava direcionado para as meninas e foi naquela escola que eu namorei uma menina pela primeira vez. Fiquei pensando que eu não me sentia mal porque eu namorava alguém do mesmo sexo, e que a minha ida à psicóloga tinha a ver com aquilo que não me fazia mal, mas que, de alguma forma, a escola e a minha família estavam intervindo de maneira que eu pudesse mudar de ideia, que eu pudesse temer, inclusive, porque eu sempre fui uma pessoa muito religiosa.

Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 46 anos de idade

Eu frequentei, fiz todo o tratamento. A mulher, no dia da triagem, que tem uma triagem que eles fazem para saber qual é o teu, a tua angústia, digamos assim... Daí, entrei na sala, tinha um monte de gente. Ela perguntou o que era, e eu falei o que eu estava fazendo ali. Eu falei que tinha sido ideia dos meus pais, que tinha a possibilidade, que eu não tinha nem experimentado ainda, era uma possibilidade, de estar gostando do mesmo sexo, e eu queria saber o que era. Daí, ela ficou olhando para o lado, para o meu ombro, como se tivesse alguém conversando com a pessoa que está do meu lado. Eu acho que para me botar medo, ou eu que estava muito na defensiva e achei que era isso. Eu não acreditava que era um espírito que resolveu entrar em mim e mudar a minha orientação sexual, mas eu meio que senti na hora, se era defesa ou não, que ela meio que estava me amedrontando e me deu esse tratamento de ficar na sala branca, participar da mesa branca, na sala que tinha os médiuns, por 10 dias, tomar passe por 10 dias. Foi um tratamento que me passaram e era sempre ela falando que eu tinha que confiar nos meus pais, nunca deixar de acreditar neles. Foi o que eu fiz, e não adiantou nada.

Sou lésbica, mulher cis, amarela e tenho 34 anos de idade

Eu fui uma vez só (na igreja). Daí, eu vi que eles começaram a sacudir a minha cabeça para lá e para cá para sair o tal de um demônio, me perguntando se já tinha ido embora. Eu pensava: “Se eu não disser que foi, vou ficar aqui com a minha cabeça chacoalhando até o final.” Daí, eu não fui mais. Falei para a minha amiga que ela ia com o marido dela, que estudava comigo, e nunca mais fui. Deus me livre! Deixa eu ficar indo nas palestras do centro espírita mesmo, mas a preocupação deles era para ver se era algum encosto, algum espírito ruim, mas na minha cabeça eu estava vendo que era mais uma coisa que eu precisava me descobrir e compartilhar, para sair dessa angústia. As visões eram outras, mas mesmo assim eu acabei aceitando, o que para eles era para ver se tinha a possibilidade de eu mudar de opinião.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 19 anos de idade

Ele é um retiro da Igreja Católica que roda o Brasil. É claro que o intuito dele é a cura gay. Eles começam falando, é um retiro supermachista, mulher tem que ser submissa. Uma mulher falando isso: “A mulher tem que ser submissa, ela tem que ceder às vontades dos homens, ela tem que fazer tudo que ele quer, ela tem que ser esposa recatada do lar, ela não pode trabalhar, ela tem que ficar em casa, ela tem que ser a mãe.” Todo esse discurso machista, supermachista. Depois eles falavam dos órgãos sexuais, da complementariedade dos órgãos sexuais. Aí, todo o discurso foi baseado nisso, só que eles utilizam de um recurso psicológico para tentar fazer com que as pessoas se sintam mal, eles falam: “Olha, isso é errado, isso não pode.” Aí, tem que aquela musiquinha de fundo “super bad”, eles colocam a imagem de Jesus ensanguentado, que ele sofreu por todos nós, colocam todo esse discurso, toda essa ênfase para deixar você mal, para fazer com que você ceda.

Eu sei que depois de todo o apelo emocional deles, eu estava me sentindo um lixo, porque os meus pais não me aceitavam. Eu estava fazendo os meus pais sofrerem, meu suposto namorado tinha terminado comigo, eu estava me sentindo muito mal. Então, onde eu encontrasse um lugar que me acolhesse eu iria, por mais que eu perdesse com isso também. Eu perderia a minha felicidade, mas eu me sentiria acolhido ali. Então, funciona muito bem a didática deles.

Sei que eu cheguei para ela (uma das responsáveis pelo retiro), conversei, expliquei para ela que meus pais não me aceitavam e tal. Eu não sei se eu esperava que ela falasse: “Mas você é, seus pais tem que te aceitar.” Ela disse: “Não, isso tem cura. Você não é assim. Não são os planos que Deus tem para você.” Aí ela falou: “Olha,

eu não sou a melhor pessoa. O fulano, ele já acompanhou outros casos que tiveram reversão e eu acho que ele é a melhor pessoa para conversar com você, amanhã ele vai conversar com você.” Beleza, eu me disponibilizei para conversar com ele. Quando ele começou a conversar comigo, ele perguntou se eu já tinha tido relação com homem. Aí, eu falei que já. Aí, ele falou: “Quando você tem relação é muito mais difícil, porque você meio que gosta daquilo.” Eu não entrei no mérito disso com ele. Aí, ele falou que já tinha acompanhando outros casos. O último que ele acompanhou, no Nordeste, um cara que era homossexual e tal, mas que ele acompanhou via Facebook. Depois eles continuaram conversando, ele caía e voltava. Hoje ele estava casado, tinha um filho e estava feliz e tal.

Tinha uma cruz, uma tinta vermelha. Aí, te convidavam a pegar a tinta vermelha, como se fosse o sangue de Cristo e passar na cruz, para tentar reviver, reproduzir a caminhada dele com a cruz nas costas. Eu fiquei duas semanas escutando música, com o pensamento super-hétero, super-hétero no sentido de querer me envolver com uma mulher. Depois que o retiro acabou, eu contei para os meus amigos sobre isso, inclusive, porque ele falou que eu tinha que sair dos meus círculos de amizade, porque os meus círculos de amizade poderiam me influenciar.

Ele me deu duas condições, na verdade, duas possibilidades para o resto da minha vida e eu tinha 18 anos na época. Uma pessoa com 18 anos escuta duas determinações para o resto da vida. “Olha só, você tem dois caminhos. Ou você continua gostando de homem, não tem problema, mas nunca mais fica com eles, nunca mais fica com ninguém, fica o resto da sua vida sozinho, não tem problema você gostar de homem não, mas fica para o resto da sua vida sozinho; ou você fica com uma mulher por aqui.” Foram essas duas opções que ele me deu. Absurdo. Então, como eu sou uma pessoa de carne, optei pela segunda opção. Então, beleza, vou conhecer uma mulher, vou procriar, vou deixar todo mundo feliz,

menos eu. Eu aceitei essa segunda, ele perguntou se eu queria que ele me acompanhasse depois no Facebook e tal.

Eles conseguiram me convencer de que eu poderia ficar com mulheres, ao menos ali. Nisso eu liguei para os meus pais e falei para eles que tinha funcionado, porque eu não estava aguentando mais a pressão psicológica deles. Então, se eu tivesse uma decisão diferente, um pensamento diferente daquele inicial, primeira coisa que eu queria fazer era falar para eles para acabar com aquilo, aquele sentimento ruim, que eu tinha. Eu liguei para eles, eu falei, aí eles choraram, falando que eles já não estavam aguentando mais, que era isso que eles estavam esperando.

Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 20 anos de idade

Minha mãe disse que o pastor conhecia uma psicanalista que era uma irmã, ela era da igreja, sei lá o quê, e que tratava de casos assim. Daí eu falei: “Beleza, então vamos lá.” Na primeira consulta, eu fiquei resistente. Eu falei que era daquele jeito, que eu não ia abrir mão e que minha mãe tinha que entender o que estava passando, que eu não via problema nisso. Eu fui nessa consulta, acho que antes de eu receber aquela “resposta”. Daí, passou, eu tive essa “resposta” e eu fui lá de novo, já com outra cabeça. Ela conversou comigo que talvez fosse isso que Deus queria, sei lá o quê. Antes da sessão, a gente fez uma oração, claro. Ela (a psicanalista) disse que era possível. Só que eu tenho amigos que fazem psicologia e eu sei que isso não é possível. Eu conversava muito com eles também e daí eu perguntava: “Teve gente que veio aqui, fez isso e agora é hétero?” Ela disse: “Sim, tem pessoas, tem irmãos que se determinaram a obedecer a Deus e agora hoje são casados, têm filhos.” Eu falei: “Eles são felizes?” e ela falou que sim, que para alguns é muito difícil, mas que eles têm a vida de casado e não sei o quê. Eu não acreditava nisso, eu sei que isso vai se desfazer.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 46 anos de idade

Isso enche a cabeça da gente de uma forma, porque religião fica arraigada no seu coração. Você tem muito medo de ir para o inferno. Você tem muito medo de estar errado, de estar fazendo o que é errado e você fica submisso mesmo àquilo. Uma vez teve uma reunião (na igreja) para falar sobre a questão da minha homossexualidade. É interessante que, na época em que eu assumi a minha homossexualidade para a igreja, um pastor tinha adulterado uma mulher. Esse pastor, ele pegou dois meses de punição. Eu peguei três anos de punição. Eles pregam que não tem pecadinho e pecadão, tudo é da mesma forma, mas na prática é completamente diferente. Eu não podia assumir os atos pastorais por conta da minha punição, eu estava disciplinado pela igreja.

Eu passei um ano e meio, mais ou menos, conversando com a (psicóloga da igreja), em contato com ela direto, a distância. Na época, não tinha, assim, um local de a gente ficar um tempão, não sei se tem hoje, não sei como é que é hoje. Não estou por dentro desses novos métodos, mas na época a intervenção era mesmo a distância. A (psicóloga) continuou o acompanhamento comigo, me ligava, perguntava como eu estava, dizia que eu tinha que orar, que a responsabilidade da cura era minha. Eu que tinha, se eu quisesse realmente, eu podia ser curado e eu orava e a cura não vinha e eu dizia: “Deus, mas por que é que eu não sou curado? Eu não estou entendendo isso.”

Ela me deu umas apostilas para ler, um livro para eu ler sobre a cura gay, e é sempre a mesma coisa. A culpa sempre é da pessoa que não é curada porque se ela não orou direito, ou ela não buscou direito, ela não buscou com toda a força e não fez o que devia fazer. Eu tinha convicção do que eu estava fazendo. O foco deles era a questão religiosa. Era a religião mesmo em si, porque Deus ia dar a cura para a gente e tinha esses momentos psicológicos que a gente tinha com a psicóloga e também o momento que a gente tinha em grupo, que era a terapia comunitária lá, mas o foco maior mesmo

era a religião, que Deus poderia nos libertar.

A gente ia para lá (em outra cidade), nos encontros de lá, teve até um outro encontro que eu saí muito empolgado. A psicóloga era a condutora. Aí, ela começava falando para alguém dar o seu testemunho de como foi libertado para que as outras pessoas se incentivassem também a serem curadas. Eu vi os depoimentos daquelas pessoas. Então, eu achei que realmente existe a cura mesmo e que eu posso ser curado e que depende de mim mesmo. A gente fazia orações, as pessoas conversavam, davam testemunhos naquelas rodas de conversa. Alguns diziam que já tinham se casado e estavam muito bem com a esposa, tinham se apaixonado pela mulher, que Deus tinha feito a cura.

O interessante é que todos ali contavam histórias de curas e eu também contei a minha história de cura, só que eu sabia que eu não estava curado. Eu não entendi porque aquelas pessoas tinham conseguido e eu não conseguia ser curado. Aquilo para mim era muito doloroso porque, assim, eu via que existiam pessoas, eu achava na minha mente, eu sinceramente achava que aquelas pessoas estavam curadas e por que é que aquilo não acontecia comigo? E eles começavam a dizer que estavam muito felizes, que a esposa era maravilhosa, que sentiam desejo pela esposa e eu não conseguia. Eu falei que tinha conseguido, eu falei que estava curado, só que eu não estava, eu sabia internamente que não estava curado. Todo mundo muito feliz lá, todo mundo muito alegre eu acho que é porque a gente estava encontrando pessoas iguais a nós, que passavam pelas mesmas dificuldades, mas hoje eu sei que ali não tinha nenhuma pessoa curada. Eu creio que todo mundo estava como eu ali, falando que estava curado, mas internamente estavam se matando, sentindo.

Então, a semana foi muito boa, a gente estava todo mundo junto ali e todo mundo orando, todo mundo com o mesmo objetivo, com o mesmo foco. Eu saí de lá empolgadíssimo em achar que ia ter a cura. Então, todo mundo conversava e lá parecia que estava todo mundo muito bem, mas só Deus sabe o que estava passando internamente em cada um. Eu acho que eles sabiam que nós não acreditávamos muito naquilo ali, porque ninguém dormia no quarto com o outro.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 26 anos de idade

É aquela coisa, termina o tratamento, mas não tem uma conversa final, tipo: “Agora estás curado.” Assim, passados alguns meses, eles vêm e perguntam como está, se algo mudou, se eu estou ficando com alguma menina, coisas do tipo, mas não tem uma conversa final assim. O meu agir, obviamente, não mudou, então, só causou mais irritação neles e queriam me levar para fazer o tratamento de novo. Era uma coisa bem louca. Eu acho que assim, isso foi 2006, 2007, mas eu fico imaginando que se eu tivesse nascido nos anos 30, nos anos 20, com os pais que eu tenho, teria sido mandado para aqueles hospícios que mandavam as mulheres revoltadas, os filhos gays, filhas lésbicas, aquelas pessoas que viviam à margem, que a família rejeitava, sabe? Eu acho que eu seria uma dessas pessoas que estaria nesse lugar, porque meus pais acreditavam que a gente estaria sendo tratado de algum modo.

Eu fiz o tratamento. Para quem conhece centro espírita sabe como funcionam os tratamentos. Não diferia em nada em relação aos outros, era frequentar as palestras, tomar os passes espirituais, que eles dão no centro espírita, dormir dia sim, dia não, mais cedo para receber as visitas espirituais, para tomar depois a água fluidificada. Do tratamento, dia sim, dia não, geralmente, é necessário dormir cedo porque a gente recebe uma visita espiritual, que vai limpar as impurezas, vai procurar a nossa cura ou o nosso objetivo. É deixada uma água ao lado da cama para que no dia seguinte a gente tome a água fluidificada com essa energia da

visita espiritual. E eu acho que esse tratamento durou cerca de dois, três meses. Eu frequentei tudo mais, mas frequentava com revolta dentro de mim, porque eu não queria estar ali. Meus pais frequentavam o centro espírita e faziam tratamentos, por motivos diversos, nesse centro espírita, aos domingos. Como minha “enfermidade” era grave, eu era forçado a fazer também.

Na primeira vez que eu fui no centro espírita, eles fizeram o atendimento fraterno e no atendimento a gente tem que expor a nossa questão. Só que, na verdade, eu nunca expunha a questão, eu deveria falar, eu quero tratamento. Na verdade, não era assim que eu expunha, meio que ficava um jogo maluco, porque eu falava que eu estava sofrendo, porque meus pais não me aceitavam e a pessoa que me atendia no centro espírita falava coisas no sentido de que eu deveria canalizar a energia em outra coisa, que eu deveria aceitar o tratamento para tentar me reorientar. Deu vários exemplos de pessoas que ela conhecia que eram gays e que eram muito tristes ou que tinham sofrido muito. Eu tinha que fazer isso para me poupar de sofrimento e poupar meus pais de sofrimento. Ela sempre dava exemplo de pessoas que eram muito tristes, ou que tinham dado muito errado na vida e falava para evitar me relacionar com qualquer pessoa, para evitar ter qualquer tipo de relação com homem ou com mulher. Não havia conversas o tempo todo com a pessoa que atendia. Depois que a gente tinha essa conversa, a equipe dava início ao tratamento que consistia em frequentar as palestras do centro espírita, geralmente, uma vez por semana, em tomar o passe e dormir cedo dia sim, dia não, para receber a visita espiritual em casa e tomar água fluidificada no dia seguinte.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 43 anos de idade

Então nós (ele e a ex-noiva) fomos para um retiro chamado Encontro com Deus, que é um absurdo, é uma lavagem cerebral que ocorre entre sexta, sábado e domingo. Acontece no Brasil inteiro, onde eles escolhem a dedo pessoas que estão fragilizadas, psicologicamente e psiquiatricamente, com os mais variados problemas. Lá nesse encontro de três dias, eu tive a certeza de que iria ser curado (do desejo por homens). Daí, evoluiu para uma situação de “não, nós vamos manter a nossa relação, vamos lutar que a cura virá.” Então, nós dois (ele e a ex-noiva) nos convertemos nessa igreja.

No processo de noivado, cheguei, inclusive, a me sujeitar a sessões de exorcismo, onde tinha uma pastora da Igreja Quadrangular. Ela foi uma pastora que era do Candomblé e se converteu. Ela era mãe de santo, se converteu. Ela era muito conhecida na cidade por ser uma exímia exorcista. Então, era essa a minha rotina. Eu ficava, eu era noivo, eu estava sem relações, estava me purificando para o casamento, e passando por sessões de exorcismo com essa pastora, que basicamente era em uma sala fechada, só nós dois, muito grito. Não chegou a ter agressão física, mas teve muito grito, muito choro e a gente acredita mesmo naquilo, a gente sente, a gente é induzido, a gente sente cheiros, a gente vê coisa, a gente entra realmente em um processo. Eu não entendo, até hoje, o que

acontece nesses procedimentos porque foram muito fortes e muito vívidos. Geralmente, a gente fica em jejum nesses lugares. Descobri que sem alimento, a gente fica mais propenso ao que ali acontece.

Todas as pessoas enviadas, encaminhadas para esses lugares, são encaminhadas pelo pastor, e acredito que, agora, também talvez sejam encaminhadas por psicólogos evangélicos. Não vou afirmar, mas há essa possibilidade, tendo em vista que, neste seminário de cura e libertação, o que acontece? Nós ficamos de um lado, em regime de internação, e do outro ficam os estudantes de cura e libertação, pastores, psicólogos, pessoas que têm determinado nível de hierarquia dentro das igrejas e que passam esse mesmo período estudando todas as religiões que você imaginar. Eu vi as apostilas, colocando nome de demônio para tudo o que você imaginar, não é?

Eu me vi como “cobaia”. Ao final, as “cobaias” passavam por esse processo todo de observação absurda dos “treinados a libertadores” de doenças espirituais. Um verdadeiro absurdo, uma coisa que eu acredito que tem que vir à tona. Eu não vi nenhuma notícia sair sobre isso. Está em um site que eles estão capacitando psicólogos.

Sou bissexual, mulher cis, branca e tenho 26 anos de idade

Eu conversei com uma psicóloga e ela me encaminhou para um psiquiatra. Aí, no outro dia, eu já estava arrumando as malas (para ir embora para outro estado), e falei: “Vou nesse psiquiatra, vou conversar com ele. Vai ver que eu estou normal, que eu estou bem, que minha mãe que é a louca da história e ele vai me compreender, e eu vou embora.” Só que, quando eu cheguei nesse psiquiatra, ele era muito agressivo e muito contestador. Ele foi muito irônico: “É, eu acho que você vai passar o seu ano novo aqui nessa cidade mesmo.” Ele fez um sinal, vieram dois enfermeiros, e falou: “Interna.” E, aí, no que ele falou isso, os dois enfermeiros me jogaram em uma maca e parecia uma cena de filme. Eu tentava desviar de um e de outro. Eu lembro que eu rasguei o colchão, rasguei o lençol, e chutei um monte de coisa. A minha mãe e o meu pai, na porta, chorando, e eu falava assim: “Se vocês me amam, por que estão fazendo isso comigo.” E, aí, levei uma injeção, eu acordei depois do ano-novo em uma clínica.

Quando acordei lá, eu estava tão doida de remédio que eu não conseguia atravessar uma porta. Literalmente, eu batia a minha cabeça assim nos cantos, porque eu via tudo duplicado. Eu não podia sair, eu não podia fazer nada, eu não sabia direito porque que eu estava lá. O meu psiquiatra era militar, ele é bem rigoroso, e tive uma outra psicóloga, ela era bem crente, bem da igreja e queria me batizar nas águas. Aí, enfim, dentro desse contexto, eu falei: “O que eu estou fazendo aqui?” Deu uns 15 dias, e era uma coisa assim que eu não sabia o tempo que eu ia ficar lá, tinha gente que estava lá há anos, e eu falava: “Será que eu vou apodrecer nessa clínica? O que eu devo fazer?” Aí, eu meio que dei uma surtada, porque eu não podia nem almoçar fora, nem fazer nada. Eu tinha que ficar trancada lá. Imagina, eu tinha 18 anos de idade. Aí, eu fugi da clínica, pulei o muro da clínica, tocou sirene, correu o cachorro atrás de mim e eu pulei o prédio para a rua. Então, veio uma legião de enfermeiras com guarda e me capturaram. Aí,

eu voltei para a clínica e eu ficava assim: “O que eu tenho que fazer aqui?” E aí eu comecei a tentar virar amiga de todo mundo, entender a história de todo mundo e as pessoas começaram a se apaixonar por mim.

O doutor falou: “Você está atrapalhando o processo dos outros pacientes. Então, eu já recomendei para a sua família um novo tratamento.” E, aí, ele me mandou para a igreja. Eu só não ia no dia do culto dos homens; ou seja, eu ia seis vezes por semana na igreja. Eu ia todos os dias. Minha mãe contratou dois seguranças que eram militares enfermeiros. Eles ficavam comigo o dia inteiro, revezando, um dia cada um, e à noite eu ia na igreja, era essa a minha vida. E eu falava: “Cara, eu não aguento mais tomar remédio.” Aí, eu surtei, eu não queria mais tomar remédio, eu não queria essa vida, até que eu falei assim: “Cara, isso não é vida. Eu vou ao banheiro, tem uma pessoa me esperando atrás da porta. Eu não tenho liberdade nenhuma para fazer nada. O que eu tenho que fazer? Eu tenho que entrar nesse joguinho? Nessa coisa da igreja? Então tá. Eu vou ser a crente perfeita. É isso que vocês querem? Tudo bem.” Aí, eu entrei na igreja, ajoelhei lá, chorei e fiz tudo o que tinha que fazer. Cheguei na igreja, começou a me dar um tremelique, todo o meu corpo começou a ficar contorcido, aí começaram a me exorcizar e falar que o “o sangue de Jesus tem poder”. Eu vivi todos esses anos dentro da igreja tentando ser uma coisa para agradar a minha mãe, o meu pai, todo mundo. Dizia que estava bem, dentro do que eu podia ser, porque tinha um termo da igreja que dizia que durante cinco anos eu ficaria sob observação. Então, eu meio que vivi esses cinco anos, porque eu tinha muito medo de voltar a ser internada. Teve uma vez que eu briguei com a minha mãe. A primeira coisa que ela fez foi chamar a ambulância da clínica, eles vieram e me deram uma injeção e eu voltei para a clínica. Só que eu saí no outro dia.

“Você nunca tentou se livrar dessa ‘sapatonagem’. Você foi para a igreja e você só fingiu.” E eu tinha feito tudo, eu tentei mesmo ser a crente perfeita. E, aí, minha mãe falou assim: “Eu te peço uma coisa. Eu quero que você faça um último tratamento. Uma amiga minha (psicóloga) faz um tratamento que ela diz que é

perfeito, porque ele vai te reconectar com a sua essência, e eu acho que você nunca tentou de verdade. Então, eu quero que você tente dessa vez.”

E, aí, minha mãe me levou para outro tratamento, que chama “neurotron”, que é um tratamento de regressão. Eles colocam eletrodos, dois eletrodos atrás da orelha e um no meio. Aí, você fica deitado em uma cama com uns fones de ouvido e fica tomando um choque. Só que eu acho que deu algum problema porque queimou a minha testa, eu tenho até uma cicatriz do choque. Depois eu fui para uma maca que vibrava e tinha um médico que ficava fazendo uns exercícios de hipnose e regressão. Ele orientava: “Entre nas portas.” Cada porta que eu entrava, tinha um número que representava uma cena da minha idade. Fui entrando em várias portas e vendo vários números. Aí, eu vi uns “vídeos” meus de quando eu era bebê, criança, só que tudo dentro da minha cabeça.

Eu cheguei no quarto e último estágio, o estágio do “neurotron”, que era feito com uma psicóloga conversando. Você ia entrando, já mais naturalmente, naquele estado e ela ia fazendo anotações disso que eu ia vivendo. Chegou em um ponto que eu era um bebê de oito meses e ela ficava assim: “Fala o que o bebê está sentindo, o que o bebê quer dizer.” Sabe quando você não entende mais por que você está fazendo? Você não quer mais fazer, mas você tem que fazer, sei lá, e eu fui fazendo. Chegou em um ponto que eu desisti e falei: “Eu não quero mais fazer isso, porque eu estou ficando irritada com esse processo.” Ela é uma amiga da minha mãe, ela falava assim: “Eu já fiz outras pessoas reencontrarem seu espírito e, a partir do momento que elas se reconectaram com aquela essência, elas voltaram para ter uma vida hetero e normal.” Era isso que ela falava. Eu não tinha nenhum problema, esse era o motivo de eu estar lá.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 31 anos de idade

Fiz várias intervenções e com várias pessoas. Com uma determinada pastora, foram duas vezes. Uma na minha cidade natal em 2002 e a outra em São Paulo em 2004. Em 2004, essas intervenções foram mais intensas porque o meu pastor foi comigo e a gente passou uma tarde inteira fazendo várias orações. Eu fiz vários processos de renúncia. Eu passei uma tarde inteira e aí eu também saí com a ideia de que tinha deixado a homossexualidade. Dias depois eu vi um garoto bonito, achei interessante, me senti atraído e vi que não tinha mais como resolver aquilo, assim, nesse primeiro momento e, aí, eu pensei: “Nossa, se eu não consegui, se eu passei por todas essas coisas e não consegui, então, eu vou me fechar, não vou falar mais para ninguém.”

Eu encontrei na internet o e-mail dele, mandei o e-mail, ele me respondeu. A gente ficou trocando e-mail. Ele marcou uma sessão de aconselhamento, de falar especificamente sobre a questão da homossexualidade, de como deixar, como curar, como restaurar. E, aí, eu falei: “Essa vai ser a minha última cartada.” Antes disso, eu tive uma pequena desistência, mas aí eu queria dizer uma coisa que eu acho que me motivou a procurar. Eu estava nessa busca, em um determinado momento, eu me fechei lá em 2004. Quando eu fiz essa outra intervenção que não estava dando certo, eu me fechei e comecei a orar todos os dias na igreja. Eu ia todos os dias de manhã cedinho na igreja orar e aí eu ia só para orar. “Quero deixar a homossexualidade. Deus, tira isso de mim. Eu não quero ser gay, eu não quero ser gay. Tira isso de mim, tira isso de mim!” E, aí, eu lembro que eu orava, orava, orava, chorava muito pedindo para Deus tirar aquilo de mim porque eu pensava que se essas pessoas, se esses humanos aqui não me ajudaram, só Deus para me ajudar.

Fui orientado a morar em uma casa específica para deixar a homossexualidade. Então, nessa casa, eu morei por três anos. Eu morei no finalzinho de 2010, 2011, 2012 e 2013. Ao todo, foram três anos morando na casa, três anos morando em uma casa

para deixar de ser gay. Então, eu entrei nessa casa para deixar de ser gay, porque lá eu, então, aprenderia os valores familiares que eu não aprendi em casa. Então, assim, foi pior. A casa que eu vivi para deixar a homossexualidade foi pior do que ter vivido no quartel. Eu vivi no quartel, eu fui militar e com todas as regras do militarismo, que são muito pesadas, as regras do militarismo ainda são muito mais tranquilas perto das regras de uma casa para deixar a homossexualidade.

Eu me sentia vigiado o tempo inteiro. Então, assim, se eu sentasse de um jeito, por exemplo, se eu sentasse cruzando a perna, isso é tido como um comportamento feminino, logo, isso me aproxima dessa identificação com a minha mãe e isso faz com que eu acabe não sentindo atração por homens. Então, eu não podia sentar assim. Eu ficava me vigiando, me policiando o tempo inteiro. Então, eu tinha que sentar de perna aberta. Eu não podia ver alguns programas na televisão. Tanto que, em um determinado momento, o líder da casa em que eu vivia, dos “ex-gays”, era completamente violento com a gente, gritava, sabe? Ele só não batia na gente, porque acho que não tinha como, mas eu acho que em um determinado arranjo até podia acontecer.

E, aí, essa coisa do gênero, da sexualidade, fica completamente assim embolada, misturada, porque a sexualidade vem, a atração sexual vem, por conta de uma identificação de gênero. Você tem uma identificação com mulher, logo, você sente atração por homens. Você tem uma identificação com homem, logo, você sente atração por mulheres. É isso que eles trazem, mas ao mesmo tempo eu tenho que fazer coisas ditas de mulher. Então, essa conta não fecha e, aí, cria mais conflito, instala uma coisa que eu não tinha tanto antes, que é essa coisa da paranoia. Eu tinha que tirar boas notas, eu tinha que provar que eu estava indo para a faculdade.

Eu tive um contato com uma outra psicóloga. Ela fez algumas coisas que foram um pouco complicadinhas, que eu vou falar. Eu tive que contar (que era homossexual) para os meus pais porque a intervenção se dava sobre a família, porque a minha mãe precisava ficar afastada e eu precisava ficar mais próximo do meu pai, porque aí eu ia conseguir “mudar a forma de identificação”.

Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 25 anos de idade

Além da orientação sexual que eu tinha acabado de descobrir, eu tinha vários problemas. Ao buscar ajuda psicológica, a psicóloga veio interpor uma questão de religião. Na verdade, eu acho que não foi na primeira consulta que eu fui falar sobre a minha orientação sexual. Eu acho que foi na terceira visita ao psicólogo. Eu acho que a primeira vez que eu fui falar sobre isso ela perguntou se eu já tinha frequentado alguma igreja. Ao discorrer sobre isso, ela foi falando sobre orar, pedir ajuda para Deus. Depois ela veio com um questionamento: “Como é que era?” Deus tinha programado uma família para mim. Eu tinha que ter família, filhos, marido, e isso não era de Deus, eram espíritos malignos, etc. Ela começou dizendo que era uma fase, depois ela entrou muito em religião, começou a falar que Deus tinha um plano para mim e que isso eram “atrormentações”, que eu não podia me deixar cair nessas atrormentações. Ela passava orações para eu fazer, orações, hinos para eu ouvir, e ficava falando versos bíblicos, nada a ver. Ela ficava falando passagens bíblicas, ela não falava da família. Ela falava que eu tinha que constituir uma família.

Eu, realmente, estava perdida. Eu não sabia o que eu estava sentindo. Eu não sabia o que era aquilo. Eu meio que estava procurando uma saída. Eu até cheguei falando uma vez para ela que ela me ajudava, que ela era a única pessoa que eu podia conversar sobre isso, porque eu não podia conversar com os meus amigos, que eu sentia vergonha do que estava acontecendo. Eu não podia conversar abertamente com as pessoas da minha família. Então, ela era a única pessoa que eu poderia conversar. Era por isso que eu continuava ali.

Ela estava vindo com uma coisa que eu não concordava. Tudo

o que trazia para ela, tudo o que eu estava passando, parece que ela não estava ouvindo. Ela não estava me ajudando. Ela só queria debater que eu não poderia fazer aquilo. Tudo o que eu estava passando no momento, todos os meus transtornos, ela não ouvia, não estava me ajudando. Ela só queria impor a religião, que eu não podia fazer aquilo, que era pecado, ou porque era alguma maldição.

A partir do momento em que eu cheguei para ela e falei que eu achava que estava gostando de uma garota, ela mudou totalmente. Ela começou a entrar muito nisso de religião, passando as orações que eu tinha que orar, passando hinos, pregando, trazendo versículos bíblicos nas consultas, falando que eu tinha que saber passar por essa fase, que era só uma fase. Eu não sei se era isso que ela pensava, porque ela falava, ela lia os trechos bíblicos na forma de me convencer a não fazer o que eu estava pensando, porque eu estava já me interessando e começando a me envolver com a menina, na mesma época que estava fazendo as consultas. Então, ela lia de uma forma de reverter o que eu já estava fazendo.

Em algumas consultas, eu cheguei até debater com ela. Eu falei que, se eu era livre para fazer o que eu queria, se eu gostava de uma pessoa, se eu não podia, se era pecado, essa questão... Ela rebateu totalmente. Eu lembro que ela me rebatia em qualquer momento. Sempre a minha reação foi de contrariedade, que eu não aceitava aquilo que ela estava falando. Eu acho que era por isso que, em cada consulta que eu ia, ela trazia mais material evangélico para tentar me convencer daquilo que eu estava fazendo.

Quando eu comecei a achar que ela estava exagerando demais, eu parei de ir. Ela ainda ficou ligando para a minha mãe, perguntando se eu não ia retornar às consultas, que eu não estava bem ainda, que eu precisava retornar. Como eu falei anteriormente, a minha mãe foi sempre muito aberta, e eu falei que eu não queria continuar, que eu não ia e eu não fui mais.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 46 anos de idade

(Faziam) pergunta do tipo, se eu tive algum problema com o meu pai ou com a minha mãe quando eu era criança, relacionado ao sexo. Se eu lembrava de abuso, se eu lembrava de alguma coisa de eu querer vestir roupa de menina. Teve uma entrevista muito interessante, lembrei agora. Tinha outra pessoa junto, que antes de ela conversar comigo, essa pessoa contou a história dela. Era uma menina. Contou a história que tinha sido abusada e que por isso ela era lésbica, e que ela descobriu isso iluminada pelo Espírito Santo. Eu não me lembro direito a fala não, mas resumindo era isso. Ela era lésbica porque foi abusada e o Espírito Santo a iluminou em um outro retiro que ela foi, que eu não tinha participado ainda, mas que ela me orientava muito a participar. Depois que ela reconheceu isso, a vida dela mudou. A vida dela prosperou, ao se livrar da homossexualidade. Ela conseguiu crescer na vida. Então, assim, foi esse dia que teve esse testemunho dessa “ex-lésbica”, junto com essa mulher que era psicóloga. As sessões eram sempre isso, para eu tentar lembrar alguma coisa.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 43 anos de idade

Lá, a coisa foi mais profunda. Foram 30 dias de imersão em mim mesmo. Trinta dias de muitas palestras, muitas conversas, de convivência com pessoas aparentemente doentes como eu, doentes espirituais, assim eles diziam. Nós tínhamos pessoas com problemas de pedofilia, cleptomania, ou seja, pastor que tinha mau hábito de roubar o dinheiro da igreja, e foi diagnosticado como cleptomania. Tinha pessoas com problemas, dependentes químicos. Eu fui colocado ali, em uma espécie de retiro-internação, com um grupo de pessoas com esse tipo de doença, que eu acabei de falar agora. E, eu digo, que foi muito pior esses 30 dias. Sem grito, sem exorcismo, porque é um processo muito mais insidioso, e muito mais perigoso do que o grito. O grito você esquece. Eu acredito que é como se fosse um corte. Esses exorcismos, essa gritaria é como se fosse um arranhão. Esses 30 dias foram como um corte cirúrgico, mais profundo. Tanto é que, na finalização dele, a gente ia para os cultos em Curitiba, e no final a gente ia para uma igreja tão grande, quanto essas igrejas, esses templos com milhares de pessoas dentro. Em determinado momento, o pastor disse: “Olha, os presentes aqui, vamos orar pelas pessoas que fizeram o seminário de Cura e Libertação na Agência Missionária. Em nome de Jesus, eles estão curados também. Vamos chamá-los aqui em cima, os que quiserem, para receber a oração dos irmãos.” Catalogaram por doença, ou problema espiritual. Então, na hora de chamarem pelo demônio, ou pela libertação da doença da homossexualidade, eu, na inocência, subi. Quando olhei para trás, eu vi que os outros não tiveram a mesma coragem que eu tive. E, aí, eu subi naquele palco e olhei para aquelas milhares de pessoas olhando para mim, rezando, para me ajudar no processo de cura da homossexualidade.

Além da questão demoníaca, a impressão que eu tinha – até porque a mãe do meu filho é psicóloga, então eu tive muito conhecimento, contato com pessoas e com os jargões da psicologia – e nesses 30 dias na Agência Missionária eu percebi que tudo era muito focado na relação com pai, com a mãe, com os parentes. Depois eu fui descobrir que tem aquela terapia da árvore, Como é que chama? Aquela que você vai vendo as questões dos parentes, e tudo. Vi que eles fazem um trabalho muito parecido com isso, em que a gente vai buscar lá na bisavó, no bisavô, depois vai para o avô, depois vai para o pai e para mãe.

Eles conseguem construir uma coisa profunda, que vai além do alegórico, em termos de demônio, e vira uma coisa, como eu disse, mais profunda, porque eu me vi ali tendo que analisar a relação do meu pai com o meu avô, e eu nem sabia nada disso, porque o meu pai nunca conversou comigo muito sobre isso. Eu cheguei a conclusões, acredito que deliberadas, que com muitos anos de análise a gente não chega. Eu cheguei, em 30 dias, e me fizeram acreditar que era aquilo mesmo, e que eu sei hoje que não era bem aquilo. Eles tinham uma técnica sim, de imersão no meu psicológico, na minha relação familiar, não só na questão do casamento, mas eles iam muito a fundo, eu diria que foram quase 30 dias de sessões mesmo, de conversas, de análises.

Sou gay, homem cis, negro e tenho 24 anos de idade

Ele dizia (o terapeuta) que, através de uma terapia, que chamava de “terapia reparatória”, poderia acontecer, eu poderia vencer, superar os desejos por pessoas do mesmo sexo. Essa terapia ele dizia que era cognitivo-comportamental. A gente passou a se encontrar semanalmente via Skype. A gente se falava na webcam, mas era tudo a distância. Nos últimos meses de 2011, acho que em outubro ou novembro, a gente começou, e seguiu por alguns meses em 2012. Se eu não me engano, foi até mais ou menos agosto de 2012. Nessas sessões, eu era orientado, basicamente, a praticar coisas, esportes e outras atividades que fossem culturalmente vistas como atividades masculinas.

AS EXPERIÊNCIAS DE
PRECONCEITO, VIOLÊNCIA,
ÓDIO E EXCLUSÃO ME FIZERAM
SOFRER INTENSAMENTE

Neste capítulo, foram distribuídos trechos das narrativas de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTI) que retratam intensos sofrimentos ético-políticos decorrentes de diversas formas de violências, preconceitos, injustiças e processos de exclusão. Práticas que negam as subjetividades LGBTIs como vidas possíveis. Dentre os sofrimentos apresentados, estão a perda de vínculos, tentativas e ideações suicidas, sensação de impotência, uso abusivo de álcool e outras drogas, automutilações, negação do desejo sexual, raiva, medo, entre outros.

Sou gay, homem cis, branco (idade não informada)

Eu acho que a sensação foi a mesma de durante todos esses anos, de impotência, essa sensação que a gente sente.

Sou não binária, pansexual, indígena e tenho 23 anos de idade

Até os 17 anos, eu me escondia. Quando chegou nessa idade, eu cheguei a pensar no suicídio também, é natural. Eu vejo como natural para as pessoas que passam por isso também. Até o dia que eu: “Gente, não é bem isso.” O do suicídio é porque, desde esse tempo, eu me camuflei muito no estilo de rock gótico. Eu nunca tinha escutado esse negócio de transgênero. Eu via aquele povo mais afeminado, então, eu queria me inspirar neles também porque eu sempre quis ter o cabelão. Dos 14 até os 17 anos, sofrendo, escutando um bocado de coisas, tendo que aceitar um bocado de coisas, porque eu não tinha idade, eu não tinha corpo, eu não tinha nada e nem ninguém, praticamente. E eu pensei: “Eu vou desistir.”, tanto que eu escrevi uma carta. Nesse dia, eu cheguei em casa e minha mãe começou a brigar comigo. Ela só alimentou e, quando eu estava praticamente para me enforcar, eu pensei: “Caraca, eu posso estar desse jeito, mas eu vou desistir agora? Eu ainda tenho uma história, eu posso fazer a minha história, eu tenho o direito de ter uma história também.” Foi quando eu comecei a chorar muito, muito mesmo. Soltei o lençol, que eu ia me enforcar com o lençol, e mesmo a minha mãe brigando comigo eu fui e abracei ela, e ela ficou sem entender. Eu não sou de ficar chorando na frente de ninguém e ela ficou um pouco comovida, ficou sem entender, mas eu não disse para ela o que eu estava fazendo dentro do quarto. Guardei a carta e a queimei recentemente.

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 24 anos de idade

Eu ainda estava no ensino fundamental. Por conta das agressões que eu sofria dentro de casa, comecei a encher uma garrafinha de água com Vodka, que meu pai bebia no inverno, e levar para escola no lugar da água. Aí, tomava na escola e ficava lá, alcoolizada. A gente (ele e as amigas da escola) tinha bebido, e como eu já tinha perdido a consciência ali, estava entrando em coma alcoólico, elas ficaram com medo da situação que estava e resolveram levar até a escola. Como só tinha um adolescente, me arrastaram assim, me levando até a escola. Chegou lá na escola, explicaram o que tinha acontecido, e aí ligaram para a minha mãe. Aí, de lá, já tinham chamado o bombeiro, o bombeiro levou para o CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial Alcool e Outras Drogas) de novo, onde meu tio tinha me levado e eu já tinha tentado suicídio. Depois falei para a minha mãe que o que eu não podia falar era da minha sexualidade, que eu tinha feito aquilo porque eu já não aguentava mais.

Ele (o pai) quebrou todo nosso quarto e eu falei: “Eu não quero continuar passando por isso.” No momento, eu só catei o caco, fui cortando o meu braço todo, que eu queria tirar o foco daquilo tudo. Estava me punindo. Eu comecei a me viciar nisso. Toda vez que eu me cortava, eu esquecia um pouco da dor que eu carregava dentro de mim, porque eu estava sentindo uma dor física. E, aí, começou. Sempre que eu estava muito triste, “a dor física vai me tirar essa dor que eu estou tendo que lidar dentro de mim”. Aí, começou tipo uma válvula de escape. Por mais que minha mãe visse, que eu estava com o braço todo retalhado, não falava nada. Chegou o episódio de eu estar dentro de sala de aula com o caco de vidro e me cortar dentro da sala de aula. Aí, eles viram que eu estava bebendo na escola.

Teve um episódio que eu estava numa crise de depressão, tentei suicídio, e comecei a achar que eu estava sendo observado. Todo momento tinha alguém me observando e eu chamei minha mãe e pedi: “Pelo amor de Deus, me ajuda.” Eu sentia como se fosse uma voz na minha mente dizendo “vai lá pega uma faca, você não serve para nada, acaba com isso, o que você está fazendo aí”. Esse tipo de coisa em pensamento.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 19 anos de idade

Eu não dependo deles para nada, só que a cobrança deles é muito grande. Eu acho que estou fazendo muita merda, perdendo um pouco o controle, por causa dessas coisas. Beber, por exemplo, eu acho que gastei mais de 200 reais bebendo. Eu nunca tinha bebido. Foi a válvula. Quando eu estou bêbado, eu esqueço de tudo.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 46 anos de idade

Como eu sou de uma geração já mais antiga um pouco, na época, eu entrei na igreja porque eu achei que a igreja fosse me livrar disso (da homossexualidade). Na época, a gente não tinha referência. Hoje tem nas novelas, tem tudo falando sobre a questão da homossexualidade. Na minha época, não tinha nada disso; a gente sofria sozinho. Então, aí, eu entrei na igreja para tentar me livrar. Minha família começou a entrar na Igreja Protestante. Eles começaram a entrar e eu achei que a igreja fosse me libertar daquilo que eu achava ruim. Eu achava que era só eu no mundo, como eu te falei, não tinha referências na época. Então, a gente ficava meio que isolado e eu entrei na igreja, orava muito para Deus me libertar da minha homossexualidade. Só eu sabia o que acontecia internamente. Então, eu orava muito, eu chorava muito, eu jejuava muito, eu jejuava toda quarta-feira, eu participava de vigílias, pedindo a Deus que me libertasse da minha homossexualidade. Tinha um culto, que a gente chamava de culto matutino, às 5h30min da manhã. Eu ia nesses cultos também pedindo a Deus a minha libertação, para que Deus me libertasse porque eu não queria, eu não aceitava de jeito nenhum ser gay, apesar de que eu não entendia muito bem o que era a homossexualidade. Eu sei que eu sentia algo diferente, eu não entendia muito bem o que era, não sabia o que era gay, o que era travesti, o que era transexual. Eu não sabia nada disso. Eu só sabia que tinha alguma coisa que eu, na época, achava errado.

Às vezes, eu estava no ônibus e começava a chorar dentro do ônibus. O povo ficava olhando para mim, mas eu não conseguia parar de chorar. Foi muito doloroso esse processo. Assim que eu fui embora e pronto, eu disse: “Não, eu vou voltar. Eu vou tentar ver

uma maneira de me encontrar de novo com minha família porque, senão, nunca mais vou encontrar com minha família.” Eu fui me encontrar com ela (a ex-esposa) e nesse encontro a gente resolveu voltar. Ela disse que me ajudaria em tudo. Eu achei que essa era a única maneira de eu rever minha família. A gente reatou e aí apareceu um convite para a gente ir para outro estado. Eu e ela fomos.

Na época, eu estava noivo da minha esposa. Minha primeira experiência sexual com homens foi em Recife e, aí, foi que eu fiquei mais louco ainda, porque eu não tinha, até então, tido experiência sexual, relação sexual. Eu sentia o desejo, mas não tinha tido. Em Recife, eu conheci mais o que era realmente esse mundo, que para mim era horrível porque a igreja, o tempo todo, dizia que os homossexuais iam para o inferno. Pensei muitas vezes. Então, por muitas vezes, eu pensei até em tirar a minha vida. Eu só não fazia isso porque diziam que um dos maiores pecados era o suicídio, que você ia para o inferno direito. Era isso que a igreja pregava e eu tinha muito medo, eu tinha muito medo de ir para o inferno e aquilo ficava na minha cabeça. Eu orava, eu jejuava, eu chorava. Chorei muito para Deus me libertar. Não entendia porque Deus não me libertava.

Sou gay, homem cis, pardo, tenho 26 anos de idade

Eu sinto ansiedade acima do normal. Eu sei que é resultado de toda essa experiência ao longo da vida de tentar parecer uma coisa que eu não sou, ter medo. Essa sensação de medo de alguém me recrimirar em casa, mais em casa do que na rua, na verdade. Na rua, acontece com todo mundo esses tipos de preconceito, mas esperar isso das pessoas que mais deveriam te amar... Você fica em uma situação de resguardo, inclusive, quando você vai dormir. Você fica pensando: “Será que amanhã de manhã eu vou acordar e meus pais vão querer me expulsar de casa ou vão querer me bater, ou fazer alguma coisa desse tipo só porque eu sou gay?”

À época, eu tinha uma revolta interna, porque eu estava fazendo coisas contrárias à minha vontade. Eu estava me submetendo a uma situação que eu não queria estar passando e isso me causava muita tristeza, muita revolta. Se não fosse outras coisas na vida, basicamente meus amigos à época e outros interesses que eu tinha, eu não sei quão mal eu poderia ter estado, se eu teria entrado em depressão, ou alguma coisa desse tipo. Você vai acumulando muita raiva, vai ficando muito desgostoso com os pais e, na verdade, tudo isso que eles fizeram só serviu para nos afastar nessa época. Hoje, refletindo sobre isso, também fico muito triste porque são épocas que não voltam nas nossas vidas e que meus pais perderam um tempo precioso. Não vai voltar o tempo que eu morava com eles, que eles tinham oportunidade de fazer “n” programas comigo e aproveitar a presença do filho. É um período que não vai voltar para a gente usufruir da nossa companhia. Mas cada um tem o seu tempo para aceitar, para amadurecer e esse foi o tempo que eles levaram para entender também.

Eu não deixei de viver a minha vida por causa disso, mas, com certeza, eu poderia ter vivido de maneira mais plena, se não fosse essa situação. Dado todo esse contexto, eu não tinha liberdade para trazer meus amigos em casa, por exemplo. Então, não é nem na questão da sexualidade. É questão mesmo das amizades. Eu não me sentia confortável em comemorar o meu aniversário em casa porque eu tinha amigas que eram lésbicas, gays e eu sabia que seria um clima estranho em casa, com os meus pais. Então,

parece meio banal, mas na verdade já me causava uma sensação de não ter minha própria casa, sabe? De aquela não ser a minha casa, ser a casa dos meus pais apenas, já que não tinha liberdade de receber meus amigos ali. Então, isso também me dava mais vontade ainda de ter o meu próprio canto.

Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 25 anos de idade

Esse que seria o meu primeiro relacionamento eu fiquei com muito, muito medo. Então, eu ficava com medo, pensando o que a minha família ia pensar, o que a sociedade ia pensar, como eu ia reagir a isso, se realmente tudo era uma fase mesmo, como a psicóloga falou. Eu estava com essa menina, e aí depois? Se realmente tudo fosse uma fase? Foi o medo que eu gerei na minha primeira relação. Então, é um medo que eu ainda não consegui me libertar. Toda vez que alguém fala de relacionamento sério, já vem aquele medo. Quase não tenho relacionamento por isso.

Sou lésbica, mulher cis, branca, 36 anos de idade

Um dia eu contei para minha mãe que eu sentia esse desejo. Hoje eu identifico que eu já tinha uma depressão na época, vivia sozinha, não compartilhava nada com ninguém. Aí, chorando muito, contei pra minha mãe que eu tinha desejos homossexuais. Com certeza, ela mais que desconfiava, porque eu fui uma criança que gostava de brincar com os brinquedos de menino. Enfim, toda aquela questão do estereótipo de gênero...

Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 20 anos de idade

Teve um evento da igreja que foi para os jovens. Um dia inteiro só de seminários para os jovens. Aí, fui eu e o meu irmão e foi o pior dia da minha vida. O pior dia da minha vida porque foi o dia inteiro falando sobre como o mundo é mal, como a gente tem que tomar cuidado com a ação do inimigo, como as amizades de escola, universidade podem nos tirar da presença de Deus, que agora essas coisas de “homossexualismo”, sobre pensar com a razão e não ter fé, coisas que me atingem de alguma forma. Foram aulas, então, eles não falaram assim diretamente sobre homossexualidade, gênero, mas dava a entender, sabe? Daí, teve uma hora que uma mulher do meu lado, uma menina, perguntou para ela. Eu não sei a pergunta dela, mas a mulher respondeu: “Jesus está perto de voltar porque tem agora um monte de gays e homossexualismo no mundo. Homem que acha que é mulher, mulher que acha que é homem.” Eu pensei: “Gente, meu Deus. Nossa, isso é um aviso de Deus para mim.” E eu fiquei um dia inteiro ansiosa, ouvindo coisas que me atingiam de alguma forma, me sentindo horrível, oprimida. Eu ia para o banheiro para chorar sozinha, porque eu estava com o meu irmão e eu não ia fazer isso com ele lá na hora. Daí, passou o dia, tal, a gente foi para a casa, de van, já estava escuro, eu fui chorando muito, em silêncio na van.

Sou homossexual, homem cis, branco e tenho 31 anos de idade

Eu não queria a homossexualidade, isso é muito importante, eu não queria a homossexualidade. Não é porque eu tinha medo de ir para o inferno. É porque eu tinha medo de ser descoberto e de perder toda a minha família, de perder a igreja, de ser assim, escorraçado, ser excluído da igreja, ser excluído da minha família e de não ter uma família. Eu tinha medo de não ter uma família, eu tinha medo de não pertencer e, aí, é isso que me motivava muito para deixar a homossexualidade. Eu acho que também isso fazia com que eu entrasse e tivesse muito nesses lugares de liderança, sabe? Estando nesses lugares de liderança, era um jeito de garantir que eu continuava pertencendo. Isso fazia com que, de alguma forma, o pertencimento ganhasse uma garantia. Aí, eu fico pensando, agora falando com você sobre isso, que talvez esses líderes religiosos, que são declaradamente homofóbicos, tenham feito esse mesmo caminho que eu.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 19 anos de idade

Nesse dia, eu já tinha tentado, eu tinha 14 anos de idade. Tinha lido, em algum lugar, eu não me lembro muito bem, que se eu bebesse muita água eu poderia me matar. Aí, nesse dia, eu tomei muita, enquanto eles (o padrasto e a mãe) estavam entrando eu comecei a tomar muita, muita, muita água tentando me matar, porque eu não queria estar ali, pelas atitudes (do padrasto acerca da orientação sexual). Eu me senti uma pessoa perdida, como se o que eu realmente estivesse sentindo não importasse para ninguém, e que aquilo ali realmente era uma doença, e que aquilo ali realmente era alguma coisa que poderia ser resolvido.

Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 20 anos de idade

Eu me sentia muito mal de ir para a igreja ficar ouvindo que Jesus vai voltar e quem está em pecado vai ficar aqui no inferno e sei lá o quê. Não queria ir para um lugar ficar ouvindo essas coisas, mas eu ia porque eu não tinha coragem de falar com a minha mãe que eu não queria mais ir na igreja. Isso seria a morte para ela, porque ela me pediu para eu não deixar de ir na igreja. Daí, eu fui levando, mesmo sem conseguir mais.

Eu tinha muita vontade de mudar de igreja porque eu achava, naquela igreja que eu ia, um discurso muito pesado, ainda mais depois de tudo isso. Tinham alguns momentos de vigília, que era um momento especial assim, em que tem mais manifestação de dom, sei lá o quê. Teve uma visita na minha casa que, óbvio, teve uma visão, uma revelação. Falava que isso foi depois de tudo que aconteceu, que Deus ia me dar uma benção de libertação. Quem teve essa revelação foi uma mulher que estudou na universidade, ela fez artes plásticas lá. Então, logo quando eu passei, ela já me falou para eu tomar cuidado, porque lá é uma perdição, é o mundo, é sei lá o quê, essas coisas assim. Eu não sei, eu sinto que ela sabia também.

Daí, toda manifestação que tinha em relação a mim eu ficava muito ansiosa porque eu falava: “Deus está falando na minha cara e eu estou desobedecendo.” Daí, teve uma outra coisa na igreja, uma vigília especial para os jovens, em que cantavam louvor e você orava, e os obreiros, diáconos, grupo de intercessão oravam individualmente por cada jovem. Tinha várias revelações, várias coisas direcionadas especialmente para aquele jovem. Foi um inferno esperar a minha vez, porque eu já sabia o que estava por vir.

Os PROCEDIMENTOS E
PROGRAMAS QUE PROMETIAM
QUE EU DEIXARIA DE SER
LGBTI ME FIZERAM
SOFRER INTENSAMENTE

Neste capítulo, foram distribuídos trechos das narrativas de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTI) que retratam os efeitos diretos dos procedimentos e programas instituídos expressamente com o objetivo de tentar modificar a orientação sexual e identidade/expressão de gênero das pessoas. Dentre os sofrimentos ético-políticos apresentados estão: vulnerabilidade aos discursos que afirmam que a sexualidade e a identidade de gênero expressa é um erro; perda de vínculos familiares e do círculo de sociabilidades; tentativas e ideação suicida; sofrimentos psíquicos como depressão e ansiedade; perda de confiança nas pessoas e sensação de persecutoriedade; necessidade de estar sempre alerta e autovigilante; sentimentos de inadequação, medo, raiva, angústia, fracasso, culpa; somatização e sensação de confusão mental; naturalização do sofrimento e internalização da LGBTIfobia; uso abusivo de álcool e outras drogas, entre outros. As narrativas de LGBTIs que passaram por essas práticas reforçam o quanto a saúde mental e os vínculos familiares e sociais foram negativamente afetados, produzindo marcas de ordem físicas, simbólicas e materiais que perduram na vida das pessoas.

Sou gay, homem cis, negro e tenho 24 anos de idade

Eu lembro que nesse momento específico que eu mencionei, eu me senti desconfortável. Eu estava procurando por uma ajuda psicológica, não queria uma ajuda espiritual, embora o que me motivasse fossem crenças religiosas. Naquele momento, principalmente no início do tratamento, eu achava que estava fazendo a coisa certa, que eu estava fazendo o que devia fazer e que a minha orientação sexual podia mudar. Eu estava com esperança de que aquele sofrimento que eu estava passando iria acabar devido à terapia. Então, inicialmente, eu achava que estava fazendo a coisa certa, eu me sentia bem por isso. Com o passar do tempo, eu fui começando a me sentir frustrado, porque eu não sentia melhoras, ou achava que tinha alguma melhora, mas os desejos estavam lá e estavam tão fortes quanto antes. Eu me sentia culpado, eu me sentia frustrado e eu lembro de chegar a orar a Deus para que eu tivesse uma amnésia ou para que eu morresse. Eu evitava me relacionar com pessoas, me relacionar sexualmente com pessoas do mesmo sexo, porque eu tinha meus problemas com isso, mas eu via pornografia, por exemplo, e era pornografia gay. Então, eu me sentia muito culpado, me sentia muito mal assim. A frustração (por não conseguir mudar o desejo) foi ficando cada vez maior. Essa sensação de desesperança foi ficando cada vez maior, com o passar do tempo.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 19 anos de idade

Foi péssimo, foi horrível, porque até eu entender que aquilo era tudo balela, que realmente não precisava de aceitação de ninguém, que poderia me amar do jeito que eu sou e que eu só queria respeito (demorou)... Depois de tudo aquilo, eu criei uma casca que só me via ali dentro e eu não conseguia sentir mais nada por ninguém da minha família, por ninguém que eu conhecia, pois aquilo ali me machucou muito. Eu entrei dentro de uma casca, não falava com ninguém. Passei até um ano sem mexer com celular, um ano que eu fiquei muito dentro daquela casca. Eu ficava me cortando. Aí, uma vez a minha tia achou uma “gilete”, um estilete debaixo do meu travesseiro. Eu sempre andava muito de casaco e, aí, uma vez, a minha tia puxou a manga da minha blusa e viu que eu estava me dilacerando, que eu estava me cortando. Não que eu queria me matar, não naquele momento, mas eu queria sentir outra dor, eu queria sentir outra dor.

O preconceito maior vem de dentro de casa, da própria família, até que eu parei de falar com o meu pai. Eu não enxergava ele mais como um pai. Minha mãe também eu não enxergava como mãe, até pela escolha. Ela escolheu o meu padrasto por conta que achou que eu estava doente. Ele colocou na cabeça dela que eu poderia deixar os filhos dele doentes, que ele tem dois filhos com a minha mãe. Eu não queria mais falar com ninguém. O pós (tentativa de reversão da orientação sexual) afetou mais do que o durante, quando eu comecei realmente a tomar medicamentos tentando me matar, quando eu comecei realmente a não querer estar mais ali, não querer estar mais aqui. A minha família viu que aquilo ali só me causou um grande transtorno.

Sou não binária, intersexual, pansexual e tenho 26 anos de idade (raça não declarada)

Bom, o suicídio ele sempre vinha na minha cabeça, mas, no final das contas, eu nunca quis ele. Eu sempre queria viver, mas eu chegava em pontos que falava assim: “Eu queria me matar para acabar com isso logo.” Eu acho que o curso da vida sempre foi mais forte, e aí eu tentava também dar um jeito de conseguir ficar de boa. Mas me disseram que eu tentei me suicidar, quando eu estava muito alterado sob efeitos de medicamentos. Aí, disseram que foi tentativa de suicídio, mas eu nego, porque eu tenho convicção que eu nunca quis morrer assim.

Para mim, eu não estava bem não. Eu estava parecendo que não era daqui. Eu não me sentia, não sentia que eu pertencia a esse lugar. Eu ficava com vontade de ir para o meio do mato, de não conversar com ninguém. Eu deixei de confiar também nas pessoas, a partir daí. Até hoje, eu tenho dificuldade de confiar de fato. Volta e meia, eu começo a, nas palavras médicas, ter paranoias em relação às outras pessoas. Isso acontece com amizades próximas até hoje. Isso me atrapalhou porque nesse momento eu estava na universidade. Eu passei no vestibular com 17 anos, então, eu tive que largar porque eu também não queria voltar, eu não queria ver aquelas pessoas que sabiam também que eu tinha acabado de sair de um manicômio, eu não estava disposto.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 29 anos de idade

Então, eu já pensei muito nisso. Eu acho que o fato de eu nunca ter podido experimentar a minha adolescência inteira, relacionamentos saudáveis com outros meninos, ter tido só esses relacionamentos, assim, escondidos, eu desenvolvi uma dificuldade muito grande de ter amigos gays. Quando eu vejo um homem gay, meu primeiro interesse nele, eu já penso, será que não é para transar, para fazer sexo, sabe? Eu não sei se isso faz sentido, mas é uma coisa que eu penso. Isso é muito ruim. Nossa, que difícil falar tudo isso.

Eu só tenho dois primos próximos e eles não falam sobre isso comigo, mas eu vejo que hoje eles não têm problema com isso. A gente se tem nas redes sociais. Eu vejo que eles curtem algumas publicações que eu faço e tal, mas a gente não fala sobre isso, por conta do histórico, por conta que o processo foi muito conturbado. Minha mãe, na época que eu era bem novinho, ligou para a minha tia, ligou para a minha vó chorando, fez escândalo: “Não sei o que eu faço.” Aí, isso se expandiu pela família. Então, meio que é um assunto que não deve ser tratado, sabe? E eu também não puxo também, porque, sei lá, não vejo... Não sei, eu também não faço... A minha família também... Eu acho que não vale a pena. Até hoje, as conclusões que eu cheguei, assim, eu acho que também eu não conseguiria falar, porque toda a vez que, hoje em dia, eu vou tentar falar sobre a minha sexualidade com o meu pai e com a minha mãe, eu travo, eu não consigo, eu choro, eu fico muito nervoso. É muito difícil para mim.

Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 36 anos de idade

Muito frustrada, angustiada, até porque quando eu era criança eu me via muito, eu não me considero, eu não tinha nem consciência do que era ser homossexual e heterossexual, mas eu desejei muito ter um corpo masculino, durante toda a minha infância Assim, até crescerem os seios, eu não queria, eu queria ter um pênis. Eu acho que na minha cabeça, quando criança, a única forma de eu me relacionar com uma mulher era sendo homem. Então, para isso, eu precisava ter um corpo masculino. Eu não gostava de usar coisas femininas, saias, frufu. Quando ele pede para fazer, isso tudo vem à tona novamente. Além da frustração de eu não poder estar com uma mulher, tinha frustração ainda ali que estava adormecida, mas que veio à tona de novo, de não poder realizar aquele meu desejo, colocar em prática. Aí, me imaginar como um homem, então, zero de desejo, e vendo que provavelmente a coisa não ia dar certo como eu achei que daria.

Eu acho que a minha maior preocupação depois disso, na verdade, acho que meu sofrimento maior foi depois do procedimento. Eu acho que o procedimento teve um sofrimento, mas não foi o pior. O pior foi depois porque ele era um cara extremamente admirado pela minha família e pelos amigos da minha família, que frequentavam o mesmo grupo. Então, como que eu ia dizer que o processo não deu certo? A errada seria eu, com 15 anos, homossexual, e não o guru. Então, a minha frustração veio daí e eu comecei a namorar um cara para falar: “Vai dar certo, vai dar certo, uma hora vai dar certo.” Esse relacionamento foi muito sofrido, tanto para mim quanto para ele. A

gente namorou seis anos. Eu gostava muito dele afetivamente, mas a sexualidade era muito ruim. Eu tentava, sempre chorava quando a gente ia transar. Ele não entendia nada, coitado, sofria também. Até eu terminar esse relacionamento, que iniciei logo após esse procedimento, eu sentia muita angústia, quando eu pensava “Eu vou ter que casar com ele”. Para mim, me dava uma grande ansiedade.

Eu acho que o meu maior sofrimento foi depois, foi perceber que não tinha surtido efeito, mas que eu ia ter que carregar uma mentira. Como é que eu ia falar que o procedimento do guru não deu certo? O pós-procedimento foi muito mais “adoecedor” e agressivo do que o próprio procedimento. Ter que vivenciar isso, ter que esconder, me apaixonar por mulheres ao meu redor e não poder fazer nada, ou falar nada, sofrer calada, foi me gerando também um processo de depressão.

Sou gay, homem cis, branco (idade não informada)

Logo quando aconteceu esse episódio, que eu comecei a entrar na terapia, é importante ressaltar que eu realmente parei de me envolver com meninos. Até, então, tinha sido um, mas eu tive um bloqueio. Em casa, o cerco se fechou demais, sabe? Minha mãe muito em cima, vigiando as minhas mensagens de SMS, na época, o MSN. Às vezes, eu conversando com os meus amigos e ela atrás do computador. Então, tudo isso criou um ambiente de muita vigilância e muita coerção.

Culpa. Eu sentia o reforço de uma ideia que uma pessoa LGBTI – e eu falo do meu lugar aqui como o homem gay – sempre tem, que é a sensação de que nós somos errados, que a nossa vida é errada. Então, era um reforço, muito tácito, muito sutil, mas um reforço de que era ali que eu tinha que estar mesmo, alguém precisava me dizer aquilo. “Então, é patológico mesmo. Eu estou na frente aqui de uma doutora. Ela está me dizendo que eu estou errado, então eu preciso fazer alguma coisa.”

Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 46 anos de idade

Ali, diante de mim, estava a minha mãe, uma psicóloga e a minha diretora, na sala da direção. Com certeza, ia ser comentado depois o que estava acontecendo ali, e eu me sentia invadida. Eu não sabia que eu estava sendo violentada, mas eu sentia dores, eu estava muito confusa, só de pensar que outra vez eu ia ter que voltar lá. Naquela época, eu era menor de idade, estava diante da diretora da escola e da minha mãe, que exercia uma autoridade muito grande sobre todos os filhos. A partir daquela minha ida lá (à psicóloga), era como se eu fosse vigiada por todo mundo.

Eu lembro que, não sei em qual dessas sessões, eu chorava muito, porque eu não queria estar lá e a minha mãe disse que eu tinha que ir, e que ela tinha que me acompanhar e eu comecei a ter uma confusão de sentimentos. Aquilo foi, de certa forma, muito doloroso para mim, porque a minha mãe falava, e fala até hoje: “Você tem que respeitar os mais velhos.” Eu lembro que eu dormia mal, a noite aquelas coisas me voltavam a cabeça. Primeiro, eu não podia falar com a diretora, eu não podia falar com a minha mãe, eu não ia falar com os meus irmãos e nem com as minhas irmãs sobre esse assunto, e eu não tinha referências, eu não tinha pessoas próximas de mim, com quem eu pudesse falar sobre isso.

Quando ela (a psicóloga) invocava a Bíblia, ela deixava muito claro para mim. Ali eu conseguia ler que eu estava fazendo alguma coisa que não era correta. Quando ela dizia “o homem nasceu para

a mulher, e a mulher nasceu para o homem”, aquilo dentro de mim certamente me deixava... Ao invés de eu me sentir acolhida, eu me sentia isolada, sem nenhuma referência. Eu não podia contar para a minha mãe, eu não podia contar para a psicóloga e, por dedução, Deus não gostava de mim. Não podia nem contar com aquilo que eu mais acreditava, que era em um ser superior. O tempo de relógio, eu vou ser sincera, eu não lembro. Mas o tempo de sofrimento era uma eternidade. Se eu passei meia hora lá dentro, parecia eterno, nunca acabava aquilo, e eu já ficava preocupada porque eu ia ter que voltar.

Depois dessas sessões, eu lembro que eu tentei o suicídio. Eu nem falei isso, eu nem lembrava. Eu havia escrito uma carta para a minha mãe. Era tão maior que eu, que eu dizia assim: “Se eu não posso existir, eu não posso existir mesmo de fato, nem do jeito que eu me sinto bem, e a minha mãe não quer, a escola não quer.” Eu lembro que eu escrevi uma carta para a minha mãe, só que acharam a carta antes de eu sair de casa. Eu não lembro quem pegou a carta, mas essa pessoa falou para a minha mãe, que me deu outra surra por causa disso. E eu estava pensando em fazer aquilo mesmo.

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 24 anos de idade

Eu estava em um estado vegetativo, vivendo à base de medicamento. Eu ia tentar fazer um tratamento sem o uso desse medicamento, mas não me foi fornecido porque era obrigatório tomar aqueles medicamentos, por mais que eu soubesse que era por conta deles que eu estava passando mal. Eu tinha confusão de pensamento, às vezes, eu tinha crises de choro, de pegar um edredom, desligar a luz do meu quarto e ir para um canto, e chorar desesperadamente sem conseguir parar, sem entender. Chegava todo final de ano e o dia do meu aniversário, eu entrava em crise, porque eu pensava: “Mais um ano que eu vou viver essa vida, mais um ano.” E, aí, eu não queria sair do quarto, eu não queria ver ninguém. Eu ficava deitada em uma cama chorando e esperando passar logo. Isso (durante) quatro anos.

O descontrole emocional que eu ficava, momentos que eu ficava em crises absurdas de choro, não conseguia lidar com isso, que foi o que me ocasionou a tentativa de suicídio. Eu entrava, eu vinha bem e, de repente, eu ficava em depressão, eu não via saída. Eu tentei falar com a psicóloga, que era o uso dos remédios. Eu não conseguia perceber as minhas próprias emoções. Às vezes, vinha assim e derrubava, coisa de muito antigamente, parecia que estava ali recente, e não estava acontecendo nada no meu cotidiano, mas vinham umas lembranças muito fortes, e eu sabia que era desse descontrole, porque eu não tinha controle das minhas emoções.

Eu não saía da cama, eu não tinha distração, eu não falava com pessoas. Comecei a perceber que eu não estava tendo vida, eu estava

só em função daquilo. Com a Ritalina eu me senti completamente sem vida. Eu não conseguia ter, eu não sabia como que eu fazia as coisas, se eu não percebia que eu estava fazendo. Tirou até o brilho do meu olho. Eu estava assim, eu estava horrível, eu estava em um estado de zumbi.

E a médica falou que era o remédio para me dar atenção, mas me tirou de mim, completamente. Não tinha atenção, eu não estava ali. Eu, às vezes, ficava pensando, depois que eu chegava da escola, passava um tempo: “Como que eu fiz isso? Se eu não me recordo dessas coisas?” Eu era lenta, eu nem sabia, eu fazia as coisas, mas não tinha essa consciência de que “estou fazendo essa coisa”. Eu não sei nem explicar como que acontecia isso, mas era uma sensação horrível. O lítio, eu ficava mais estável, mas não tinha emoção. Assim, quando alguém me magoava, falava as coisas, tanto faz, não tinha emoção. Quando eu estava feliz, eu não tinha expressão, assim, diante das coisas. Você podia estar brigando comigo que eu estava, tipo assim: “nem tchum”.

Eu estou feliz e a pessoa nem percebe que eu estou feliz. Era uma coisa, parece que tira a emoção. Talvez, por isso, que é dado como moderador de humor, porque eu não tinha essa coisa de expressar que eu estava feliz, ou expressar que eu estava triste, nada disso. E o Clopixol, ele dava uma estabilidade, mas do nada eu sentia, às vezes, é o que até chegou a dizer que eu tinha distúrbio de esquizofrenia. Eu entrava em um estado de achar que tinha gente me observando, de retomar episódios de antes que não estavam acontecendo, mas que na minha cabeça parecia que eram daquele momento. Quanto tempo eu perdi da minha vida. Eu podia ter continuado estudando, podia ter corrido atrás da minha vida, ter reconhecido que o que eu tinha era normal, que outras pessoas eram assim. Hoje em dia, se você perguntar com quantas pessoas LGBTI eu tenho contato, nenhuma. Nenhuma. Eu entrei no estado de depressão extrema de acreditar que eu não merecia o amor e a proteção de Deus. Então, eu achava que eu não devia estar aqui porque o meu lugar ia ser no inferno mesmo.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 19 anos de idade

Ele (o processo da terapia de reversão) gera mais confusão, ele gera muita confusão. Com certeza, pessoas que não tinham, talvez, a mesma estrutura que eu, morar sozinho, trabalhar e estudar, provavelmente, se deixaram levar por isso e provavelmente, em algum momento da vida delas, elas vão se arrepender.

Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 20 anos de idade

Daí, na segunda sessão que eu fui, a gente conversou sobre isso de orar e conseguir mudar. No final, ela abriu a Bíblia para mim, mostrou os textos. Depois, na outra sessão que eu fui, a terceira, eu acho que foi a última também, eu quis desviar o assunto disso. Por mais que não fizesse sentido para mim as coisas, eu não sabia por que isso estava acontecendo, se era ok ou não para Deus. Eu sabia que ouvir aquelas coisas só ia me fazer mais mal. Depois disso, foi muito difícil para eu me encontrar espiritualmente porque eu ia para a igreja e ficava muito ansiosa, até mesmo antes de chegar lá. Eu não queria estar em um lugar que o pastor sabia da minha orientação, sabia o que aconteceu comigo. Por mais que minha mãe tenha dito que só contou para ele, eu sei que ele contou para outras pessoas.

Pensei em morrer várias vezes e é sempre muito delicado para mim falar sobre isso porque, sei lá, eu fiquei decepcionadíssima com a minha mãe e de como as coisas aconteceram. Até hoje, eu não sei como ela está em relação à minha sexualidade. Eu namoro há dez meses e ela não sabe. Eu lamento muito por isso porque a

minha namorada é uma pessoa incrível e eu queria que ela visse isso. Eu conto isso para as pessoas, o que eu falei, o que eu passei e tal e, óbvio, que eles não vão gostar da minha mãe. Eu amo muito ela, mas na época eu pensava que seria melhor se ela morresse, ou se eu morresse. E a nossa relação, desde então, para mim, nunca mais foi a mesma. Eu tinha medo de ficar em um cômodo sozinha com a minha mãe.

Eu tentava muito desviar o foco da minha vida disso. “Não vou pensar nisso agora. Eu vou só viver minha vida, vou estudar, vou me formar sozinha, sem ninguém, porque eu não consigo gostar de meninos e não vou ficar com meninas. Se outras pessoas conseguiam, porque eu não conseguia, sabe? Só de crer em Deus e saber que ele não gosta de homossexualidade, por que eu não conseguia fazer diferente, não conseguia ficar com meninos?” Coisas assim. Isso foi uma questão por muito tempo. Eu acho que se eu não amasse muito a minha namorada, não tivesse certeza que eu a amo – porque ela é a primeira pessoa que eu sei que eu gosto e que eu amo –, acho que, se isso não acontecesse, eu ia estar até hoje me questionando sobre isso.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 46 anos de idade

Eu ficava pensando e contei para a psicóloga o que tinha acontecido. Ela disse: “É porque ela realmente não quis ser curada, porque quando a gente quer, realmente, a gente consegue.” E é um sofrimento muito grande. Só quem passa por isso sabe, porque você não acha a cura, você não vai ser curado e você fica se martirizando, achando que você não é curado porque você não quer. Eu sei que muita gente passa por isso. É terrível para quem passa, porque a religião, ela é muito forte. Hoje eu sei que me prejudicou muito. Foi muito doloroso. Eles colocam uma culpa tão grande na gente, a gente fica se culpando o tempo todo, a gente passa a vida inteira se culpando, a gente faz aquilo que eles falam para a gente fazer e a gente não é curado e a culpa é nossa. Então, a gente fica o tempo todo se culpando, eu sou errado, eu estou errado. E você tem que ter uma cabeça muito boa, senão você acaba se matando mesmo.

Na época, eu estava com 31 anos. Tinha 31 anos quando eu me submeti a essa intervenção. É um processo doloroso, a igreja é um processo doloroso para as pessoas que são LGBTIs. Só quem passa é que sabe. Não mexe com o seu físico, mexe com o seu emocional, que eu acho que é pior. É terrível porque a gente o tempo todo achando que aquele Deus que a gente serve não ama a gente. Então, assim, a gente não entende o porquê, o que a gente está fazendo de errado. Por que todo mundo é feliz, por que todo mundo tem uma vida boa e a gente não tem? Era isso que eu imaginava. E eu ficava imaginado assim, por que todo mundo consegue, por que aquelas pessoas conseguiam e eu não consigo? Então, eu me martirizei muito, muito mesmo.

A gente fica se martirizando. Às vezes, eu entrava em um quarto, eu começava a chorar e dizia: “Deus me cura, me cura, eu quero ser curado”, e a cura não vem. Então, é muito sofrimento.

Psicologicamente você fica muito abalado. Você tenta de qualquer jeito não pensar naquilo, era o que eu fazia. A psicóloga disse: “Se entrega para a igreja, faz visita aos membros da Igreja. Não deixa a tua mente parada.” Eles têm mania de dizer que mente parada é oficina do diabo. Então, assim, não deixa a tua mente parada. Eu fiz tudo que me disseram para fazer. Eu ia visitar, eu estava o tempo todo, ou na igreja orando, ou eu estava na casa de um irmão visitando, ou eu estava pegando areia para a gente construir a igreja. Ia pedir ajuda, porque a nossa igreja era pobre. Então, eu ia pedir ajuda e ver quem podia dar um carro de areia. Aí, as pessoas diziam assim: “Tem uma carga de areia ali, mas vocês têm que pegar, que a gente não tem gente.” Então, eu ia e tudo o que me disseram para fazer, eu fiz, mas toda a noite, quando eu sabia que ia precisar ter relações com a minha esposa, era o momento mais difícil porque eu sabia que estava fazendo aquilo forçado, não era da minha natureza. Era o momento mais difícil para mim.

Olha, a igreja, quando ela quer ser cruel, ela sabe ser cruel. Até hoje eu tenho um irmão que não fala comigo de jeito nenhum. Ele não fala de jeito nenhum comigo, nem um “oi”, nem “boa tarde”. Tem outro também que não falava, hoje ele já está mais assim, mas eu tenho um que não fala comigo hoje.

Quando eu saí da igreja, imaginei que eu ia para o inferno, que é o que me disseram a minha vida inteira. Eu saí da igreja e a psicóloga reforçou muito isso. Quando eu saí da igreja, eu disse: “Já que eu vou para o inferno, eu vou para o inferno com tudo que eu tenho direito.” Então, foi a época que eu experimentei droga. Não estou condenando droga, mas eu estou dizendo que foi a época que eu experimentei droga.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 26 anos de idade

Depois, eu parei para refletir e vi o quanto eu sofri. Eu sabia que eu sofria, mas eu não tinha noção do quanto eu sofri. As pessoas não dão tanta importância à violência psicológica. Meus pais não chegaram a me bater, a me agredir fisicamente, mas imagina conviver com pessoas, por anos e anos, todos os dias, com medo, com medo de que elas conversem contigo e no meio de uma conversa insiram um assunto que é delicado e que vai te trazer mal e que vão falar para você que eles nunca vão ser felizes, ou que você nunca vai ser feliz, ou que suas opções são todas erradas porque você é gay. Até se eu tirei uma nota baixa, o que acontecia raramente porque eu era um bom aluno, é porque eu era gay. Essa questão da homossexualidade estava me trazendo problemas. Se eu tinha dúvida para escolher um curso da faculdade, é porque eu era gay e isso estava mexendo com a minha cabeça e me levando a tomar más decisões. Então, tudo que acontecia, não de errado, mas de natural da vida, era levado para esse lado. Se isso não é violência psicológica, eu nem sei, ainda mais essa questão religiosa de me obrigar a frequentar uma religião que nem era a minha religião. Ainda violaram a minha liberdade de crença porque eu até gostava do espiritismo, mas como eu fui obrigado a frequentar, obrigado a fazer evangelho no lar, rezar com eles, toda vez aos domingos, eu era obrigado a estar “x” hora em casa para rezar com meus pais, por causa da homossexualidade, porque fazia parte do tratamento.

Raiva das escolhas que eu poderia ter feito, se não fosse minha sexualidade, raiva de todo um abuso psicológico que eu sofri, pelo fato de meus pais não encararem isso como uma violência psicológica, ainda são capítulos que um dia eu vou colocar para eles, mas que não sei se eu quero colocar ainda. A gente já sofreu tanto, já teve

tanta conversa, que eu fico meio com preguiça de confrontá-los por uma questão passada, mas eu acho que um dia vai ser necessário para que eu os perdoe integralmente por essa situação. Tudo isso envolve perdão também, de eles me compreenderem e eu compreender eles para que a gente tenha uma convivência harmônica.

Eu já senti tanta raiva, tanta angústia, que é impossível isso não ter refletido em outros campos da minha vida, assim, no emocional. Então, com certeza, foi um abuso. Claro que eles (os pais) talvez não enxerguem dessa maneira, nunca falei para eles que o que eles fizeram foi um abuso. Até porque, se eu ficar remoendo tudo que eles fizeram comigo, a gente não vai ter uma boa relação. Eu acho que eu tenho que procurar perdoá-los, compreender que eles cresceram em uma geração diferente, que eles estavam fazendo aquilo acreditando que era o meu melhor. Eu tento acreditar nisso, senão eu vou ficar com raiva deles e aí a raiva acho que não faz bem para nenhuma das partes. Só vou piorar o meu emocional.

Foi só sofrimento, foi só angústia o tratamento. Só me trouxe sofrimento, não teve nada de bom. Não mudou minha forma de pensar, não mudou minha orientação sexual, não trouxe nada de benéfico na relação entre eu e meus pais. Então, não trouxe nada de bom.

Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 25 anos de idade

Para mim, foi horrível. Antes, eu já tinha saído da igreja quando cheguei a fazer as consultas, mas para mim foi um baque. Eu era uma menina de 22 anos, então, ela (a psicóloga) chegar, e meio que confirmar o que toda congregação religiosa falava, que lésbica é coisa de demônio, e eu estava achando que o castigo era meu, que eu, de alguma forma, era amaldiçoada, e que eu tinha castigo. Ela (a psicóloga) falando que era coisa do demônio, ou que não era o que Deus queria na minha vida. Como eu, tradicionalmente, fui criada por uma família cristã, eu acarretava aquilo tudo e ficava me sentindo culpada.

Eu até tentei me suicidar uma vez, depois disso tudo, porque para mim é uma coisa que você não consegue reverter. Você pode até tentar reverter, mas você não consegue reverter, você nasceu assim. A única maneira que você busca de reverter é a morte. O maior problema é que eu via como castigo para a minha mãe. Eu ia ser uma filha que ela nunca ia querer, uma filha que ia fazer vergonha para ela, no círculo religioso, na família, que na minha família todo mundo é religioso. Então, acabou me trazendo esse tipo de transtorno. Aquilo só acarretou mais ainda todas as conturbações, confissões que estavam na minha cabeça. No período, eu até larguei a faculdade. Não tive como voltar para a faculdade. Larguei a faculdade e acabei saindo do tratamento também porque era coisa que, ao invés de estar me ajudando, estava piorando.

Isso (o tratamento) gerou em mim uma grande insegurança. Antes disso, eu era uma pessoa totalmente sociável. Gerou insegurança de falar em público, eu fico mais retraída. Socialmente também, muita insegurança, medo de me expor, e insegurança

também afetiva. Eu já não tinha relacionamentos antes disso e depois disso eu sempre fico meio caída, eu sempre penso muito antes de começar um relacionamento porque eu criei certo medo. Eu acho que é uma coisa até agora eu não consegui passar, porque sempre tem certos medos nos meus relacionamentos.

Eu me sentia como se eu não fosse parte da sociedade, eu me sentia como se fosse uma peça que estava ali. Eu até falava para mim mesma: “Gente, como tem tanta menina linda que casa com homens, tem filhos, por que eu não nasci assim também? Tive que nascer diferente?”. Era isso. Eu me sentia, de certa forma, diferente da sociedade, como se fosse de outra espécie.

Sou gay, homem cis, negro e tenho 27 anos de idade

Durante o processo, de início, eu achei um pouco que eu estava me cobrando muito por algo que era meu, que não era para ser visto como doença. Eu acho que é uma pressão muito forte. É um pouco embaraçoso porque você lida com sentimentos internos e, provavelmente, isso desencadeia certo trauma psicológico ou mental. Situação em que você se coloca, porque você fica com medo de não ser aceito por aquela mínima condição sexual.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 43 anos de idade

As pessoas já tinham desconfiança da minha orientação, e confesso que eu me sentia desconfortável com isso, mas resolvi levar adiante porque tinha fé, no caso, eu tinha essa crença de cura. Então, eu acho até que o processo (da prática de reversão da sexualidade), além de ser danoso, infelizmente ele me conferiu uma forma inadequada de “sair do armário”. Eu “saí do armário” de uma maneira violenta, psiquicamente falando.

Eu tive que tirar uma licença por motivo de saúde de 30 dias. Eu tive que respaldar porque realmente eu estava muito mal. Eu sofria de enxaqueca e eu aproveitei a oportunidade lá, em outra cidade, para fazer vários exames de tomografia, coisas mais específicas, tomografia de cérebro para ver e entender o que estava acontecendo comigo, porque estavam insuportáveis as dores de cabeça. Então, aproveitando isso, fui para essa outra cidade, fiz essa bateria de exames. Nesse período de atestado, que foi deferido pelo meu lugar de trabalho, eu fiquei também lá internado nesse centro. Nesse seminário, na verdade não foi um seminário, foi um centro de reabilitação de doentes espirituais.

Eu tive uma ministração particular com um pastor, que tem a fala mansa, e um jeitão de “psicólogo”. Fala com muita propriedade, com muita tranquilidade. Acredito, eu acho que ele é psicólogo. Se não for, ele tem conhecimento de técnicas de como conduzir uma sessão, uma análise, eu não sei. A questão é que eu faço análise até hoje, e descobri que ele me prendeu lá. Depois de tantos anos, eu ainda estou sofrendo os efeitos dessa internação, que ele falou para mim que eu não estava preparado para receber a cura como os outros colegas, os outros colegas doentes espirituais, porque eu poderia correr risco de vida, porque a opressão espiritual

seria muito grande e eu não estava forte o suficiente para receber essa ministração final – a minha única diferença deles todos era que eu era gay. Os outros conseguiram seguir a vida deles.

As consequências disso para mim hoje acredito que são – e isso diagnosticado por conta da medicação que eu tomei – sentimento de perseguição, paranoia, distúrbios de sono, dificuldade em relações interpessoais, afetivas, com a família, com o meu filho. Com a eclosão desse estresse, muitos anos depois, eu me tornei um intolerante como eles, em me tornei um radical. Hoje, eu tenho que trabalhar uma coisa que eu batizei em mim de “crentofobia”. Eu tenho um problema muito grande, eu acredito que é patológico mesmo, porque se vocês me colocarem na frente de uma pregação, de um pastor, seja qual for a igreja, eu fico igual ao Alex no Laranja Mecânica, me dá ânsia de vômito, eu fico com raiva, me dá vontade de trocar imediatamente o canal. É muito difícil para mim ter relações sociais, de amizade com evangélicos.

A gente fica muito cansado, a gente dorme muito mal. Até tinha uma brincadeira que a gente dizia assim: “Quem que o demônio vai assustar essa noite?” Então, praticamente toda noite, alguém lá nos bilhetes tinha pesadelos, gritavam, choravam. Eram constantemente sensações de que, em volta do lugar onde a gente estava internado, tinha gente rodando o local. Acho que começou ali a questão da paranoia, da perseguição.

Sou bissexual, mulher cis, branca e tenho 26 anos de idade

Eu sempre encontrava essa menina, e falava assim: “Não, não, não. Não posso me permitir.” Eu lembro que chegar perto dela era mágico. Eu me arrepiava, e falava: “Não, não posso.” E, aí, eu arranjei um namorado. Sempre o meu tapa-desejos era arranjar um namorado, que sempre era um cara bem submisso, que fazia tudo por mim. Eu me usava dessa coisa meio religiosa e da castidade, para falar que eu não queria nenhum envolvimento sexual, mas era porque era o que eu acreditava. Na verdade, não era o que eu acreditava, mas era uma forma de tampar aquilo.

Enfim, eu fiquei muito culpada, muito culpada, eu chorei a noite toda, e falei: “Nossa, mas por que eu estou me culpando tanto?” Aí, no outro dia, eu fui conversar com ela e eu falei que eu não devia ter feito isso, e não sei o quê. E ela falou: “Mas o que você fez de tão errado? A gente deu um beijo, por que você está sofrendo tanto?” Eu falei: “Eu não sei, é muita coisa acumulada.”

Sou gay, homem cis, branco e tenho 31 anos de idade

Então, toda a minha vida, ela se resumia em deixar a homossexualidade. Isso era completamente infernal, cansativo, porque eu acabei não visando muita coisa, em ter experiências. Eu acabei não fazendo outras coisas da minha vida por conta desse processo e, aí, em determinado momento eu entendi, lá em meados de 2006. O pastor me chamou para ser líder na igreja e aí eu fiquei superfeliz com isso. Quando eu era líder, aquilo vinha, como conflito. Eu não posso ser líder na igreja porque eu sou gay. Eu vivia um conflito sozinho porque eu não dizia isso para ninguém.

Eu fiquei muito paranoico. Fiquei com mais medo ainda. O tratamento foi muito violento, nesse sentido. Eu ia para rua trabalhar, estudar, viver e, às vezes, eu precisava ir no banheiro e eu não ia. Às vezes, eu ficava apertado, sem ir ao banheiro porque eu tinha medo de, sei lá, acontecer alguma coisa e ser estuprado no banheiro porque eu não conhecia. Do jeito que eles falavam... Quinzenalmente, a gente ia para um aconselhamento individual. Eu ia para lá, falava da minha vida e, aí, eu disse assim: "Olha, eu cai em tentação." Na verdade, ali era um lugar de produção de paranoia individual, porque eles diziam assim: "Então, já que você foi por esse caminho e encontrou alguém, você vai pelo outro."

Às vezes, eu ainda me pego pensando: "Será que eu estou enganado? Será que eu estou no erro?" Essa coisa bem religiosa, essa coisa de que Jesus vai voltar e eu vou ficar aqui, porque eu sou gay. Às vezes, isso vem e depois eu fico fazendo uma negociação comigo, assim, muito forte. Então, esses efeitos são de muitos anos, são de décadas.

NAS INTERVENÇÕES
“PSICOLÓGICAS”
REPRODUZIRAM SEUS
PRECONCEITOS E MORALISMOS

Neste capítulo, foram distribuídos trechos das narrativas de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTI) que retratam indícios de falhas ao dispositivo que regulamenta as questões éticas da Psicologia, o Código de Ética da(o) Psicóloga(o), principalmente no que tange aos princípios fundamentais que o fundamenta. Além de explícita contraposição às resoluções CFP nº 01/1999 e nº 01/2018, que orientam o exercício profissional da Psicologia acerca das orientações sexuais e identidades de gênero.

Notam-se indícios de falhas éticas apresentadas por profissionais psis, principalmente no que se refere ao uso das práticas psicológicas para disseminar suas convicções religiosas e morais e a convivência com ações de preconceito, discriminação e opressão. Cabe ressaltar que os referidos casos foram devidamente encaminhados para as Comissões de Orientação e Ética dos Conselhos Regionais de Psicologia, de modo a averiguar as possíveis falhas éticas e, se assim for, garantir o princípio da defesa e do contraditório.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 19 anos de idade

Tinha várias pessoas na clínica. Quando eu entrei eu achei que era uma coisa de psicólogos, conversar com psicólogos, mas não era. Eram psicólogos, mas eles falavam de Deus somente, que aquilo ali era errado, e que eu estava doente. A psicóloga sempre ficava, era sempre a mesma coisa, ela sempre lia relatos, trechos da Bíblia para mim.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 32 anos de idade

A garota da igreja foi passar por uma consulta com a psicóloga. Na hora que a psicóloga voltou para a igreja, ela levou aquela situação, que a menina tinha aberto para ela no consultório, para o líder dos jovens. Quando a menina descobriu isso, porque o líder de jovens veio querer conversar com ela sobre aquilo, ela ficou maluca da vida. Ela falou: “Como assim? Que direito que ela tinha? Eu não fui procurar a minha líder espiritual da igreja, eu fui procurar a psicóloga. Como que ela abriu algo que eu conversei com ela no consultório para alguém da igreja?”

Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 20 anos de idade

Dáí eu chegava lá (na psicanalista), ela orava e ia conversar comigo. “Sim, a sua mãe te ama independentemente de tudo. Não tem problema você ser assim, mas é um pecado”, falava coisas assim, desse tipo. Teve uma sessão que ela abriu a Bíblia para mim também. Essa psicanalista, ao mesmo tempo em que me fazia sentir confortável comigo, fazia eu não me sentir confortável.

Sou gay, homem cis, branco (idade não informada)

Ela (psicóloga do CAPS – Centro de Atenção Psicossocial) disse que a gente escolhe se o nosso parceiro vai ser homem ou mulher porque Deus fez o homem e a mulher. Se você escolhe entre um homem e uma mulher, isso não é algo natural. No momento em que ela falou isso, eu falei: “Como assim, você está me dizendo que eu escolho? Eu não escolho, eu não escolhi, quem foi que fez eu escolher isso? Esse Deus que a senhora acredita que me fez escolher, seguir por um caminho de tanta discriminação, e tanto sofrimento que a gente passa por ser homossexual?” Ela deixou claro que a questão de escolha é dada por uma divindade, que essa divindade cria homem e mulher, e toda aquela conversa.

Eu me senti péssimo, assim, chocado por estar escutando aquilo de uma profissional. Eu nunca, em momento nenhum, jamais passou pela minha cabeça que eu ia em um profissional, que passou cinco, seis, sei lá quantos anos estudando, para me dizer que tudo o que eu tinha escutado era errado, que tudo o que eu tinha aprendido era errado, e que eu deveria ter escolhido seguir com o caminho da heteronormatividade. Eu acho que não foi diferente do que eu senti a minha vida toda com os meus familiares, dizendo que eu não poderia ser gay, porque o meu irmão já era gay, porque eu precisava ser hétero, porque só tinha eu de filho que sobrava, e todas as questões que me afetaram durante toda a minha vida. Para mim, foi como se eu tivesse ido em mais um familiar. Naquela sala ali, ela para mim era uma pessoa da minha família que dizia que eu não podia seguir aquele caminho.

Sou lésbica, mulher cis, amarela e tenho 34 anos de idade

Agora, no psicólogo que eu fui, que era por indicação, na primeira consulta, ele falou que eu não tinha cara de gostar de mulher. Daí, eu fiquei até o final e depois não fui mais.

Sou não binária, intersexual, pansexual e tenho 26 anos de idade (raça não declarada)

Tem uma (técnica) que incomodava. Essa aí eu já tinha notado porque muitas vezes, principalmente quando era psiquiatra homem, e psicólogos em geral, falavam assim: “Mas você não acha que, se você tivesse trabalhando, tivesse namorando com alguém que a sua família gostasse, confiasse, as pessoas não estariam convivendo melhor com você? Você fica falando que as pessoas não te escutam, que elas parecem estar incomodadas, mas será que, se você não arrumasse um namorado, ou tivesse em um trabalho formal, essas pessoas não te respeitariam mais?” Enfim, eu acho isso muito pesado, mas eu já ouvi de mais de um profissional.

Sou gay, homem cis, branco (idade não informada)

Foi uma atuação do campo da Psicologia que não cumpriu com a sua razão de existir, de fomentar, não a autoaceitação, mas de fomentar um empoderamento mesmo, no sentido de democratizar o poder, de não colocar o poder da sua vida na mão de outras pessoas. Então, o que tinha ali era que eu estava sujeito a um poder que era dito científico e o poder que é da família sobre a pessoa que não é maior de idade. Apesar das minúcias, apesar de ter sido leve, por muito tempo me impediu de me aceitar, por muito tempo me travou, retardou meu desenvolvimento, minha personalidade, minhas liberdades, minha autonomia.

Sou gay, homem cis, negro e tenho 24 anos de idade

O que o psicólogo me dizia sobre as pessoas LGBTI é que, por exemplo, os homens gays eram promíscuos, incapazes de serem fiéis, que eram pessoas tristes, que eram pessoas com a sensação de serem incompletas, com vazio, pessoas solitárias. Ele sempre trazia dados, por exemplo, de que os gays têm mais distúrbios psicológicos, os gays têm mais depressão, os gays cometem mais suicídio e tudo mais. Não fazia uma leitura ampla, não fazia uma leitura sistemática do porquê disso, sabe? Falava: “Olha, a homossexualidade é errada e produz esses aspectos negativos nas pessoas”, sem analisar se aquelas pessoas estavam em um ambiente homofóbico, em um ambiente repressor para elas. Falava também que os gays tinham mais DSTs (doenças sexualmente transmissíveis).

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 38 anos de idade

Eu lembro que, na minha adolescência, quando eu fazia eu acho que a 6ª, ou 7ª série, uma psicóloga me chamou na escola. Foi uma situação muito constrangedora porque eu acho que foi a primeira tentativa direta de reorientação sexual. Ela me chamou na sala, no tempo de aula, e eu fui sem saber o que era. Cheguei lá ela: “Queria conversar contigo.” Aí eu: “Diga.” “Eu queria saber por que você anda assim. Eu já andei percebendo que você tem características afeminadas.” Aí, eu olhei assim, e me senti insultado. Poxa, para mim aquilo era muito íntimo.

FOI ASSIM QUE EU CONSEGUI
ENFRENTAR E RESISTIR

Neste capítulo, foram distribuídos trechos das narrativas de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTI) sobre as ações de resistência aos processos de exclusão e vulnerabilidade social a que estão submetidas. São práticas de sobrevivência diante de um contexto que regula a existência LGBTI como vidas desimportantes, destituindo por vezes o lugar de humanidade. Dentre essas ações estão orgulho e autoafirmação e autodeterminação da orientação sexual e identidade de gênero; inserção e permanência em espaços educacionais e universitários; experiências de fé em espaços religiosos mais inclusivos; engajamento na militância política e de movimentos sociais; saída dos lares e migração para outros territórios, bem como autonomia e independência financeira; construção de redes de apoio familiares e institucionais, de afetos, de amizades; uso da arte e escrita; práticas de questionamento das opressões morais e religiosas, entre outras.

Sou bissexual, homem cis, branco e tenho 38 anos de idade

Uma tia minha se referia: “A gente precisa ver como enfrentar essa patologia.” Ela era enfermeira e ainda se referia com um olhar patológico. Eu precisava defender muito: “Eu não sou doente.” Existem, na verdade, essas outras ideias que permitem a gente olhar como não doença, caso contrário, certamente eu seria uma vítima de uma ideia de doença mesmo, e o sofrimento me levaria a um estado depressivo e talvez, eu diria, até transgressor.

Sou bissexual, mulher cis, branca e tenho 26 anos de idade

Eu tive uma grande briga no jantar de Natal. Falei sobre a hipocrisia da minha mãe, que eu era assim, que ela sabia, e que desde que eu era pequena ela me reprimia, que ela era agressiva, que ela era muito preconceituosa com as pessoas, que ela não conhecia ninguém, que eu tinha que sair escondido, e fugir de casa para sair porque ela não me dava liberdade e não queria conversar sobre o assunto.

Eu comecei a conhecer algumas meninas que eram nitidamente, assim, “caminhoneiras”. A gente fala assim o termo, quando ela é bem estereotipada, com uma roupa de homem. Aí, eu falava: “Essa daí deve ser sapatao.” Eu queria me enturmar com essas pessoas, porque eu queria saber o que eu estava sentindo.

Com o dinheiro que ganhei de um prêmio, eu fui para outra cidade. E lá eu vivi um relacionamento, com uma menina, longe da minha mãe, longe dessa loucura.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 46 anos de idade

Fui para essa cidade casado e assumi uma igreja. Cheguei na igreja e foi terrível. Não sei o que passou na minha cabeça, que eu achei que, quando eu fosse ser pastor, aquilo ia sair de mim completamente. Eu disse: “Eu sendo pastor, tenho certeza que isso vai passar.” Não passou e eu peguei e fugi de lá. Eu saí de lá e fui embora para outra cidade. Deixei minha esposa lá, deixei tudo, deixei minha família. Fui embora para essa outra cidade. Lá, eu comecei a conhecer, realmente, o que era a noite, o que era tudo, coisa que eu não conhecia. Eu cresci na igreja. Então, assim, eu não sabia de nada. Eu não sabia nem o que era botar uma cerveja na boca.

Eu era pastor da igreja. Todos os pastores iam e a igreja ia pagar para todos os pastores. Aí, eu disse que queria ir também. “Mas não tem mais dinheiro para pagar não. Se você quiser ir de ônibus...” Eu fui de ônibus, foram todos os pastores de avião e eu fui de ônibus. Eu fui até com vontade de ver se eu via a psicóloga lá, mas não cheguei a vê-la mais não. Tinha feito isso várias vezes. Eu via o descaso que eles tinham comigo, aí, foi quando eu comecei a perceber tudo isso, perceber esse descaso. Eu disse: “Quer saber de uma coisa? Eu estou tentando mudar, tentando fazer tudo certinho, tudo que a igreja me pediu para fazer, tudo que me orientaram a fazer e a igreja me tratando dessa forma.” E, aí, foi quando eu resolvi rever minha vida, mas para quem passa é complicado. Complicado demais, você sofre.

Eu realmente queria, na época, mudar porque eu achava que realmente eu estava errado. Hoje em dia, é claro, que eu não acho mais. Eu sei que tudo aquilo que eu passei teve um propósito. Hoje eu voltei para a igreja, eu estou na igreja, Comunidade Metropolitana. Valeu a pena tudo aquilo que eu passei porque hoje eu estou fazendo exatamente o contrário, quando muitos gays, lésbicas me procuram que estão na igreja hoje e passando por aquilo que eu passei. Um dia desses, uma menina entrou em contato comigo pelo Whatsapp, dizendo que não se aceitava de jeito nenhum, não se aceitava, que ela era da igreja e que não se aceitava. Estou fazendo exatamente o contrário daquilo. Estou tentando fazer com que ela se aceite e saiba que Deus a ama daquele jeito, mesmo ela sendo gay.

Eu tentei de todas as formas me libertar da homossexualidade. Não foi por falta de tentativa que eu não me libertei, foi porque não era, porque não existe libertação, porque não precisa de libertação.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 26 anos de idade

Então, já mudei o jogo. Após esse tratamento espiritual, de quando eu tinha 15, 16 anos, que não deu muito certo por motivos óbvios, eu não tinha interesse e, na verdade, nem acredito. Eu acredito só que qualquer pessoa, se quiser canalizar sua energia sexual em outra coisa pode fazer isso por, conta própria, mas não que ela vá deixar de, no fundo, ser gay ou ser hétero. Ela simplesmente vai estar deixando de explorar sua sexualidade. Mas não significa que ela está sendo reorientada e que ela está sendo curada, nada disso. Ela está só anulando esse setor da vida.

Eu nunca me senti muito culpado. Na verdade, eu sempre fui criado para respeitar os outros e eu nunca trouxe essa culpa para mim de “eu sou gay, eu estou fazendo mal aos meus pais”. Eu sempre tive uma consciência de que eu era uma pessoa normal e que eles uma hora iam ter que aceitar que eu era gay e que isso não tinha nada demais. Então, nunca me vi como uma pessoa que está trazendo um mal grande para a família. Na verdade, eu estava sofrendo um mal grande, que era a falta de entendimento deles, a falta de compreensão. Nunca fiquei me sentindo culpado, pelo menos, não conscientemente. Claro que, inconsciente, a gente vai encrustando isso na nossa personalidade de “Nossa, meus pais estão sofrendo muito!”. Isso me deixa triste, mas a culpa não é minha. Então, de algum modo, eu ficava triste, mas não trazia essa culpa para mim.

Eu sempre fui aceito por todos os meus amigos, em todos os círculos. É claro que a gente sempre convive no colégio, em outros ambientes com gente mais preconceituosa, mas que não são meus amigos. Então, não tenho necessidade nenhuma da aprovação dessas pessoas. Meus amigos mesmo, eu acho que foram, assim, uma

ferramenta fundamental para eu superar essa fase da adolescência, porque eu sabia que dias melhores viriam e acho que é isso.

Eu milito dentro do meu espaço. Eu não faço parte de grupos de pró-gay, ou de proteção LGBTI, mas dentro do meu espaço, do meu cotidiano, eu procuro me abrir e falar: “Olha, não é assim. Gays também podem trabalhar, gays não são só promíscuos, gays têm outros interesses.” Eu entendo que eu me afirmando, no meu trabalho, em meio aos meus amigos, em outros espaços da vida, eu entendo isso como um ato político, de que as pessoas vão ver que eu sou gay, que eu sou uma pessoa que trabalho, que eu sou uma pessoa comum, normal e que eu posso fazer tudo que todo mundo pode e que não trago mal a ninguém, sou como qualquer outro. Então, essa é a minha forma de militar, é vivendo a minha vida e reforçando o quanto a gente necessita ainda se afirmar em sociedade. Por isso, eu milito sendo eu mesmo, eu não milito em grupos, eu não estou fazendo textão atrás de textão no Facebook etc., mas eu posso postar uma foto com o meu namorado me beijando e isso vai afetar as pessoas também de outra maneira. Eu sei que muita gente evita fazer isso, na verdade, a maioria dos gays evita esse tipo de exposição.

Quando eu tenho uns amigos que namoram, amigas também, eu apoio: “Gente, bota foto mesmo, vocês têm que se expor, têm que mostrar que a gente existe.” As pessoas têm uma tendência em invisibilizar, ou, então, dizer que quando a gente está se expondo, está se expondo demais, quando na verdade a gente está fazendo uma coisa que é normal. Tudo para o gay é uma questão. Se a gente vai sair para o shopping de mãos dadas, nem todo mundo vai querer fazer isso, porque vão ter olhares de reprovação, do começo ao fim. Então, só essa exposição de sair para o shopping de mãos dadas já é uma forma de se impor, de se afirmar na sociedade. As pessoas vão estar lá falando que aquilo não tem necessidade, mas na verdade o que não tem necessidade são os olhares de reprovação,

cada um tem que ver sua vida. Essa é a minha forma de militar.

Eu quero que os meus colegas mais velhos que tenham filhos pensem dessa maneira, que eles reflitam mais antes de refletir o preconceito deles nos filhos, que eles não tratem os filhos deles como os meus pais me trataram. Por isso, inclusive, que eu estou dando essa entrevista, porque eu acho que é importante a gente compartilhar esse tipo de experiência para que não aconteça mais, para que as pessoas abram a mente. Ao invés de me retrair e podar, eles fizeram com que eu quisesse mais que “sair do armário”, que eu me expusesse mais à sociedade.

A faculdade que eu escolhi foi pautada por essas questões na adolescência, porque eu esperava ficar independente financeiramente o mais rápido possível. Aí, eu sempre quis fazer Arquitetura, amava brincar de Lego e tudo mais, mas eu não vislumbrava uma independência financeira antes dos 25 anos na Arquitetura, pelo o que eu pesquisava na internet. E, aí, eu acabei optando por fazer Direito, porque era uma opção que abria um leque muito grande de concurso e tudo mais. Eu já tinha amigos com 20 anos que tinham passado em concurso, estavam há muito tempo trabalhando e ganhando um salário razoável e morando sós, ou pelo menos com dinheiro para morar só. Então, eu acabei optando por fazer Direito pela possibilidade de me independer mais rapidamente.

Hoje em dia, eu estou bem mais tranquilo. Isso não me causa mais angústia porque há muito tempo que eu já estou vivendo muito melhor do que eu vivia, já estou mais distante dessa situação do que antes. Então, está cada vez mais ficando no passado e eu relembro delas simplesmente porque eu acho que outras pessoas precisam compartilhar dessa experiência e saber que eu passei e que eu não quero mais que ninguém passe. É só por isso que eu relembro essa situação.

Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 25 anos de idade

Hoje mesmo, eu estou bem. Eu comecei a participar de projetos na área LGBTI, comissões, grupos sociais, que foram me ajudando a entender melhor e me aceitando. Hoje eu falo que eu já sou uma pessoa assumida, eu já me aceito, inclusive, eu ajudo todas as meninas que não se aceitam, que passam por algo parecido, com o que eu passei. Hoje eu estou bem, mas ainda carrego algo aquele tratamento, que, com certeza, foi um transtorno tanto psicológico quanto emocional.

O bom de você relatar os transtornos desse tipo é que você pode ajudar outras pessoas, e pode também vir a público. O que acontece em muitos consultórios ninguém fica sabendo. Profissionais esses que acham que, no dever, estão fazendo algo bem, ao seu ver, ou ao seu grupo religioso, ou seja lá o quê. Na verdade, eles estão prejudicando muito as pessoas. Então, é isso, trazer a público e tentar ajudar para ver o que acontece no interior daqueles consultórios, que muitas vezes fica ali e pronto.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 19 anos de idade

A minha tia começou a entender que eu estava realmente muito machucado com tudo que tinha conhecido, com tudo o que fizeram comigo. Ela começava a me levar para sair, a perguntar se eu estava a fim dos caras, até eu entender que eu realmente gostava de homem e que mulher não era para mim e exigir respeito. Não queria que ninguém me aceitasse. Eu sempre falei: “Não precisa gostar, não precisa achar bonito, só me respeita, só respeito.” Eu entendi que eu não precisava deles (dos familiares), eu não precisava de aceitação, não precisava do conforto, não precisava do carinho, para entender que eu poderia ser mais que aquilo, que eu poderia chegar em algum lugar.

Sou gay, homem cis, negro e tenho 24 anos de idade

Eu acho que o fato de estar na universidade, que foi o primeiro lugar em que eu vi as pessoas LGBTI viverem a sua sexualidade, e fora de um ambiente com dogmas religiosos homofóbicos porque também eu saí da igreja e vi que essas pessoas não eram nada daquilo que se declaravam. No tempo que eu fiz o “tratamento”, eu não tinha tanto contato. Eu acho que o contato na universidade, não só na universidade, mas também nas redes sociais, foi muito importante para superar essa ideia. Os estudos também, porque eu lembro que, quando eu entrei na faculdade, eu tive uma professora de filosofia que ela era dessa área. Ela estudava gênero e sexualidade. Então, as coisas que ela trazia na sala de aula para mim foram muito importantes nesse processo.

Isso acontece depois que eu entrei na universidade. Depois também que eu conheci a teologia inclusiva, foi mais ou menos no mesmo período. Isso me fez pensar de uma forma diferente, os estudos e tudo mais, e me deixou confortável comigo mesmo. Eu percebi que aquilo não era mais para mim, porque eu não estava mais me sentindo mal. Eu não estava mais sofrendo pelo que eu sentia. Eu estava feliz, eu estava vivendo normalmente.

Sou gay, homem cis, branco (idade não informada)

Eu vim para cá estudar, sim. Então, daí, que eu desenvolvi a minha sexualidade da maneira mais saudável possível. Eu comecei a me colocar publicamente como um gay se coloca, e as pessoas começaram a identificar, eu a me desenrustir.

Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 36 anos de idade

Eu só fui, na verdade, me libertar disso na faculdade. A gente teve uma disciplina específica sobre identidade de gênero e sexualidade e foi isso que me gerou uma extrema angústia. Eu fiquei ali de cara com aquele tema que eu estava tentando esconder a minha vida inteira. A disciplina que eu fiz na graduação, que me fez compreender que não era errado, que aquela culpa que eu carregava foi se desfazendo. Aí, eu fui para a terapia e fui conseguindo me libertar disso.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 25 anos de idade

Resumindo, eu acho que eu fiquei quase sete anos fora de casa, pulando de uma casa para outra, da casa de minha tia para a casa da minha amiga, para a casa de uma irmã, para a casa de um irmão. Até que eu conheci um rapaz também e fui morar com ele no interior, só que não foi uma experiência muito legal. Nessa época, também já frequentava a Umbanda. Conheci a Umbanda, foi o que me ajudou a manter mais o meu foco. Depois eu fui para o Candomblé, e fui abraçado. Eu tive uma família, de fato, no Candomblé. Eu já me sentia deslocado nas reuniões da Igreja Adventista, sempre quando tinha escola sabatina, que é como se fosse a Escola Bíblica Dominical, que tem nas igrejas cristãs. Eu era muito indagador, eu perguntava muito tudo. Eu sempre fui muito curioso e, aí, eu sempre colocava determinadas questões da Bíblia em controvérsia e ninguém tinha como me responder, até o pastor ficava meio ligado em mim. Eu acho que o povo foi percebendo, até a própria galera da religião Adventista foi meio que se afastando de mim aos poucos, e eu fui me isolando também.

Eu era desbravador, deixei de ser desbravador. Para mim, foi algo fácil. Só que, assim, eu sempre tive um direcionamento espiritual na minha vida, desde pequeno, então, aquilo eu senti falta. Eu acabei suprindo essa falta na Umbanda e depois no Candomblé, está me entendendo? Foram duas religiões que me abraçaram. Eu passei seis anos no Axé entre Umbanda e Candomblé, no Cristianismo 17, mas o Cristianismo tanto fez para mim, que eu não queria aquele Deus que me julgava como gay, sabe?

Sou lésbica, mulher cis, amarela e tenho 34 anos de idade

Eu não estava aberta, eu ia para lá com a cara “amarrada”, com raiva. Era uma coisa que eu estava achando ridícula, um absurdo eu estar indo. Como na cabeça deles era mais esse quesito, eu ia com muita raiva, mas tentava ir nele. A justificativa que eles usavam depois: “Mas tu também está indo de má vontade, por isso que não está funcionando.” Só que eu não consegui não ter raiva no momento: “Meu Deus do céu, não é um encosto, minha gente. É simplesmente porque eu estou sentindo atrações (por pessoas do mesmo sexo).” Não ia ser a religião que ia fazer diferente, eu queria algo que me auxiliasse para abrir, para saber o que estava acontecendo e não para mudar, ou não.

Mas, claro, que tiveram momentos que eu fiquei desbaratinada, mas terapia ajudou e os meus amigos. Depois que eu fui fazendo amizade com o pessoal que era homossexual, com as experiências deles, eu fui ficando mais aliviada. Foi bem difícil na época.

Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 20 anos de idade

Até eu me sentir mais confortável, em relação à religião e sexualidade, eu acho que diminuí as minhas idas a igreja para não ficar ouvindo esse discurso todo dia. Antes eu ia à igreja todo dia. Agora, eu vou aos domingos, nem sempre também. Diminuí de ouvir esses discursos, ouvir menos me ajudou, óbvio que ajudou. Quando eu ouço algumas coisas na igreja – tudo bem que a terapia ajuda –, eu não fico mais tão mal assim. Eu acho que, agora, com a terapia e com distancia, de certa forma, da igreja, isso está me possibilitando pensar por mim mesma, não ficar refém de um discurso que não é meu e que eu não concordo totalmente.

Comecei a conversar com uma amiga minha também, que faz Psicologia e é da Igreja Presbiteriana. Ela me acolheu muitas vezes por causa dessas questões e da minha relação com a igreja e tal. Nessa época, eu tinha começado a namorar uma menina. Essa menina, ela é cristã também. Eu já conversei com a minha namorada sobre como essas questões de Bíblia e tal não contemplam muitas pessoas. Ela disse que ela, como mulher negra, não se sente contemplada por nada que a Bíblia diz. Como mulheres, a gente se ressentida. Por que a gente tem que ser submissa ao homem? A gente é pessoa, a gente é humano, igual qualquer outro e as pessoas encham o peito para vim falar assim, apontam o dedo na sua cara e falam: “Você está em pecado, você vai para o inferno”, que prazer é esse? “Nossa, hoje eu preguei para um gay”, isso não é uma doença. A gente vai na igreja por causa Dele, sabe? A gente chega lá e eles falam coisas, fazem a gente se sentir sujo e não merecedor de várias coisas. Isso é justo? Será que essas pessoas vão para o céu? Deus gosta delas?

Eu fui homofóbica durante muito tempo, mas porque eu nem

pensava nisso, nem convivia com pessoas que não eram hétero. Eu vivia em um meio hétero, cristão, gente branca, meio privilegiado e nunca vi isso, nunca imaginei que eu fosse passar por isso. Não faz o menor sentido, sabe? Não faz o menor sentido. Que moral é essa que alguém tem de vir dizer que eu estou em pecado? Que poder é esse só porque você está com uma Bíblia na mão? Só porque eu sou “sapatão”, ou ele é gay, ele não tem credibilidade de entrar em uma igreja e falar de Deus também?

Infelizmente, eu tive que passar por isso, eu tive que entrar em uma universidade para ver que o mundo não é só você, pessoa da igreja, pessoas brancas e que vão a igreja e voltam para casa, uma pessoa de classe média que passa dificuldade. Eu tive que entrar na universidade para enxergar que o mundo é muito mais do que a bolha que eu vivia, sabe? Perceber que existe dificuldade nas coisas, nada é fácil. E foi só nesse meio que eu consegui contato com pessoas de orientação sexual diferente, pessoas que eles dizem ser mundanas, sei lá o quê.

Eu me sinto muito melhor na universidade, com os meus amigos, com pessoas que eu posso falar sobre o que quiser, do que na minha casa. Para eles, eu posso ter me perdido, sabe? Mas o que impediu que eu fizesse uma coisa ruim comigo foram meus amigos mundanos. Eu acho que se eu não conhecesse pessoas que faziam Psicologia, pessoas que não tinham só argumentos religiosos e, se essas pessoas não tivessem feito eu me sentir confortável comigo, de alguma forma, se eu não tivesse escutado experiência de outras meninas, ou outros meninos que também eram de igreja, se descobrissem e se afastaram por causa disso, eu acho que eu não teria conseguido. Eu tive mais apoio de pessoas de fora do que dentro da minha própria casa.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 43 anos de idade

Estou tendo uma aproximação da Igreja Católica, um retorno. Ao contrário do que acontece com muitos que se tornam ateus, ou que se distanciam, eu tenho a minha espiritualidade, eu acredito, mas é difícil ainda para mim trabalhar com isso. Eu tenho que estar o tempo todo lidando com esse sentimento de orfandade espiritual, dessa falta, desse sentimento de ser um párea na sociedade, e dessa minha dificuldade de relacionamento com as pessoas. Aos pouquinhos, com a análise e com a terapia, eu sinto que isso está melhorando, já melhorou com relação aos meus pais. Eu percebi que eu tive muita sorte, porque na análise eu pude ver que eu era uma criança muito, muito afeminada e não tenho lembrança, não tenho nada de repressão da parte deles, nenhuma surra, nenhum, nada, não tem. Agora mesmo conversando com vocês, eu já lembrei de coisas que eu não lembrei na análise, e é muito doloroso, mas eu acho que eu já estou um pouco mais fortalecido, eu não chorei.

Houve um período de experimentação, quando eu fui ter a minha primeira relação feita de maneira muito cuidadosa, fora do estado que eu moro. Então, eu me aproveitava de situações de viagens, ou de viagem a serviço, trabalho, para ter esses contatos sem afetividade, às escuras, e realmente para dar vazão a um desejo que já vinha desde que, eu acredito, da minha mais remota lembrança de infância.

A gente tem pensamentos suicidas. Todas as pessoas que passam por esse tratamento vão ter pensamentos suicidas, vão ter um conflito. Eu acredito que, no meu caso particular, o elemento que sempre me resguardou de executar isso foi o fato da minha responsabilidade, de ter um filho pra criar, que faz faculdade, e que precisa de mim. Sempre que vinha algum pensamento suicida, eu criei um mecanismo para driblar esse pensamento.

Sou gay, homem cis, negro e tenho 27 anos de idade

Eu decidi que preferia ser eu mesmo, ainda que houvesse algum tipo de discriminação. Eu acho que sempre tem alguém ao redor que pode acolher e fortalecer a gente. Eu tive muitos amigos e alguns parentes, claro, que sempre ajudam, mas eu acho que a gente tem que ter o apoio de quem está do lado da gente. Às vezes, a gente não sabe muito bem como lidar, às vezes, a gente não tem nenhum apoio. Eu tinha outros amigos e eles me ajudaram a reverter aquilo que eu queria tentar ser aceito. A gente tem que repensar aquilo que a gente é do que aquilo que os outros querem que a gente seja.

Sou travesti, heterossexual, branca e tenho 21 anos de idade

Os meus pais não me impediram do que eu queria ser ou do que eu queria fazer, mas sempre conversaram comigo, dizendo: “Olha, acontece isso, isso e isso. Ninguém aqui está para te impedir, mas nós estamos fazendo o nosso papel de te mostrar. Não existe o que é certo e o que é errado, porque é quem somos nós. Então, a gente não tem esse direito, a gente está aqui para te apoiar.”

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 21 anos de idade

Chegou um momento em que eu parei e pensei: “Eu não vou para um lugar em que eu não sou bem-vindo.” Eu vi que não era algo que eu realmente precisasse de cura, então, não precisaria estar ali para me curar. E foi daí que eu fui me afastando da igreja, não necessariamente de Deus, mas fui me afastando da igreja e as pessoas sempre diziam: “Mas você disse que não vai se afastar de Deus, mas você tem que ir à igreja.” Eu ficava tipo: “Não, eu não preciso. Eu não parei de acreditar Nele para eu ter que estar na igreja todo domingo, ou quase todo dia para poder continuar acreditando em Deus.” Chegou um momento que, depois de muito tempo, depois de ter me afastado, eu me questioneei realmente: “Será que Deus existe? Ou Deus não existe? Porque, se ele existe mesmo, por que ele não me curou esse tempo?” Depois disso eu disse: “Acho que realmente não é uma doença, então, não preciso de cura e Deus não vai me curar porque eu não sou doente.”

Sou gay, homem cis, branco e tenho 32 anos de idade

Então, na realidade, eu só consegui me aceitar como homossexual e entender que isso realmente não tinha problema nenhum, a partir do momento que eu consegui assimilar esse lado da teologia que entende a coisa diferente. Querendo ou não, até mesmo a minha sexualidade, ainda hoje, ela está vinculada a um entendimento de fé que eu tenho, porque a minha base, no final das contas, o que me deu segurança foi a própria Bíblia. Eu entendi que “Cara, não, eles deturparam tudo”. Eu ainda acredito na Bíblia. Eu ainda tenho fé.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 46 anos de idade

Durante o processo (dos procedimentos de “reversão” da orientação sexual), o impacto foi bem negativo mesmo, de estresse, de tristeza, de não ver uma possibilidade e tudo mais. Após sair, olhar com certo distanciamento e ter visto outras possibilidades, eu vejo que ter participado disso me fez mais ficar atento a esse movimento, me fez observar a estrutura de preconceito muito mais forte em tudo, praticamente me transformou em ativista. Teve um lado muito positivo, porque me fez ir atrás de fazer uma faculdade, como teologia, de estar envolvido com a Igreja Inclusiva, hoje, de estar nesse lugar de discussão religiosa e espiritual, tentando fazer algo para quem quer conciliar as duas coisas, e dizer que é possível. Isso fez eu me tornar mais ativista hoje.

No início, quando eu rompi (com a Igreja tradicional), eu tinha muita raiva, muita raiva mesmo. Eu me sentia trapaceado, sei lá, eu me sentia enganado, porque nunca me foi dito nada assim: “Você está entrando nisso, aqui tem isso e aquilo outro.” Então, eu saí desse lugar de conflito, de fraqueza, de tristeza, para depois ir para a raiva, para a militância. Eu acho que é o jeito de como eu fiz daquilo. Nós fizemos um manifesto contrário, que o Ministério Internacional já tinha, desvelando que o que eles estavam propondo ali a gente sabia que não era terapia de reversão, mas era um processo que vinha de outro país. Era o processo assim: “Olha, Jesus te ama, mas você tem que ser celibatário.” Não era afirmativo da sexualidade e, dessa maneira, a gente achava que aquilo era danoso e prejudicial.

Desde o início, a proposta era o seguinte: tem como você ficar livre da homossexualidade. Aí, chegaram em um ponto que viram que não tinha como: “Não, você pode conviver com ela. Deus te fez assim para que você viva uma vida de sacrifício.” Então, o pessoal lá tinha a seguinte fala: “Deus me ama, eu sou gay, eu sou lésbica, mas eu estou há sete anos sem prática.” Pareciam alcoólicos anônimos. Se eu faltar, não vou ganhar moedinha, já estava lá há tanto tempo sem prática. Estava na época começando isso em uma igreja, e a maioria do pessoal que tinha passado por esse processo todo estava indo para esse lugar. Foi nessa época que eu rompi com tudo, porque para mim não tinha diferença no início ou nesse.

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 21 anos de idade

O grupo que ele passou foi justamente o das pessoas do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial). Ele foi e perguntou isso (no grupo do Whatsapp). Aí, eu fui e falei: “Aconteceu um caso mais ou menos parecido comigo, mas se você quiser...” Aí, ele veio falar no privado, explicou a situação, eu disse: “Eu topo sim fazer isso.” Acho que é algo muito importante para as pessoas terem essa conscientização de que não é por causa de algo que você passou na infância, ou por causa de um transtorno, que você tem uma insatisfação com o seu gênero ou com a sua orientação sexual. As pessoas não vão influenciar, não é uma doença para você ser contaminado. Desde criança até agora eu vejo o jeito que as pessoas olham, eu vejo, principalmente, os pais que não querem os filhos com pessoas LGBTI porque acham que vão acabar se contaminando com aquilo. “Vai transformar o meu filho em LGBTI.” Não é desse tipo. Eu acho que, quanto mais a gente bater na mesma tecla e tentar explicar para eles que a situação não é essa, eu pelo menos espero que tenha uma evolução gratificante, não só para mim, mas para outras pessoas.

Sou mulher trans, branca e tenho 66 anos de idade (orientação sexual não informada)

Disso tudo eu aprendi a ser forte. Então, cada coisa que acontecia comigo, eu olhava para trás e dizia: “Oxente, eu passei por situação pior e consegui superar, então isso para mim não é nada, eu vou superar.” Até hoje eu sou dessa forma. Quando eu me desespero diante de algum problema, eu olho para trás, vou folhear o caderno... “O que é isso? Isso aqui não é nada do que eu passei antes. Eu consigo superar. Por que eu não vou superar isso aqui?” Fico uns dias meio assim, mas depois consigo superar, porque eu vou procurar fortaleza dentro de mim. E isso foi uma das coisas que eu consegui, eu consegui sobreviver a essas tempestades todas.

A vida de uma mulher trans ou um homem trans é muito difícil. É uma turbulência muito grande. De certa forma, quando a gente conversa, consegue colocar muita coisa que está presa dentro da gente para fora. A única forma ainda de se aliviar é quando a gente consegue vomitar tudo isso que está guardado dentro da gente. Então, isso é muito bom.

Eu fui embora também (mudou-se de cidade). A minha vida foi diferente porque construí amizades e encontrei apoio. Eu não tinha conflito comigo mesma pelo apoio que eu recebia das pessoas amigas.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 29 anos de idade

Eu virei para ele (o médico) e falei assim: “Então, quando você fez um tratamento lá comigo tal, você disse que você ia me curar, não sei o que e tal, e o fato que aconteceu é que eu não sei se você é um grande pilantra, ou se você foi enganado por uma criança de 13 anos, aí você decide.” Éramos eu, meu pai e ele. Aí, ele virou e falou assim: “Eu estou muito assustado com isso, eu preciso rever os meus métodos.” Aí, a gente foi embora de lá.

Eu acho que meu pai nem falou nada, praticamente. Então, era isso que eu estava tentando lembrar. Eu acho que meu pai ligou para ele (o médico) e ele falou assim: “Vem aqui que eu quero conversar com vocês.” Eu topei na hora porque, quando eu já tinha 18 anos, eu me sentia muito mais forte, sabe? Eu tinha muito mais clareza daquilo que eu era, eu sou. Então, eu fui muito mais forte, mais tranquilo, porque agora (queria) soltar o que ficou entalado quando eu era uma criança para esse cara que fez tanto mal para mim. Eu falei isso na cara dele e a gente foi embora.

Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 46 anos de idade

Eu superei isso, sabe? Mas eu acho que foi o fato de eu ter saído de casa muito cedo. Eu já tinha saído dos cinco anos aos 16. Aos 17 anos, eu saí definitivamente porque eu queria me formar, eu queria estudar, eu queria trabalhar e, acima de tudo, ser quem eu era, e eu só poderia fazer isso se tivesse como me manter. Eu meio que dei um tiro no escuro e acertei direitinho, porque foi o que aconteceu de fato. Eu vim embora, para a cidade onde vivo hoje, com 17 anos. Aos 23, eu já tinha a minha casa própria, eu já tinha emprego, o ensino médio. É claro que eu não deixei escapar as oportunidades que surgiram na minha vida, e pessoas que te proporcionam isso. Eu agarrei e hoje eu posso falar dessa minha independência financeira, que me deu essa oportunidade de não ter que voltar para a casa da mãe depois de “não deu certo, tem que voltar”. Acontece muito a pessoa ter que voltar para a casa dos pais e, de certa forma, seguir aquelas regras.

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 24 anos de idade

Eu pesava 74 quilos, não me mexia, não fazia nada. Decidi que eu iria fazer exercícios e escrever. Comprei um caderno de 10 matérias. Toda vez que eu tinha, eu colocava “notas pessoais”, a data, e, em vez de dizer para psicóloga, eu escrevia tudo aquilo que eu estava sentindo no momento. Depois, mais calma, eu lia aquilo, tentava ver de outra forma aquilo que eu tinha escrito, na emoção daquele momento, para escrever de que forma eu estava vendo depois. E comecei a caminhar, fazer exercícios. Não tive mais crise de depressão, não tentei suicídio mais, melhorei a minha atividade. Hoje em dia, eu faço todas as minhas coisas. Eu saio, antes eu não saía de dentro de casa, eu não ia nem ver minha avó, perto de casa, eu não fazia nada.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 19 anos de idade

Eu acho que a primeira vez que eu fui tinha muita coisa acumulada, tinha um pouquinho de mágoa do que os meus pais fizeram, do que o meu ex fez, do que eu mesmo fiz, do que aquele retiro me causou, de tudo o que aconteceu. Então, eu vi, “esse é o lugar (boate) que eu tenho para extravasar, para fazer o que eu quiser sem dar importância às outras pessoas”. Eu não sei dançar, só que lá quem quer te pegar não está nem aí para o que você está fazendo. Então, um escape, uma válvula de escape ali.

Sou não binária, intersexual, pansexual e tenho 26 anos de idade (raça não declarada)

Tipo assim: “Vocês podem existir, mas existam enquanto uma doença.” E, aí, muita gente também argumenta que talvez para a gente não seja interessante lutar pela despatologização. Acho que são pouquíssimas pessoas que têm esse discurso até agora, que mantêm esse discurso, por conta do SUS (Sistema Único de Saúde). “Mas aí o SUS vai ter que nos oferecer especificidades de serviço para trabalhar com essa equidade...” Mas, aí, vem o contra-argumento: “E as mulheres cis que estão em gestação? Elas também não têm coisas que são específicas? Nem por isso o SUS deixa de atender e também elas não são consideradas doentes, não é?”

Enfim, eu acho que é uma discussão que cabe muita coisa. Também volto à questão antimanicomial, porque muitas pessoas

trans, travestis – diferentes do meu caso, que eu fui internado enquanto esquizofrênico – são internadas enquanto disfóricas, a família interna compulsoriamente. Tem caso de uma amiga minha daqui. Eu conheço uma que foi internada pela família por ser travesti. É violação de direitos humanos também. Os direitos humanos também foram um marco para mim que me fizeram ver outras coisas, pessoas com deficiência, crianças e adolescentes cumprindo socioeducativo. Eu vi realidades, pude conhecer pessoas que vivem coisas que eu não vivo, e eu também tive uma empatia ao ver como que a gente é violado em humanidade, o quanto de falta de humanidade existe para conosco, LGBTIs, pessoas negras, pessoas indígenas, com deficiência. Hoje, eu encho a boca para falar que eu luto pelos direitos humanos, que eu sou ativista mesmo, vou à Conferência porque os direitos humanos também me deram força. Eu vi outras pessoas que estão ali, sendo violadas, que continuam na força, seguindo a vida também, e discordando de várias prerrogativas.

Parece que eles (aqueles que ofereciam o “tratamento”) estavam se desesperando e que iam me curar de algum jeito, mas só que não tinha cura para nada. Na verdade, eu só queria poder ser eu mesmo, viver do jeito que eu acredito, fazer as coisas que eu gosto, tanto que hoje eu estou sem nenhum remédio, e estou aqui, porque as pessoas me reconhecem pelo nome que eu escolhi. Eu estou no mercado de trabalho e estudo com este nome, a minha família que permanece, os que não viraram as costas me respeitam, mas os que viraram também pouco me importam hoje em dia. Eu acho que essas coisas que trazem cura mesmo, o afeto, a amizade, sei lá, comida gostosa, às vezes, a arte, que para mim é um fator que não tem como não lembrar, o quanto que me ajuda. E hoje eu não tomo nada, nem Rivotril para dormir.

ENCONTREI PROFISSIONAIS QUE
ME ACOLHERAM COMO EU SOU

Neste capítulo, foram distribuídos trechos das narrativas de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTI) que retratam práticas de acolhimentos ao sofrimento ético-político apresentado por pessoas LGBTIs, em decorrência do contexto de opressão e violências. Psicólogas(os), professoras(es), coordenadoras(es) de curso, lideranças religiosas, médicas(os) e assistentes sociais que desenvolveram práticas não individualizantes, de acolhimento familiar, de reconhecimento e fortalecimento da autonomia, por meio da legitimação de sentimentos e afetos, pelo respeito à autodeterminação, construindo formas de lidar com estigmas e preconceitos. Além disso, destacam-se práticas institucionais e políticas públicas de garantias de direitos. Profissionais que consideraram a pluralidade humana e potencializaram a vida e se tornaram exemplos diante de tanto ódio e violência.

Sou bissexual, homem cis, branco e tenho 38 anos de idade

Com 15 anos, eu acabei sendo descoberto. Não fui nem que eu assumi, eu fui descoberto, porque me apaixonei por um vizinho mais velho, e acabei tendo um relacionamento com ele. Então, a minha mãe percebeu o comportamento e ela acabou descobrindo que eu tinha um envolvimento com esse rapaz mais velho. Consequentemente, houve um desgaste muito forte, a tristeza dos pais, a ameaça da própria felicidade. “Meu Deus, e agora? Eles estão completamente infelizes, com a minha situação.” E, aí, eles me levaram, primeiramente, para um psicólogo. Esse profissional, que é um profissional de muitos anos e que existem algumas produções científicas dele muito interessantes na área, um profissional respeitado, conseguiu dar um conforto familiar, no primeiro momento. Foi o que eu percebi.

Eu fui a algumas sessões e precisei convidar os meus pais porque o conflito era familiar, e ele parece ter dado certo suporte a ela (mãe) naquele momento. Eu acho que mais para ela do que para mim, inclusive. O que ele dizia para mim era sentido, era uma sensação. Ele explicava teoricamente algo, mas para mim era sentido. Então, era muito mais para ela. Houve certo conforto ali.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 29 anos de idade

Eu acho que ela era psicóloga e psicoterapeuta, é assim que fala não é? Ela falou assim: “Não tem nada de errado com você. Errados são os seus pais. O problema não é você.” Eu fiquei muito feliz, parecia que era uma luz no fim do túnel, alguém no meio de um furacão estava me apoiando. Eu saí de lá e o meu pai perguntou como é que foi. Eu falei exatamente o que ela falou e ele ficou muito bravo, ligou para ela, brigou com ela e nunca mais fui lá.

Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 36 anos de idade

Iniciei com outra profissional, que foi fantástica. Ela me acolheu, soube entender o meu momento, soube lidar com os meus medos. Falava: “Olha, no seu tempo, você acha que você quer continuar com homem? Você está com dúvida? Vamos lá, então, fica com um, fica com outro, experimenta.” Depois eu cheguei e falei: “Não, o negócio é que eu sou lésbica mesmo.” “É isso? Então, está bom. O dia que você não quiser falar sobre isso, se isso for pesado, a gente não fala, a gente pode conversar sobre outras coisas, o dia que você quiser, a gente fala.” Ela foi me dando liberdade. Eu acho que eu nunca tinha tido autonomia para de fato refletir e pensar. Ela me ajudou. Eu atribuo a minha tranquilidade hoje à terapia na psicologia, com ética, com conhecimento científico acerca da sexualidade, gênero, orientação sexual.

Sou gay, homem cis, branco (idade não informada)

Um ponto positivo do que ela (a psicóloga) fez na minha vida foi autorizar a minha autonomia. Depois que ela viu que eu estava me desenvolvendo, que eu estava criando a minha própria personalidade, eu estava dizendo: “Poxa, eu não tenho mais como viver longe disso Não tem como eu não exercer a minha sexualidade.” Aí, ela começou um trabalho de organização familiar, seja lá o que isso significue. Ela atuou para reposicionar a minha família.

Sou mulher intersexual, heterossexual, branca e tenho 28 anos de idade

Eu consegui uma psicóloga e foi quem me acompanhou por 10 anos da minha vida. Ai, foi diferente. Ela me ajudava a descobrir o que estava acontecendo comigo. Ela perguntava coisas da minha vida, como eu me sentia, desde quando, o que eu achava melhor para melhorar isso, sabe? Ela me ajudava a lidar com os preconceitos, foi isso. Nessa perspectiva, no que eu trazia para ela, e ela não me empurrava nada. Não era: “Você tem que ser assim.” Era: “Você tem que ser do jeito que você é. Se está te incomodando a gente pode ver o que pode minimizar esse incômodo, mas está te incomodando, ou não está te incomodando?.” Ela sempre trabalhava com isso e eu falei assim: “Me incomoda o preconceito que os outros tem.” “Então, eu estou aqui para ajudar você a lidar com o preconceito que os outros tem.” Foi um vínculo que eu carrego até hoje. Foi muito duro até terminar tudo. Para mim, foi uma das pessoas que mais me ajudou.

Sou gay, homem cis, pardo e tenho 26 anos de idade

Quando eu tinha em torno de 15 anos, meus pais começaram a desconfiar da minha orientação sexual, que eu não era heterossexual, e minha mãe veio me perguntar se eu tinha alguma dúvida em relação a isso. Daí, eu falei para ela que tinha dúvidas, mas, na verdade, na época, eu já sabia que eu era gay. Para não causar um rebuliço muito grande na minha casa, eu falei só que eu tinha dúvidas. E, aí, por isso, ela resolveu me levar em uma psicóloga. Nessa primeira psicóloga, ela havia me levado lá com o intuito de que eu esclarecesse minha sexualidade, que eu tirasse dúvidas, tudo mais. Até então, ela achava (que eram) apenas dúvidas, não que eu tinha certeza que eu era gay. Conversando com uma psicóloga, eu resolvi falar abertamente que eu era gay, sim, que eu nunca tive problemas com essa identidade e que eu havia falado que tinha dúvidas só para atenuar o espanto dos meus pais naquela época.

Então, a psicóloga me recebeu muito bem. Ela falou que isso é muito normal, me perguntou dos planos para a minha vida. Eu falei dos planos que eu tinha profissionais, pessoais. Ela me deu toda a força para que eu contasse para a minha mãe que eu realmente era gay, que me identificava de tal maneira e que não tinha nenhum problema quanto a isso. Em outra sessão, só com a minha mãe, ela falou isso para a minha mãe, que eu me identificava como homossexual e tudo mais. Só que minha mãe não aceitou muito bem. Minha mãe achava que a psicóloga tinha desistido muito fácil. Na cabeça da minha mãe, era tudo uma fase, eu era muito novo para saber esse tipo de coisa, para ter esse tipo de decisão. Então, ela ficou meio que revoltada com a psicóloga por ela ter, simplesmente, aceitado que eu era gay, e, daí, a minha mãe resolveu abandonar essa psicóloga.

Eu estava bastante nervoso, porque eu sabia o motivo pelo qual eu estava indo na psicóloga. Era a primeira vez que eu tinha ido também e ela não tentou me reorientar. Ela só tentou compreender o que eu sentia. Ela me perguntou: “Você se identifica como? Que dúvidas são essas?” Como eu não tinha dúvidas, eu expus para ela toda a situação que eu falei que eu tinha dúvidas, mas que, na verdade, eu era gay mesmo, que eu já sabia disso. Eu sabia diferenciar os sentimentos: o desejo que eu tinha sexual pelos meninos do das meninas. Eu sabia essa diferença e ela simplesmente me acolheu, na verdade. Ela não tentou me reorientar, ou falar que existia uma possibilidade de mudar, ou falar que era só fase. Que eu me lembre, ela só me acolheu e falou que era normal. Com ela, eu fui só essa sessão, porque nessa sessão eu já falei que eu não tinha dúvidas. A outra sessão foi com a minha mãe e minha mãe já ficou irritada porque ela falou para a minha mãe aceitar. E, aí, eu não voltei mais nela.

Sou gay, homem cis, branco e tenho 31 anos de idade

Sim, toda semana, presencial. Ele era um senhor, mas muito acolhedor. Embora seja um psicólogo e também um pastor, ele me acolheu muito. Não dizia que a homossexualidade era errada, ou não. Ele entende que a homossexualidade é uma variante da sexualidade humana. Ele já é um senhor, bem senhor mesmo. Ele acabou deixando também a função de pastor e, aí, ele exerce a clínica de forma muito interessante. Foi muito acolhedor, foi muito importante.

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 21 anos de idade

Depois de um tempo, eu procurei a coordenação da faculdade para mudar o nome lá nos registros, colocar o nome social. Foi um processo meio complicado porque a faculdade ainda tem algumas dificuldades em relação a isso. Mas, depois de um bom tempo, depois de conversar lá com uma das coordenadoras, deu certo, consegui a mudança. Tinha professores também que já estavam me tratando pelo nome social. (Quando) eu cheguei a conversar, ela disse: “Tudo bem, eu vou tratar você assim, sim.”

Sou mulher intersexual, heterossexual, branca e tenho 28 anos de idade

O padre me chamou para conversar. Eu expliquei para ele o que tinha acontecido, aquela história, que eu estava com hipogonadismo. Daí, o médico falou para eu tomar remédio. Eu não ia tomar. Eu tinha começado a tomar o remédio contrário. Para ser menino, eu precisava tomar testosterona, eu queria tomar estrogênio porque eu quero me identificar. E o padre me acolheu, ele deixou. Essa foi a proposta dele: “Continua vestindo, que depois, quando tiver a mudança para mulher, quando você estiver toda feminina, a gente pode colocar você com o seu nome.”

Quem tinha que considerar – a psicóloga e o psiquiatra – não estava considerando. Quem estava considerando a minha identidade de gênero era a geneticista, tanto que era ela quem dava uma apaziguada. Ela falava: “Não dá para a gente fazer. A gente não pode obrigar o paciente a tomar algo que não queira. Você tem que ver como o paciente se sente, o que traz de dentro.” Eu também procurei uma assistente social. Contei toda a minha história, ela ficou superpreocupada porque eu tinha medo de morrer, que a violência era muito grande. Ela deu um jeito de colocar a gente em um programa social e tirar a gente de lá. E, aí, eu mudei e melhorou.

Sou mulher trans, branca e tenho 66 anos de idade (orientação sexual não informada)

Eu falei do psiquiatra. Ele foi uma pessoa excelente. Na época, ele me deu um apoio muito grande. Era uma pessoa fantástica na minha vida. Ele me ajudou bastante. Ele falava que tudo bem. Eu achava até engraçado que ele me falava muito sobre a história do patinho feio, que era um patinho que depois virou um cisne. Ele não era um patinho, na realidade, ele era um cisne. Ele contava muito essa história e eu achava uma história fantástica. Ele falou que ele ficava amedrontado, assustado, mas depois ele viu que ele era diferente dos outros, era a história que ele me contava. Era o tempo todo longe dos outros irmãos, mas depois ele ficou belíssimo, aí, ele viu realmente que ele era diferente, porque ele era um cisne. Eu também encontrei muitos professores bons, que foram bons comigo, isso eu não posso nem reclamar. Eu nunca passei por nenhum constrangimento sobre a minha sexualidade com nenhum professor.

Sou homem trans, heterossexual, pardo e tenho 21 anos de idade

Ele (o pai) já chegou a fazer várias e várias coisas, inclusive, na frente de várias pessoas e para uma criança não é algo bom. Aí, quando ela (a mãe) chegou a ir comigo no Conselho Tutelar, chamaram ele no Conselho Tutelar e me encaminharam para o CREAS (Centro de referência especializada da assistência social). Chamaram ele para ir porque eu ia passar por um novo acompanhamento psicológico e queriam que ele fosse também. No Creas, eu recebi bem mais apoio. Eu me recordo bem que o assistente social que estava lá junto com a gente mandou falar diretamente para o meu pai que se todo mundo me aceitava dessa maneira, por que ele não poderia aceitar? Aí, ele veio com o questionamento: “Eu aceito, só que é o modo que os outros vão julgar ela.” Aí, ele falou: “Mas isso não importa. Se as outras pessoas julgam, deixe julgar. É a felicidade dela. Se as pessoas mais próximas aceitam, por que você não pode aceitar?”

Aí, foi que eu soube que no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) tinha psiquiatra e tinha o grupo que ajudava a acolher as pessoas trans. Um colega meu falou: “Procure o CAPS, lá tem psicólogo, tem psiquiatra e, se realmente você tiver dúvidas em relação a isso, procure lá que você vai esclarecer.” Aí, eu disse: “Então, está bom, vou procurar.” Fui e procurei. Nisso, eu já estava meio que mais certo ainda daquela decisão. Quando eu cheguei lá, eu vi outras pessoas, vi o psicólogo e a estagiária, pessoas que me respeitaram desde o começo, que me acolheram mesmo e eu percebi: “Realmente, eu estou no lugar certo. Estou no caminho certo. É isso que eu quero e eu quero continuar nessa jornada.” Até hoje eu estou indo lá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais compartilharam suas histórias de dor e resistência. Essas histórias foram distribuídas neste livro de maneira cuidadosa, preservando ao máximo a oralidade e o modo como a pessoa se expressou no momento das entrevistas. Para tanto, o foco central foram as narrativas destes sujeitos em relação às violências e opressões que vivenciaram no cotidiano, violências estas que culminaram, em alguns casos, no acesso a procedimentos e programas formais de mudança da orientação sexual e da expressão/identidade de gênero.

Ressalta-se que não houve pretensão em elaborar uma análise de cunho acadêmico, mas sim possibilitar primordialmente que a(o) leitora(or) tivesse maior proximidade com a realidade vivenciada por tais pessoas a partir de suas narrativas. Embora fosse difícil rememorar as experiências de violências no momento da entrevista, a grande maioria das entrevistadas ressaltou que o motivo de compartilhar as suas histórias era o de colaborar para evitar que outras passem por situações e sofrimentos semelhantes. Sem dúvida, ao dividir suas experiências, contribuem para o debate acerca das diferentes formas de vulnerabilidade social e precarização da vida de pessoas LGBTIs.

A partir da apreciação das narrativas expostas aqui neste livro, torna-se relevante ressaltar que tais falas evidenciam forças opressoras que incidem de modo aniquilador na produção de subjetividades de pessoas LGBTIs. Entre as forças produtoras de subjetividades, destacamos a heteronormatividade e a cisgeneridade como sistemas autoritários e excludentes. Elas

abarcam práticas diretivas, pautadas em saberes e ações que se utilizam, de forma aviltante, antiética e distorcida, dos campos biomédico, psicológico e religioso, invisibilizando assim outros modos de existência, ao produzirem violências diversas em nome de valores morais e anticientíficos. Essas práticas se utilizam ainda de um modelo naturalizado de família, evidenciando uma maneira pretensamente universal de conceber essa instituição, desvinculada dos planos histórico, antropológico, sociológico, psicológico e político.

Ao longo da compilação das entrevistas, notou-se a existência de diferentes ofertas de “tratamentos” em torno da promessa de cura, reversão e reorientação da sexualidade e do gênero, alguns institucionalizados em programas, mas muitos deles realizados a partir de práticas não sistematizadas, o que foi uma surpresa. Considera-se que LGBTIs sujeitaram-se e/ou foram submetidas a estes processos buscando minimizar as violências e opressões que vivenciaram num contexto social moralizante, individualizante, culpabilizante e aniquilador das diferenças, o qual produz sofrimentos ético-políticos por meio da negação de suas orientações sexuais e expressões de gênero como possibilidades de expressões humanas. Entre as experiências de sofrimentos narrados, estão o medo, a culpa, o ódio, a autodepreciação do desejo sexual e da expressão de gênero, a vergonha, ideações suicidas, tentativas de suicídio, entre outros.

É importante salientar que a utilização da palavra “tentativas”, no título dessa obra, busca evidenciar que as práticas ou procedimentos que atravessam cada narrativa não produziram nenhuma alteração da sexualidade e da expressão/identidade de gênero dos sujeitos. Sendo assim, a produção de práticas com esse objetivo é falaciosa, pois opera apenas para a afirmação da heteronormatividade e cisgeneridade, produzindo um misto de torturas que aqui são denunciadas.

Ressalta-se a importância de se contrapor às lógicas que reforçam a premissa de vítimas e algozes. Diferente disso, importa afirmar e denunciar as malhas discursivas e enunciativas que formam o tecido social da violência e do ódio para com as diferenças, isto é, as condições que permitem que algumas existências sejam tidas como vidas possíveis e outras como não legítimas. Certamente, estas condições de possibilidade fazem parte da produção histórica e cultural que se fundamenta em violências estruturais de nossa sociedade, tais como as violências de gênero, de classe, de raça/etnia, de orientação sexual e expressões de gênero. Desse modo, busca-se evidenciar quaisquer práticas antiéticas e anticientíficas, bem como pôr em questão todas as ações morais que se utilizam da Psicologia para reproduzir preconceitos, estigmas e violências, especialmente aquelas pautadas na heteronormatividade e na cisgeneridade.

Almeja-se que essa publicação possa servir como disparadora de futuras pesquisas sobre as questões contidas nas narrativas e, sobretudo, reafirmar o compromisso da Psicologia, como ciência e profissão, no enfrentamento a quaisquer formas de negligência, crueldade, violência e opressão.

ANEXOS

ANEXO 1 - RESOLUÇÃO CFP N° 1, DE 22 DE MARÇO DE 1999

**RESOLUÇÃO CFP N° 001/99
DE 22 DE MARÇO DE 1999**

**Estabelece normas de atuação
para os psicólogos em relação à
questão da Orientação Sexual.**

O CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, no uso de
suas atribuições legais e regimentais,

CONSIDERANDO que o psicólogo é um profissional da saúde;
CONSIDERANDO que na prática profissional, independentemente da área em que esteja atuando, o psicólogo é frequentemente interpelado por questões ligadas à sexualidade.

CONSIDERANDO que a forma como cada um vive sua sexualidade faz parte da identidade do sujeito, a qual deve ser compreendida na sua totalidade;

CONSIDERANDO que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão;

CONSIDERANDO que há, na sociedade, uma inquietação em torno de práticas sexuais desviantes da norma estabelecida sócio-culturalmente;

CONSIDERANDO que a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações;

RESOLVE:

Art. 1º - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2º - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3º - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas,

nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica.

Art. 5º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se todas as disposições em contrário.

Brasília, 22 de março de 1999.

ANA MERCÊS BAHIA BOCK

Conselheira Presidente

ANEXO 2 - RESOLUÇÃO CFP Nº 1, DE 29 DE JANEIRO DE 2018

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA RESOLUÇÃO Nº 1, DE 29 DE JANEIRO DE 2018

Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis.

O CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, no uso de suas atribuições legais e regimentais, que lhe são conferidas pela Lei n.º 5.766, de 20 de dezembro de 1971, e pelo Decreto nº 79.822, de 17 de junho de 1977;

CONSIDERANDO os princípios fundamentais previstos no Art. 1º da Constituição Federal de 1988, que estabelece a dignidade da pessoa humana como fundamento do Estado Democrático de Direito, e o Art. 5º, que dispõe que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”;

CONSIDERANDO o Art. 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 10 de dezembro de 1948, o qual enuncia: “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”;

CONSIDERANDO os Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero presentes na Convenção de Yogyakarta, de novembro de 2006;

CONSIDERANDO a Declaração de Durban – Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata –, que reafirma o princípio de igualdade e de não discriminação, adotada em 8 de setembro de 2001;

CONSIDERANDO a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexual, publicada em 2013 pelo Ministério da Saúde;

CONSIDERANDO o Código de Ética Profissional das Psicólogas e dos Psicólogos, editado por meio da Resolução CFP nº 10/2005, de 21 de julho de 2005;

CONSIDERANDO as expressões e identidades de gênero como possibilidades da existência humana, as quais não devem ser compreendidas como psicopatologias, transtornos mentais, desvios e/ou inadequações;

CONSIDERANDO que expressão de gênero refere-se à forma como cada sujeito apresenta-se a partir do que a cultura estabelece como sendo da ordem do feminino, do masculino ou de outros gêneros;

CONSIDERANDO que identidade de gênero refere-se à experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo e outras expressões de gênero;

CONSIDERANDO que cisnormatividade refere-se ao regramento social que reduz a divisão das pessoas apenas a homens e mulheres, com papéis sociais estabelecidos como naturais, postula a heterossexualidade como única orientação sexual e considera a conjugalidade apenas entre homens e mulheres cisgêneros;

CONSIDERANDO a cisnormatividade como discursos e práticas que excluem, patologizam e violentam pessoas cujas experiências não expressam e/ou não possuem identidade de gênero concordante com aquela designada no nascimento;

CONSIDERANDO que a autodeterminação constitui-se em um processo que garante a autonomia de cada sujeito para determinar sua identidade de gênero;

CONSIDERANDO que a estrutura das sociedades ocidentais estabelece padrões de sexualidade e gênero que permitem preconceitos, discriminações e vulnerabilidades às pessoas transexuais, travestis e pessoas com outras expressões e identidades de gênero não cisnormativas;

RESOLVE:

Art. 1º - As psicólogas e os psicólogos, em sua prática profissional, atuarão segundo os princípios éticos da profissão, contribuindo com o seu conhecimento para uma reflexão voltada à eliminação da transfobia e do preconceito em relação às pessoas transexuais e travestis.

Art. 2º - As psicólogas e os psicólogos, no exercício profissional, não exercerão qualquer ação que favoreça a discriminação ou preconceito em relação às pessoas transexuais e travestis.

Art. 3º - As psicólogas e os psicólogos, no exercício profissional, não serão coniventes e nem se omitirão perante a discriminação de pessoas transexuais e travestis.

Art. 4º - As psicólogas e os psicólogos, em sua prática profissional, não se utilizarão de instrumentos ou técnicas psicológicas para criar, manter ou reforçar preconceitos, estigmas, estereótipos ou discriminações em relação às pessoas transexuais e travestis.

Art. 5º - As psicólogas e os psicólogos, no exercício de sua prática profissional, não colaborarão com eventos ou serviços que contribuam para o desenvolvimento de culturas institucionais discriminatórias em relação às transexualidades e travestilidades.

Art. 6º - As psicólogas e os psicólogos, no âmbito de sua atuação profissional, não participarão de pronunciamentos, inclusive nos meios de comunicação e internet, que legitimem ou reforcem o preconceito em relação às pessoas transexuais e travestis.

Art. 7º - As psicólogas e os psicólogos, no exercício profissional, não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização das pessoas transexuais e travestis.

Parágrafo único: As psicólogas e os psicólogos, na sua prática profissional, reconhecerão e legitimarão a autodeterminação das pessoas transexuais e travestis em relação às suas identidades de gênero.

Art. 8º - É vedado às psicólogas e aos psicólogos, na sua prática profissional, propor, realizar ou colaborar, sob uma perspectiva patologizante, com eventos ou serviços privados, públicos, institucionais, comunitários ou promocionais que visem a terapias de conversão, reversão, readequação ou reorientação de identidade de gênero das pessoas transexuais e travestis.

Art. 9º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Rogério Giannini
Conselheiro Presidente

Documento assinado eletronicamente por **Rogério Giannini, Conselheiro Presidente**, em 29/01/2018, às 16:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.cfp.org.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0024901** e o código **CRC 8F5DCF4A**.

ANEXO 3 - RESOLUÇÃO Nº 10, DE 27 DE MARÇO DE 2018

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA
RESOLUÇÃO Nº 10, DE 27 DE MARÇO DE 2018

**Dispõe sobre a inclusão do
Nome Social na Carteira de
Identidade Profissional da
Psicóloga e do Psicólogo e dá
outras providências.**

O CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, no uso de suas atribuições legais e regimentais que lhe são conferidas pela Lei nº 5.766, de 20 de dezembro de 1971, e pelo Decreto nº 79.822, de 17 de junho de 1977;

CONSIDERANDO o direito à cidadania e o princípio da dignidade da pessoa humana, previstos no Art. 1º, incisos II e III, da Constituição Federal de 1988;

CONSIDERANDO o direito à igualdade de todos os cidadãos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, previsto no Art. 5º da Constituição Federal de 1988;

CONSIDERANDO o disposto na Lei nº 6.206, de 7 de maio de 1975, que “dá valor de documento de identidade às carteiras

expedidas pelos órgãos fiscalizadores de exercício profissional”;

CONSIDERANDO que o documento de identificação da Psicóloga e do Psicólogo é a Carteira de Identidade Profissional (CIP), conforme termos do Art. 14, da Lei nº 5.766, de 20 de dezembro de 1971, Art. 47, do Decreto nº 79.822, de 17 de junho de 1977, e do Art. 47, da Resolução CFP n.º 003/2007;

CONSIDERANDO que o Art. 47, do Decreto nº 79.822, de 17 de junho de 1977, estabelece ainda que, deferida a inscrição, será fornecida à Psicóloga e ao Psicólogo CIP, na qual serão feitas anotações relativas à atividade da portadora e do portador;

CONSIDERANDO o Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016, que dispõe sobre o uso do Nome Social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da Administração Pública Federal direta, autárquica e fundacional;

CONSIDERANDO a decisão do Plenário do Conselho Federal de Psicologia, na 14ª Reunião Plenária, realizada nos dias 26 e 27 de janeiro de 2018;

CONSIDERANDO o constante dos autos dos processos n.ºs 576600003.000083/2018-15 e 576600001.000044/2017-57,

RESOLVE:

Art. 1º. Assegurar às pessoas transexuais e travestis o direito à escolha de tratamento nominal a ser inserido na CIP da Psicóloga e do Psicólogo, por meio da indicação do Nome Social, bem como nos atos e procedimentos promovidos no âmbito do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e dos Conselhos Regionais de Psicologia (CRP), tais como registros dos sistemas de informação, cadastros, programas, serviços, fichas, formulários, boletos de pagamento, informativos, publicidade e congêneres.

§ 1º. As CIP, expedidas após a publicação desta Resolução, serão confeccionadas, contendo campo adequado para a inserção do Nome Social da Psicóloga e do Psicólogo que assim requerem. O Nome Social deverá ser disposto, preferencialmente, próximo à foto, ao RG e ao CPF, em campo principal designado para esta finalidade.

§ 2º. Nos sistemas informatizados de acesso ao público, serão apresentados apenas o Nome Social, seguido do número de registro, conforme solicitado pelo profissional. Nos sistemas internos do Conselho Federal de Psicologia e dos Conselhos Regionais de Psicologia, em que seja estritamente necessário o cadastramento e visualização do Nome Civil da Psicóloga e do Psicólogo, deverá ser dado destaque ao Nome Social.

§ 3º. Nos processos administrativos, em que seja imprescindível o uso do Nome Civil, deverá constar, primeiramente, o Nome Social, seguido da inscrição “registrada(o) civilmente como”.

Art. 2º. A Psicóloga e o Psicólogo solicitarão, por escrito, ao Conselho Regional de Psicologia, a inclusão do pronome que corresponda à forma pela qual se autodetermine.

Parágrafo único. As Conselheiras e os Conselheiros, funcionárias e funcionários, assessoras e assessores, colaboradoras e colaboradores do Conselho Federal de Psicologia e dos Conselhos Regionais de Psicologia deverão tratar as pessoas transexuais e travestis pelo prenome indicado, que constará dos atos escritos.

Art. 3º. Fica permitida a assinatura nos documentos resultantes do trabalho da Psicóloga e do Psicólogo, bem como nos instrumentos de sua divulgação, o uso do Nome Social, juntamente com o número de registro do profissional, não sendo necessária a inclusão do Nome Civil.

Parágrafo único. Para efeito de tratamento profissional da Psicóloga e do Psicólogo, a exemplo de crachás, dentre outros, deverá ser utilizado somente o Nome Social e o número de registro.

Art. 4º. – É garantido o uso de banheiros, vestiários e demais espaços segregados por gênero, quando houver, de acordo com a identidade de gênero de cada sujeito no Conselho Federal de Psicologia e Conselhos Regionais de Psicologia.

Art. 5º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Rogério Giannini
Conselheiro Presidente

Documento assinado eletronicamente por **Rogério Giannini, Conselheiro Presidente**, em 28/03/2018, às 11:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.cfp.org.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0037173** e o código **CRC BBB3EAF6**.



Conselho
Federal de
Psicologia

Conselhos
Regionais de
Psicologia